

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

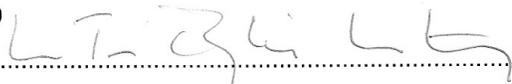
**Título A composição de cada um ? Um estudo sobre identidades e diferenças**

Autor: Maria Isabel Sampaio Dias Baptista  
Orientadora: Profa. Dra. Maria Teresa Eglér Mantoan

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por **Maria Isabel Sampaio Dias Baptista** e aprovada pela Comissão Julgadora.

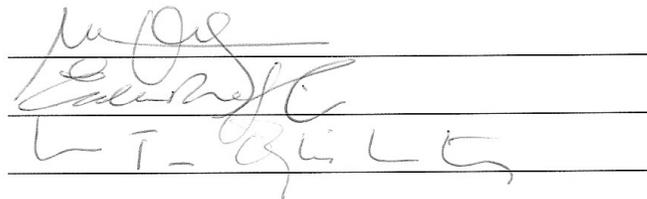
Data: 4/06/2009

Assinatura:.....



Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:



2009

© by Maria Isabel Sampaio Dias Baptista, 2009.

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Baptista, Maria Isabel Sampaio Dias.  
B229c A composição de cada um? Um estudo sobre identidades e diferenças / Maria  
Isabel Sampaio Dias Baptista. – Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Maria Teresa Eglér Mantoan.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade  
de Educação.

1. Diferenças. 2. Identidades. 3. Inclusão. 4. Acessibilidade. 5. Artes.  
I. Mantoan, Maria Teresa Eglér. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade  
de Educação. III. Título.

09-167/BFE

**Título em inglês :** Each one 's composition. A study of identities and differences

**Keywords:** Diference ; Identity ; Inclusion ; Acessibility; Arts

**Área de concentração:** Ensino, avaliação e formação de professores.

**Titulação:** Mestre em Educação

**Banca examinadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Teresa Eglér Mantoan (Orientadora)  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Terezinha da Consolação Teixeira dos Santos  
Prof. Dr. Esdras Rodrigues Silva

**Data da defesa:** 04/06/2009

**Programa de pós-graduação :** Educação

**e-mail :** [bel@aleph.com.br](mailto:bel@aleph.com.br)

## Dedicatória

Este trabalho é carinhosamente dedicado à luminosa presença de meus pais:

Adélia Aparecida Sampaio Dias Baptista  
e Cleômenes Mário Dias Baptista (*in memoriam*).

*Se todos fossem iguais a você(s) ↓*

*Que maravilha viver*

*Uma canção pelo ar*

*Uma mulher a cantar*

*Uma cidade a cantar*

*A sorrir, a cantar, a pedir*

*A beleza de amar*

*Como o sol*

*Como a flor*

*Como a luz*

*Amar sem mentir*

*Nem sofrer*

*Existiria verdade*

*Verdade que ninguém vê*

*Se todos fossem no mundo*

*iguais a você(s)*

[*"Se todos fossem iguais a você" - Tom Jobim e Vinícius de Moraes*]

## **Agradecimentos**

Sambando na lama  
De sapato branco, glorioso  
Um grande artista  
Tem que dar o tom  
Quase rodando, caindo de boca  
A voz é rouca, mas o mote é bom  
Sambando na lama  
E causando frisson  
[“Cantando no toró” - Chico Buarque]

Meu profundo agradecimento a todos os solistas que participaram desta  
composição musical.  
Um beijo carinhoso!  
Bel Dias

Alexandre Cippola; Almir Côrtes; Ana Elisa Dias Baptista; Celso P. de Moraes;  
Fabiana Fator Gouvea Bonilha; Fred Rossi; Gilzane C. Castellean; Hilton Jorge  
"Gogô" Valente; Izabel Padovani; Marcelo Grasmann; Patrícia Marchiori.

### **Profa. Dra. Maria Teresa Eglér Mantoan.**

Uma pessoa encantadora. Na liberdade e amizade, em colaboração e com alegria ensinou-me que não se atiram pedras em árvores que não dão frutos. Com sua sensibilidade, escutou minha voz. Decidiu comigo construir esta inclassificável composição musical e arriscar-se em um salto de equilibrista. Aprendi com a professora Maria Teresa que há leveza em saber que estamos dando o melhor de nós mesmas. A ela e ao Laped dedico a charge da equilibrista.

### **Profa. Dra. Maria Terezinha da Consolação Teixeira dos Santos e Prof. Dr. Esdras Rodrigues Silva.**

Por aceitarem o convite para examinar esta composição. Pelas valiosas contribuições e por terem acolhido a natureza estranha deste trabalho. Agradeço esse tempo que estivemos juntos.

**Prof. Dr. Silvio Donizetti de Oliveira Gallo.**

Pela atenção a mim dispensada e pela total disponibilidade em examinar o trabalho. Agradeço ainda, por ter aceitado o convite para compor a banca examinadora.

**Profa. Dra. Maria Cecilia Calani Baranauskas.** Pelas trocas constantes, desde 2004 no trabalho com o Grupo Todos Nós. Por aceitar compor a banca examinadora suplente.

**Profa. Dra. Elisabeth Barolli.** Por aceitar compor a banca examinadora suplente.

**Adélia Sampaio Dias Baptista.** Minha mãe apoiou-me incondicionalmente em todos os momentos durante este processo; compartilhou comigo esta experiência. Fundamentais foram nossas reflexões. Com seu estilo de escrita conciso, me auxiliou nas revisões.

**Ana Elisa Sampaio Dias Baptista.** “Minha bonequinha de cristal, moras dentro do meu coração”... Por estar comigo em um dos piores momentos vivenciados durante este processo e por fazer toda diferença nesta hora. Sempre me socorre, minha irmã querida, obrigada!

**José Nogueira Sampaio:** Meu querido avô que, com sua minuciosa atenção, revisou pedaços do texto. Exemplo de vida e persistência e de quem nossa família herdou o cultivo e amor aos livros (especialmente aos dicionários)...

**Alexandre Cippola.** Além de ser meu primeiro parceiro musical, se dispôs a me auxiliar nas dúvidas e maluquices que fui criando. Improvisou um estúdio de gravação em sua casa, onde registramos as canções que aparecem em alguns links. Este amigo brindou-me, ainda, com um presente especial: os desenhos que povoaram meu trabalho foram feitos por seus alunos.

**Almir Côrtes** foi meu consultor musical e teve muita paciência comigo. Além de ser também meu parceiro musical, com quem fiz a incrível jornada de gravar um CD no meio de toda essa loucura. Almir dispôs-se a tocar comigo no dia da defesa.

**Renato Stegun.** Desenhou o ambiente virtual, o que deu um rosto a meu Golem. Criou todas as charges do projeto. Agradeço pela exclusividade, sensibilidade e

elegância em captar tudo com humor e refinamento. As charges foram um diferencial em meu trabalho!

**Priscilla Stegun.** Desde minha **primeira** tentativa em trabalhar com o programa *Include-it*, ajudou com paciência e carinho. Sem ela o ambiente virtual deste trabalho não teria sido viabilizado. Auxiliou-me, ainda, na produção geral de todos os infinitos detalhes para o momento da defesa: foi ela a criadora do material que chamamos depois de "kit Golem", feito para a apresentação.

**Cláudio Stegun.** Plantonista para pânicos em geral, amigo de longa data, me socorreu em diversas aflições digitais. Divertiu-se com "sua criatura" o *Include-it*, tomando rumos impensados.

**Maria Cecilia (Ciça) Stegun.** A amizade sempre.

**Colegas do Lepad: Helena, Susie, Janaína...** Compartilhamos nossas dúvidas e idéias sobre os trabalhos. No espírito de colaboração livre, espontânea e alegre.

**Lilia Maria Souza Barreto.** Amiga e colega do Lepad. Construimos um laço de amizade e de cumplicidade que se expandiu. Trocamos agruras e celebramos conquistas durante toda esta aventura. Um brinde à **nossa** modernidade líquida!

**Janaína Speglich de Amorim Carrico.** Interlocutora e amiga indispensável nas trocas durante este processo. Que nossas "Apps muito loucas" continuem!

**Amigos da equipe do Todos Nós.** Com os quais venho aprendendo desde 2004. Agradeço a generosa acolhida quando cheguei. Trabalhar com eles é como compor uma obra em meio ao caos. Desordem, barulho, confusão, rebeliões: repentinamente, sem que ninguém se dê conta, emerge uma bela obra musical. A eles dedico um dos sons mais emocionantes que conheço. 

**Fabiana Fator Gouvea Bonilha.** Prontamente me auxiliou, testando as ferramentas deste ambiente virtual e, ainda, encaminhando textos e documentos para o Braille. Sua visão ilumina minha compreensão sobre inclusão.

**Amanda Meincke Melo.** Amiga a quem *Amanda Beck* e eu devemos muitos agradecimentos, pelas lições de atenção e de companheirismo.

**Deise Tallarico Pupo e Silvia Helena Rodrigues de Carvalho.** Apoiaram e sempre estiveram comigo durante a elaboração deste trabalho. Agradeço, ainda,

aos estagiários do Laboratório de Acessibilidade - **LAB** que auxiliaram na transposição dos arquivos para o *Braille*.

**Thiago Beretta.** Socorreu-me e ajudou muito na edição do vídeo produzido para a apresentação.

**Patrícia Marchiori:** Foi a responsável por conseguir a gravação do ensaio da orquestra sinfônica de Campinas. Um som precioso, que fez toda diferença!

**Silvia Helena Mendonça.** O carinho norteador em meio a uma opacidade indistinta; por mostrar que minha identidade não é imutável.

**Gislaine Zago.** Pela ajuda nos reflexos provocados na confecção deste Golem; pela acolhida durante um processo de reencontro com este meu corpo-casa.

**Maria Aparecida Rosi (Cida).** Amiga recente, que deu a dica da última charge produzida para este Golem. Adorei as trocas sobre o trabalho, que elas perdurem!

**Nadir Camacho (Secretaria da Pós- Graduação).** Acolheu minhas aflições (e de outras colegas) sempre com calma e carinho.

**A CAPES/PROESP:** Pela concessão da bolsa de estudos;

## Resumo

Diferenças e identidades são objetos de meu estudo, tendo como pano de fundo a vida de músicos e pessoas ligadas à Arte. Meu problema partiu da visão congelada que a sociedade apresenta sobre estas pessoas, criando estereótipos e, muitas vezes, marcando posições sociais desvantajosas. Reflito sobre as armadilhas da diferença e a fluidez da identidade. Tenho como objetivo central mostrar a viabilidade de romper com representações fechadas, buscando rupturas. Por conceber a construção do conhecimento como a criação de redes, minha pesquisa foi elaborada em um ambiente digital. Criei um espaço virtual que foi costurando conteúdos e estabelecendo intermináveis conexões. Sendo a inclusão um de meus referenciais, a produção deste ambiente levou em consideração questões relativas à acessibilidade. Neste espaço encontram-se charges especialmente criadas, letras de canções, gravações sonoras, desenhos, textos literários, enfim, elementos que fui captando através das conversas nas entrevistas. Esta versão impressa é apenas um apoio, em anexo, há uma cópia do ambiente virtual criado, na qual será possível “navegar”. Também será possível acessar o trabalho diretamente na Internet, no seguinte endereço virtual: [www.golem.2it.com.br](http://www.golem.2it.com.br)

## **Abstract**

Differences and identities are the objects of my study which has as background the life of musicians and also of people who are involved with Arts. I question the fixed view that the society has on these people when it creates stereotypes and, many times, even ranks them as having disadvantageous social positions. I reflect upon difference traps and identity fluidity. I aim at showing the feasibility of breaking with established by searching for ruptures. My conception on the construction of knowledge is net creation, so my research was elaborated in a digital environment. I have conceived a virtual space which sews contents and establishes infinite connections. As inclusion is one of my referentials, the production of this environment took into consideration questions concerning the accessibility. In this space, there are cartoons (specially conceived for this space), song lyrics, sound recordings, drawings, literary texts which I collected from the chats during my interviews. This printed version is only a support. There is a copy of this virtual environment in which it is possible to “surf”. The work is also available on Internet: [www.golem.2it.com.br](http://www.golem.2it.com.br)

## SUMÁRIO

<b>ABERTURA</b>	1
<b>Primeiro Movimento – Memorial</b>	3
Primeira Peça: ciranda para coral infantil	5
Segunda Peça: toada para violão	15
Terceira Peça: tango pós-moderno cambiante	23
<b>Segundo Movimento - A composição fala de si</b>	31
<b>ANDAMENTO</b>	39
<b>AFINANDO INSTRUMENTOS</b>	51
<b>RUPTURAS E REPRESENTAÇÕES</b>	67
<b>“FESTA ACABADA, MÚSICOS A PÉ”.?</b>	87
<b>INFLUÊNCIAS</b>	91
<b>NOTAS SOLTAS</b>	107

## ABERTURA



"Minhas reedições são múltiplas, ascendência africana e europeia.

Hoje reconheço que meus livros são traçados por este assunto,  
pela busca da identidade.

No fundo todos nós somos criadores desta identidade, somos autores de certa ficção para nós próprios, somos instigados a produzir uma identidade. O que a escrita nos dá é um certo gosto de estar a aprender a não ter identidade.

De não ter medo de não ter uma identidade, mas sim, ter uma identidade que  
pode ser flutuante, vagabunda, errante  
dentre identidades que são sempre móveis".

Mia Couto

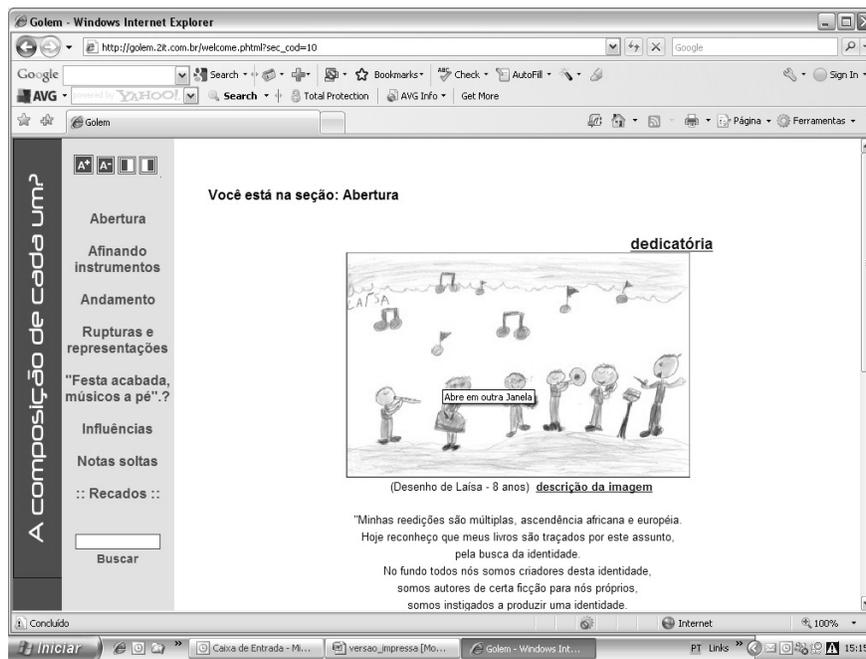
[Transcrição de trecho de entrevista à TV Cultura - 2006]

## Antes de mais nada...

Minha dissertação foi elaborada em um ambiente virtual. Esta é sua natureza. As razões que fundamentaram esta opção serão esclarecidas ao longo do texto. Esta versão impressa foi executada apenas como um apoio e não representa o espírito do trabalho.

Em anexo encontra-se um CD no qual o leitor pode vivenciar algumas experiências criadas neste estudo. Há, ainda, a possibilidade de acessar diretamente o endereço virtual criado a partir da Internet: [WWW.golem.2it.com.br](http://WWW.golem.2it.com.br).

Maria Isabel



## **ABERTURA - PRIMEIRO MOVIMENTO**



Desenho de Vinícius – 7 anos  
Descrição da imagem

## **MEMORIAL (Em Três Peças Musicais)**

**PRIMEIRA PEÇA: CIRANDA PARA CORAL INFANTIL**

**SOLISTA: MARIA ISABEL SAMPAIO DIAS BAPTISTA (MISDB)**

**SEGUNDA PEÇA: TOADA PARA VIOLÃO**

**SOLISTA: BEL DIAS**

**TERCEIRA PEÇA: TANGO PÓS-MODERNO CAMBIANTE**

**SOLISTA: BEL DIAS**

**Memorial Primeira Peça:** Ciranda para coral infantil  
**Solista:** Maria Isabel Sampaio Dias Baptista [MISDB]

**“Tudo num fuscão, que legal”!**

[**Fim de semana** – Wandy, Grupo Premeditando o breque]

Nasci na SãoPaulo da garoa. Ai, que terra boa! Década de sessenta. A vida era mais simples, inclusive o lazer. Meus pais usaram muita criatividade para distrair quatro rebentos, nascidos no espaço de cinco anos. Santos era o passeio preferido. Crianças, pai, mãe, avós e tudo mais que pudesse caber no **fuscão**. Na praia do José Menino rolávamos na areia fina, salpicada de sonoros caramujos. Poluição não figurava em nossas preocupações, nem esse medo do sol que temos hoje. Havia outros programas muito divertidos: ver aviões subindo e descendo em **Congonhas**; caminhadas tranqüilas no parque da Água Branca recebendo ensinamentos de meu pai sobre diferentes raças de bois, cavalos e cabras; longas visitas ao zoológico e, aos domingos, a indefectível pizza, ou então a grande novidade da época, o drive-in com filmes e lanches em bandejas fixadas na janela do automóvel. Depois de alguns anos, nossas férias passaram a ser na histórica cidade de Itu, no interior do estado. Ao invés do fusca, um espaçoso Galaxy, mas a confusão no banco de trás só aumentava. Verões mágicos, invernos gelados, grilos, sapos coaxando e vaga-lumes... Todas estas lembranças, guardo como jóias raras.

De São Paulo vêm minhas primeiras experiências e influências educacionais, sonoras e afetivas. Lá passei a infância, adolescência, começo da vida adulta. E parte de minha família ainda mora lá. “Túmulo do samba” pra uns, para mim, um lugar que não se encaixa em rótulos. **Multiplidade**: múltipla é São Paulo. Cruel e impessoal é também, estranhamente, um lugar de docilidades ocultas capazes de surpreender. Durante a comemoração dos 450 anos, assisti pela televisão alguém dizer que a melhor imagem que

traduziria a metrópole seria a fotografia de um canteiro com os dizeres: “EM OBRAS”. Concordo plenamente.

**“Não se incomode. O que a gente pode, pode. O que a gente não pode explodirá”!** [Realce” – Gilberto Gil]

Estudei no bucólico Colégio Rainha da Paz, obra de irmãs dominicanas, no bairro Alto de Pinheiros. Lá completei o primeiro e o segundo grau. Uma escola religiosa, pretensamente inovadora em suas propostas pedagógicas. Pouca coisa é memorável em minha carreira estudantil desse tempo. Minhas lembranças mais alegres são todas não acadêmicas. O lindo jardim que rodeava o prédio, o laguinho com peixes, pássaros de cantos maravilhosos. O carinho da professora da primeira série. As experimentações criativas das aulas de artes, o encontro com os amigos. Quando era mais moça já fazia rodas de violão, participava de festivais internos de música, e no terceiro ano do colegial participei do programa de televisão “Vestibular da canção” (apresentado por Randal Juliano). Por causa do bom desempenho nesse programa passei - ou “fui passada” – nos exames finais do terceiro colegial.

O resto foram sombras, pura sobrevivência escolar. O terror da professora de matemática e da necessidade de decorar a tabuada. Tudo para evitar a humilhação diante dos colegas. Como eu nunca conseguia decorar... Depois os problemas com todas as matérias da chamada área de exatas, a retenção no primeiro colegial, enfim, derrotas de uma aluna mediana até o último ano, sempre olhando janela afora e se perguntando quando aquilo tudo iria acabar.

Graças a Deus existia a família! Este sempre foi um capítulo a parte em minha vida. Filha e neta de advogados, a terceira de quatro filhos, vivi em um meio diferenciado. Só pude perceber isso, quando consegui estabelecer contrastes entre pessoas e famílias que ia conhecendo. Dei-me conta de que vivia em um ambiente privilegiado onde o estímulo à cultura e à educação em todos os sentidos era amplo.

E aqui começam alguns paradoxos na minha história pessoal. Meu pai, Cleômenes, foi um advogado que amava música, mas não tocava nenhum

instrumento musical. Adorava marchinhas de carnaval, conhecia letras de samba e, além de tudo, era o famoso “pé-de-valsas”. Seu interesse era por música popular, em sua coleção de LPs havia música brasileira, americana, francesa. Tinha um maravilhoso gravador de rolo com fitas de Tom Jobim, Gershwin, João Gilberto, Frank Sinatra, Burt Bacharach, Charles Aznavour, boleros e muitos outros. Quando décadas mais tarde aderiu ao CD, fez uma coleção de cantores e compositores que herdei: Edith Piaf, Dick Farney, Dalva de Oliveira, Atilaf Alves, Maysa, Noel Rosa, Dean Martin, Silvio Caldas, Eliseth Cardoso. Como todo brasileiro de sua época, era apaixonado pelos joelhos da Nara Leão.

Minha mãe, Adélia, além de advogada toca piano, cravo e, ainda, arranhava bem o violão, cantando. Sua formação musical foi erudita e seu gosto musical também se inclina para esse lado. Frequentemente acordávamos aos sábados ao som de seu piano que vinha da sala de baixo. Aquele som subia as escadas em melodias russas, danças francesas. Às vezes saía o “*Le petit nègre*” de Debussy, para a qual fiz uma subversiva versão, anos mais tarde. Foi minha mãe a responsável por despertar meu interesse em outras artes, desde muito cedo.

Isabel, minha avó materna, tocava violão “de ouvido” (ou seja, sem ter tido um aprendizado formal) e cantava lindamente abrindo vozes (fazendo segunda ou terceira voz) com a maior facilidade. Meu avô, Zeca, tocava flauta transversal, meu avô Pedro, violão, minha avó Conceição, piano. Meu bisavô, Horácio, tocava violão e cantava Catiras como ninguém. Seu velho **Di Giorgio** - verdadeira delicadeza sonora - está comigo há anos e foi com este instrumento que aprendi os primeiros acordes.

Educação musical era comum na geração deles, estava presente nos bancos escolares e nas corporações às quais pertenciam (Exército, Força Pública e outros). Representava mais que uma obrigação. Da maneira como contavam suas histórias, percebi que a música era também uma forma de comunicação, de apresentação pessoal. Para as moças, a exibição de dotes aos pretendentes, para os rapazes, a óbvia ferramenta da conquista. Atributos fundamentais em um tempo regido pelo rádio, pelo som. Diferente de um tempo como o nosso, regido pelas imagens. Mas as divisões eram bem marcadas: piano e canto eram

destinados preferencialmente às mulheres. Violão era para os homens. Tocar violão, para uma mulher, “não pegava bem” era deselegante porque o instrumento estava associado aos boêmios, em outras palavras: arruaceiros e vadios.

Meus tios-avós e tias quase todos tocavam algum instrumento, ou cantavam. Sempre falavam “daquele tempo” de sentar à volta do rádio, fazer saraus nas casas, o que propiciava o encontro entre as famílias e mantinha a convivência. E eles sentiam falta disso, da proximidade e do som. Eu mesma presenciei, quando criança, encontros familiares na casa de minha avó Conceição, que acabavam em música.

Um desses tios era um fantástico pianista - não de profissão - mas de coração. Tio Cláudio sentava-se ao piano e a gente esquecia das horas. De suas mãos saíam boleros, tangos, sambas, choros. Uma música era encadeada na outra, parecia não haver separação entre elas, o som fluía. Depois ele ia embora com a Tia Arani, dirigindo um DKV que fazia um som diferente dos outros automóveis.

Dentre os famosos da família - do lado de minha mãe, os Sampaio - uma tia-avó, **Celina Sampaio**, foi uma soprano famosa, especialista em música de câmara e grande professora de canto. Tia Celina foi também uma das fundadoras da extinta **Pró Arte** em São Paulo. Do lado de meu pai - os Dias Baptista - outro tio-avô, um político (Tio César era também tenor e poeta) casou-se com a pianista Clarice Leite e teve três filhos. Dois deles ficaram famosos e são os integrantes do grupo **Os Mutantes**. Se fizer uma lista não vou parar mais. Principalmente este lado da família, os “ruidosos Dias Baptista” abrigam artistas, atrizes, monjas, excêntricos de todos os tipos.

**“Batuque é um privilégio”** [**Feitio de Oração** – Noel Rosa e Vadico]

O piano é um instrumento lúdico para qualquer criança, basta levantar a tampa e mexer em suas teclas. Desde que se respeite o instrumento e não o destrua batendo com força, é possível explorar os sons que estão ali prontos para sair. Isso é bem diferente no violão. É preciso saber o que fazer para extrair algum

som dele. O violão exige força nas mãos, dedos e pulso e é necessário saber articulá-los, caso contrário, o som sai muito estranho, ou simplesmente não sai.

Sempre tivemos piano e violões em casa. Eu me lembro de mexer no piano, brincar com suas teclas, isso desde muito pequena. Era só “escalar” o banquinho, ou às vezes tocar em pé, encostada no teclado. Como minha mãe tocava, eu sabia que a aproximação ao instrumento deveria ser respeitosa, caso contrário, o “tempo fechava”. E assim pude experimentar livremente. Inventava melodias, mas não conseguia repeti-las e, muitas vezes, elas lembravam trechos das peças que minha mãe tocava, ou alguma música que eu já tinha escutado.

Ao perceber esse interesse, minha mãe achou que eu deveria estudar piano. Com mais ou menos cinco ou seis anos de idade, colocou-me para estudar na Pró Arte, com a mesma professora que a havia iniciado anos antes no cravo. Não me lembro dessa experiência, mas ela conta que a professora desistiu de me dar aulas porque havia percebido que eu fingia ler a pauta e tocava “de ouvido”. Imagine só, desistir de uma criança de cinco ou seis anos! Que raio de professora! Ainda bem que não lembro disso.

Outro incidente aconteceu quando minha irmã Zizi começou a ter aulas de piano em casa. Ela ensaiava arduamente as músicas, lendo partituras e tentando tocar para sua professora. Quando a aula acabava eu descia a escada, sentava ao piano e tocava a mesma música inteiramente “de ouvido”. Nessa brincadeira acabei com sua carreira no piano, tempos depois ela começou a estudar a flauta transversal. Certamente, para ela, deve ter sido uma experiência bastante desagradável, ter então que ouvir a irmã tocar sem esforço a melodia que ela levava horas praticando. Para mim devia ser igualmente enervante, porque a melodia já estava na minha cabeça desde a primeira vez. Ah! O convívio com o outro! Éramos crianças, mas os efeitos que provocamos em outras pessoas são imprevisíveis. Afinal, minha irmã acabou seguindo uma carreira artística, mas nas artes plásticas, tornando-se uma das melhores gravadoras de sua geração. Além de ter estudado teoria musical e saber ler partituras, Zizi toca flauta transversal até hoje.

Meus irmãos, Pedro e Marcelo, não tocam nenhum instrumento musical. Participaram de corais na escola, mas com outros interesses. Porém, gostavam de música e são responsáveis por apresentar à família um som totalmente diferente. O rock, em especial, o elaborado rock progressivo. Sempre foram bastante seletivos nas escolhas musicais. Detestavam os Beatles. Gostavam de garimpar trabalhos diferentes. Emerson Lake & Palmer, Rick Wakeman, Genesis, Yes, Pink Floyd, numa época em que eram absolutamente desconhecidos no Brasil. Logo outras vertentes do rock faziam parte dessas escolhas: Led Zepelin, Deep Purple, Lou Reed, David Bowie, Jimi Hendrix Experience, Premiata Forneria Marconi (PFM) e muitos outros entravam em nossa casa.

Dentro do repertório da música brasileira predominava também o rock, ouviam Mutantes e Joelho de Porco. Ainda hoje mantêm esta tendência, estando um pouco mais abertos a outros estilos musicais. Por influência deles, acabei gostando de rock progressivo. Sem, contudo, deixar de amar os  **Beatles**.

De volta aos meus "episódios" com instrumentos musicais, ainda tentei estudar flauta doce. A professora, ao perceber que eu não fazia leitura musical, me encaminhou para aulas complementares de teoria com outro professor. As aulas eram tão **estratosféricas e obscuras** que desisti de estudar flauta e teoria.

Tive ainda outra frustrante experiência com um professor de piano, que usava um método "revolucionário" de ensino popular. As primeiras aulas eram individuais, depois eram simultâneas, como consultas de um péssimo convênio de saúde, em que o médico atende vários pacientes em salas separadas. Um verdadeiro e definitivo desastre em minha vida, naquela altura entrando na fase da adolescência.

Continuei tocando flauta doce e piano do meu jeito, sem a interferência dos adultos. Os professores que tive conseguiram fazer-me desistir da idéia de estudar teoria musical. Agradeço a Deus, contudo, que eles não tenham sido capazes de me tirar o gosto pela música.

**“Ah, este bojo perfeito/Que trago junto ao meu peito/Só você violão compreende porque perdi toda alegria”** [Cordas de aço – Cartola]

Em 1974, com onze anos, comecei a aprender a tocar violão com uma professora perto de casa. “Tia” Marília foi quem me ensinou os primeiros acordes e as primeiras canções. Seu ensino era simplificado, nada de partituras, mas sim os acordes que, mais tarde, conheci como “cifras”. Participei de audições, treinava muito em casa, gostava do som das cordas e da minha voz, achava curiosas aquelas marcas que ficavam na ponta dos dedos, causadas pela pressão necessária às cordas do instrumento. Aprendi a afinar o violão e a trocar as cordas. Adorava aqueles rituais. Alguns anos depois parei com as aulas, mas continuei a tocar violão todos os dias em casa. Comecei a tocar algumas canções “de ouvido”. Em pouco tempo o instrumento me acompanhava na escola, em festas, casa de amigos. E foi meu grande companheiro de jornada.

Já adolescente, fui estudar violão com Elza Nogueira, mulher do famoso Paulinho Nogueira. Algumas vezes, era ele quem abria a porta do apartamento. Não sei qual de nós dois era mais tímido. Com Elza, melhorei minha técnica, ampliei repertório e conheci alguns acordes mais difíceis. Contudo, não me tornei uma excelente violonista nem conhecedora de harmonia. Ainda hoje, na dúvida quanto ao nome de um ou outro acorde (e tenho múltiplas dúvidas), uso sinais que só fazem sentido para mim. Para espanto de meus colegas músicos.

Meus estudos só prosseguiram muitos anos mais tarde, quando já morava em Campinas, voltados, desta vez, para o canto. Mesmo assim, pode-se dizer que estudei técnicas de canto e não teoria musical.

**“Frases que o vento vem as vezes me lembrar/Coisas que ficaram muito tempo por dizer/Na canção do vento não se cansam de voar”** [O trem azul – Lô Borges e Ronaldo Bastos]

Ainda uma outra lembrança marcante da minha infância. Algum adulto da família - não recordo quem – levava-nos sempre ao Teatro Municipal para assistir

apresentações de balé ou música. Éramos ainda crianças pequenas, mas meus pais achavam importante vivermos tais experiências e era muito legal.

Eu não ligava muito para a dança, ou para a peça principal. O que me tomava toda a atenção eram os sons. O barulho abafado que os sapatos faziam quando eu e minha irmã corríamos pelo corredor central do teatro; as vozes das pessoas que iam abaixando o volume, conforme as luzes lentamente sumiam. Parecia que as luzes daquele lugar, tinham uma misteriosa capacidade de silenciar as vozes dos presentes, incluindo a minha.

Mas o som que mais me emocionava era o dos músicos da orquestra, de dentro do fosso, afinando os instrumentos. Eu corria e apoiava os cotovelos no beiral de veludo para vê-los. Encantava-me com a harpa. Depois aquelas trompas estranhas com muitas voltas, flautas e instrumentos que eu nem sabia o nome. Para mim, estes preciosos segundos, exatamente antes da apresentação, eram os melhores. Depois disso, tudo poderia terminar. A atração principal poderia ser a apresentação daquele som mágico, desordenado, caótico. Escalas perdidas, músicos soltos, tonalidades entrecruzando, ausência de estrutura. Rompia o som em alturas urgentes e quedas vertiginosas. Às vezes - entre eles - havia uma empolgação e surgia uma bagunça, eu me divertia!

Provavelmente este é o mesmo fascínio sonoro que me provocam as caixinhas de música que coleciono desde pequena. Muitas vezes, coloco de dez a quinze caixinhas para tocar ao mesmo tempo. Quem for **normal** que atire a primeira pedra...

Não sei explicar isso com precisão. Uma hipótese talvez venha da idéia de que deste caos sonoro nasça a música, dele surgem depois melodias e canções. Realmente não sei se é apenas isso. Talvez o que mais me impressione seja este momento de  **liberdade compartilhada**, esta vivência experimental e sem fronteiras que os músicos respiram nesses segundos.

Depois da infância, veio a adolescência. Ô período danado! Por sorte, àquela altura da vida, a poesia para mim fazia todo sentido. **Pessoa** e 

**Drummond** já me acudiam e tocar violão era meu ato diário e individual de **desabafo**.

**Memorial Segunda Peça:** Toada para violão  
**Solista:** Bel Dias

♪ “A ciência da aranha, da abelha e a minha muita/gente desconhece” [“Na asa do vento” – João do Vale]

O ambiente em minha família sempre foi bastante impregnado por música. Sou uma pessoa essencialmente auditiva. Penso que esta relação estreita com o som tenha começado desde a infância, pois para mim som e música são também referências de mundo, portanto em alguma medida referências afetivas.

Apreciadores de arte, línguas e literatura, foram meus pais quem me iniciaram no desejo de ler, aprender, descobrir poesia, amar os livros e, claro, a música. Ainda assim, com todo esse antecedente, esta não foi minha escolha inicial como profissão, mas sim, a pedagogia. Fiz esta escolha aos 18 anos, sem hesitações.

Volto aos paradoxos em minha vida, que havia mencionado antes. Insisto neles porque nem pedagogia, muito menos a música estavam nos planos (ou sonhos) de meus pais ou mesmo da família. Por que não fazer uma faculdade de direito? É normal. Os pais não querem que os filhos sofram ou, de alguma maneira, buscam um tipo de continuidade.

Vivi sempre cercada de pessoas que emanavam uma elevada sensação térmica de certeza. Entretanto, deixavam escapar gestos, trejeitos, tiques que denunciavam outras tonalidades d’alma. Descobri que por detrás de toda aparência sempre havia uma outra coisa. Em geral, um oposto ao que se procurava mostrar. Aprendi a observar os outros.

Percebi que, em vários pontos, eu me identificava com aquilo que não aparecia, com o insuspeito. Assistia aos filmes de Federico Fellini como *Amarcord*, *Ensaio de Orquestra*, *E la Nave Va* e adorava aquele clima, as tais criaturas fora do normal. Interessavam-me os silêncios, identificava-me com os estranhos.

Percebia que pulsava dentro daqueles rostos diferentes, cargas insuspeitas, paisagens que ninguém espreitava.

Por sempre me achar fora do normal, julguei que a educação especial seria a minha casa. Eu estaria rodeada de meus pares em estranheza. Pessoas que eram vistas como quebradas por fora. Contraditoriamente, suspeitava que “por dentro” tudo pudesse ser diferente.

**“Rua espada nua/Bóia no céu, imensa e amarela/Tão redonda a lua/Como flutua...”** [Luiza – Tom Jobim]

De qualquer maneira é importante dizer que a música nunca deixou de fazer parte da minha vida, em nenhum momento. Fez parte da minha infância, socorreu-me na adolescência. Na idade adulta foi meu momento de cura diante de tanta doença, de tanta desesperança. E depois, liberta de tudo, se tornou uma escolha amadurecida e tranqüila, porém profundamente reveladora. É hoje um modo de expressão artística absolutamente pessoal que eu julgava ter deixado para trás, mas que praticamente “me tirou para dançar”. E eu aceitei seu convite.

Em 1983, antes de prestar o vestibular, resolvi fazer um “estágio” voluntário na APAE de São Paulo, queria saber como seria estar perto de pessoas com deficiência mental. Fui parar numa oficina abrigada no Itaim e foi uma experiência bem interessante. A partir daquele momento, percebi que educação era uma de minhas paixões. E ainda é assim, há aproximadamente 23 anos. De lá para cá, entretanto, muita coisa mudou...

Em 1984 entrei na Faculdade de Educação da Unicamp e me mudei para Campinas, cursando inicialmente administração escolar. Depois fiz parte da primeira turma da habilitação de professores para a educação especial. Um curso muito importante em minha formação, pois me ofereceu a oportunidade de estudar com profissionais de diferentes áreas. Tínhamos aulas com professores de psiquiatria, medicina, lingüística. Uma habilitação que hoje, em função da inclusão, não existe mais.

Uma vez em Campinas, minha vida transformou-se completamente. Projetos e cursos foram-se encadeando com incrível fruição. Logo no primeiro semestre da faculdade iniciei minha atuação em escolas. A princípio escolas de educação infantil - escolas comuns - e depois em escolas especiais. De 1984 a 1986 trabalhei em uma escola especial onde coordenei - sem ter a menor noção do que estava fazendo - um projeto de profissionalização para um grupo de jovens com deficiência mental.

Meu caminho continuou seguindo o rumo da educação especial, mais precisamente, da Síndrome de Down. Eu pensava que esse traçado seria definitivo e, ainda, que fosse o mais correto.

Em 1990 (durante meu último ano na faculdade) vivi uma experiência marcante em minha carreira profissional. Consegui estágio em uma instituição de educação especial, para crianças com Síndrome de Down em Campinas. Conseguir este estágio não foi fácil, pois havia muita concorrência. O diferencial desta instituição era seu trabalho, bem como, o investimento que faziam na capacitação contínua de seus profissionais. Nenhuma outra escola na região mantinha a preocupação com pesquisa científica, bem como a proposta educacional que desenvolviam. A equipe trabalhava de maneira interdisciplinar, buscando a colaboração entre todos para atender a criança. Pedagogos, fonoaudiólogos, professores de educação física e fisioterapeutas atuavam conjuntamente com os alunos e, para mim, era uma ótima oportunidade.

A porta de entrada seria o estágio, pois, todo estagiário deveria desenvolver um projeto de pesquisa junto à instituição. E foi lá que tive meu primeiro contato com a realização de uma pesquisa. Consegui uma bolsa de aperfeiçoamento pelo CNPq e, com esta, fiz um levantamento de todas as oficinas abrigadas no município de Campinas, estudando suas propostas. Acompanhei ainda uma jovem com Síndrome de Down, que atuava como auxiliar de sala na instituição.

Com a pesquisa de aperfeiçoamento, pontuei os problemas do trabalho abrigado, (ou segregado) e considerava a importância da colocação profissional ser significativa ao jovem deficiente e, na medida do possível, ser em um emprego integrado na sociedade. Sem saber, eu começava a viver minha própria

contradição teórica, ao fazer estes apontamentos. Como sugerir um trabalho inserido na sociedade a jovens que sempre haviam estudado e vivido em separado? Nesta ocasião eu não fazia estes questionamentos. A integração era meu referencial central. Eu pensava que o trabalho do jovem com deficiência mental precisaria ser integrado à sociedade e a instituição necessariamente deveria fazer uma ponte com o empregador para garantir o sucesso desta experiência.

♪ **“Sabe, eu não faço fé nessa minha loucura/E digo, eu não gosto de quem me arruína em pedaços”** [Beijo Partido – Toninho Horta]

Foi assim, que em 1991, **dei início à minha carreira como pedagoga**, na educação especial. Fui contratada pela instituição, permanecendo nesta até 2002. Após alguns anos desta contratação projetos paralelos a esta atuação profissional, começaram a acontecer e a provocar aos poucos **mudanças irreversíveis** em meu modo de pensar.

Em 1996, na companhia de duas colegas, criei uma ONG, a “Associação Somos Diferentes”. Passamos a veicular um jornal bimestral (uma edição caseira), com tiragem de 2000 exemplares. Nosso objetivo era publicar depoimentos, artigos, entrevistas sobre minorias sociais, (deficiência incluída), bem como, temas que envolvessem a educação inclusiva. O jornal, “Somos Diferentes, afinal quem não é?” contava ainda com uma edição na Internet. A associação e o jornal foram extintos em 1999.

1997 foi um ano decisivo em minha vida. Particpei da equipe que criou e coordenou o site educacional “Caleidoscópio”. O projeto tinha como objetivo veicular experiências educacionais inclusivas e, com este trabalho, meus estudos sobre **inclusão** se intensificaram. Neste ano fiz uma inesquecível viagem ao Canadá, para conhecer experiências de educação. Foi possível ver todo tipo de proposta. Desde a integração, até a inclusão.

Comecei a perceber que havia algo fora do lugar no olhar da educação especial e, conseqüentemente, no meu olhar. Foi como subir em cima de um muro

e ficar em uma região fronteiriça, instável. A palavra especial começava a me incomodar: “o jovem especial”, “a escola especial”. O especial significava segregado, separado e a partir daquele momento eu já não via mais sentido nisso. O que eu começava a estudar, ver e discutir apontava para outras direções. Fiquei em cima desse muro algum tempo, pois, foi difícil descer para o outro lado. O que haveria lá?

Ainda em 97, juntamente com um pequeno grupo de pais e profissionais, começamos a modificar a instituição na qual eu atuava. Encaminhamos cerca de 60 alunos com Síndrome de Down às escolas regulares (particulares e públicas). Demos início a um processo de mudanças e rupturas. Uma experiência intensa. A presença da criança com Síndrome de Down nas escolas causou um verdadeiro alvoroço e depois instaurou o caos. Para nós pedagogas especializadas e para as professoras das salas regulares, uma grande insegurança. Pude vivenciar avanços, retrocessos, surpresas. Este processo foi interrompido pela instituição em 2001.

**“Cambia lo superficial/Cambia también lo profundo/Cambia el modo de pensar/Cambia todo en este mundo”** [**“Todo Cambia”** - Julio Numhauser]

**“Águas muito limpas não dão peixes”** – [Antigo ditado oriental]

Em 2001 aconteceu algo inimaginável. Conheci meu **primeiro parceiro** na música e com ele comecei a cantar em bares, depois em restaurantes, eventos, festas etc. Ainda dando aulas, a princípio, tudo aquilo foi mais uma novidade. Aos poucos, contudo, esta realidade foi se transformando.

Paralelamente, o caminho que eu havia traçado na Educação Especial, começava a ficar cada vez mais impreciso. Eu havia percebido que o lugar das “pessoas estranhas” – assim como o meu – não era mais separado do resto do

mundo. Pouco tempo depois, em 2002, saí da instituição em que trabalhava, descendo definitivamente daquele muro.

Uma vez, do outro lado, vivi um período difícil de muita insegurança. Percebi que eu também havia me tornado, ao longo dos anos, uma profissional institucionalizada, resguardada e acostumada aos limites aparentemente seguros do meu “mundinho especial”. Quando consegui me acalmar e abrir as asas compreendi que muitos poderiam ser os caminhos que se abririam na vida.

Pensando na Educação para todos, no encontro necessário com as diferenças, passei a trabalhar com professores. Foram oficinas sobre iniciação musical, alfabetização, jogos pedagógicos e temas ligados à Educação Infantil.

Progressivamente, a música foi tomando um espaço cada vez maior em minha vida. As apresentações foram ficando mais freqüentes e, em 2003, além de cantar em bares, fui convidada a integrar o Grupo Eruá e com ele fiz diversas apresentações em SESC's e casas noturnas.

Pessoalmente, foi uma experiência inquietante. Foi meu primeiro trabalho profissional na música. Não sabia qual era meu lugar, achava estranho tudo aquilo acontecer, naquela altura de minha vida. Um projeto absolutamente novo e para o qual eu não havia, **afinal**, estudado ou me “preparado”. Além do mais, para mim, música sempre tinha sido uma manifestação absolutamente reservada. Estranhava muito o contato com as pessoas e minha própria presença no palco.

O que estava acontecendo? Por que eu me incomodava tanto com a novidade e a indefinição? Sair de uma rotina conhecida em que eu vivia aquela solidez mensal e ir para uma realidade completamente instável, não foi fácil.

Durante o primeiro semestre de 2004, através da Professora Maria Teresa, conheci a equipe de profissionais do projeto “Acesso Permanência e Prosseguimento da Escolaridade de Nível Superior de Pessoas com Deficiência: ambientes inclusivos”. Um grupo formado por pesquisadores, professores, técnicos e alunos de diversas áreas.

Comecei a trabalhar como voluntária nas oficinas e eventos promovidos pelo grupo. Apreendi a usar programas de atualização remota de conteúdo de sites,

como o **Plone**. Logo estava envolvida com o setor de jornalismo do site **Todos Nós**.

Através do trabalho com o grupo, iniciei estudos sobre **acessibilidade** a partir de um entendimento mais amplo, ou seja, diretamente relacionado à inclusão. Percebi que acessibilidade diz respeito à qualidade de vida de **todas** as pessoas. Vai além da eliminação de barreiras para pessoas com deficiências, ou idosos. De maneira simples, é a possibilidade de acesso a espaços físicos, informações, instrumentos de trabalho e estudo, produtos e serviços por todas as pessoas. Portanto, um conceito importantíssimo em uma sociedade inclusiva. Conheci ainda as tecnologias da informação e comunicação - TIC's e descobri um mundo de **softwares** específicos voltados para facilitar o uso do computador. Descobri as possibilidades que a **acessibilidade na internet** pode abrir para todos. Aprendi sobre **design universal** e **usabilidade**.

**“Bocas, quantas bocas/A cidade vai abrir/Pr'uma alma de artista se entregar”** [**Na carreira**] - Edu Lobo - Chico Buarque]

A experiência de conviver e trabalhar com as pessoas do **Grupo Todos Nós** tem sido única. Para aqueles que estão de fora, nossas reuniões são barulhentas e caóticas. Só que nesse aparente caos realizamos coisas incríveis. Retomo a imagem sonora dos instrumentos da orquestra sendo afinados, momentos antes do espetáculo. É um pouco este o **nosso som**. Ficamos meio suspensos em notas soltas, de repente rompe uma composição musical coletiva, cheia de expressão. É mais ou menos assim que trabalhamos, com aquele encantamento que emana liberdade criativa e compartilhada. Com eles tenho o prazer de estar ainda hoje.

Em 2005, já estudando canto com Marcelo Onofri, fui convidada a participar da **CVCM** – Companhia Vocal Cênico Musical. A trupe foi composta por três músicos, quatro cantores e um ator. Montamos e criamos coletivamente o espetáculo **“Canção Nossa de Cada Dia”**. Uma colorida revista musical,

ambientada em um programa de rádio ao vivo que, como o próprio Marcelo dizia, era “música para os olhos e teatro para os ouvidos”. Fizemos cinco ou seis apresentações, para mim, memoráveis. O show era uma viagem criativa do músico, compositor e arranjador, Onofri. Criamos a “Rádio Madeira Brasil” e todos os personagens que nela trabalhavam.

Foi assim, em cima do palco, que criei **Amanda Beck**, cantora decadente; outrora grande estrela da “Rádio Madeira Brasil”. Uma outra identidade? Certa ficção de mim mesma?

**Memorial Terceira Peça**  
**SOLISTA: BEL DIAS**

♪ “**Vivir es cambiar en cualquier foto vieja lo verás**” [“Chau, no va más!” - Virgilio e Homero Expósito]

O convívio com músicos e artistas foi um desencadeador de questões. Mais uma vez, eu estava em contato com pessoas que não combinavam com o “padrão normal”. Este encontro variado e imprevisível trouxe perguntas voltadas à identidades e diferenças.

Pessoalmente, foi uma experiência bastante inquietante. Não me acostumava com algumas situações que vivia e que para meus colegas eram normais, ou simplesmente “não tinham solução”. Para mim, que vinha de uma profissão absolutamente regrada, era chocante vivenciar a “cultura da informalidade” predominante nos trabalhos relacionados à música. Explicando melhor: precariedade nas relações trabalhistas; ausência de algum órgão representativo da categoria, que fosse relevante; competição selvagem nas disputas por espaço para trabalho; freqüentes cenas de humilhação. Eu poderia preencher várias laudas com minhas perplexidades iniciais. Não compreendia porque o trabalho dos músicos e artistas com os quais eu tinha contato, assim como o meu, oferecia condições tão precárias.

**Uma questão:** Parecia-me que músicos e artistas de modo geral, projetavam certo tipo de imagem na sociedade e que esta, muitas vezes, os precedia. Ao entrar num ambiente, ou começar o trabalho, já pairava –qual uma sombra à espera do preenchimento de carne – uma “pré-idéia”.

Pude então apreender, de maneira informal, algumas representações, advindas de conversas com o público, amigos, meus familiares e outras fontes. Coletei tendências de fixação destas identidades em características negativas. As poucas vezes em que estas representações se voltavam para aspectos mais positivos, apresentavam traços fantasiosos. Eram falas como: “Músico é distraído

mesmo”, ou “Artista não nasceu pra resolver coisas da vida prática”; “Músico vive no mundo da lua”.

Analisando o estilo de vida de alguns colegas e artistas conhecidos, fiquei revoltada. Trabalhei com músicos que, para sobreviver, cumpriam uma jornada de trabalho superior a muitos profissionais. Tocavam todas as noites, davam aulas o dia todo e faziam shows aos finais de semana. É claro que conheci também músicos que não compareciam aos ensaios, chegavam atrasados, não cumpriam com os compromissos assumidos. Mas essa “bipolaridade” não me perturbava. Bons e maus profissionais existem em qualquer área.

Percebi que a tendência da sociedade em tecer representações fechadas acerca destas pessoas, seria o grande problema de meu estudo. Meu mote principal esteve no rompimento destas rotulações.

Estas foram indagações iniciais, um tanto angustiantes para alguém que, como eu, transitava – e ainda transita - entre mundos díspares. Novo período de confrontações surgiu em 2006, com minha volta aos estudos, desta vez no programa de Mestrado da Faculdade em que me havia formado tantos anos antes.

Meu projeto inicial foi acompanhado por um DVD, produzido de maneira caseira. O material continha entrevistas com músicos e artistas sobre seus ofícios e algumas canções que selecionei para pontuar questões levantadas nos depoimentos.

Este projeto inicial também incluiu duas charges. Minha intenção com isto projeto foi apresentar algo não convencional, queria misturar música, imagem e ciência, para propor a discussão sobre identidades e diferenças. Tudo, porém, era bastante intuitivo. Eu não sabia como concretizar e nem se a Universidade aceitaria um estudo fora dos padrões convencionais. Quando comecei de fato a trabalhar, a tarefa se mostrou ainda mais complicada.

**“Avançando através de grossos portões, nossos planos são muito bons”!** [Os mais doces bárbaros” – Caetano Veloso]

Ainda em 2006 destaco alguns eventos que me levaram a um modo diferente de pensar a ciência, o formato do meu trabalho e a vida.

O primeiro se deu, de um jeito **manso**, no cotidiano das discussões no **Leped** - Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diversidade. Nosso grupo é docemente subversivo. Helena, Janaína, Lilia, Maria Teresa, Susie, eu e convidadas trabalhamos em colaboração. Alegria e amizade são, para nós, condutas naturais. Caminhamos como equilibristas por cordas bambas.

### **Sobre o pensamento em redes:**

Em nossos encontros comecei a refletir sobre o pensamento sistêmico e as redes de conhecimento, que vão se entrelaçando em múltiplas conexões. Estudei as idéias de Boaventura de Souza Santos contrapondo o discurso da ciência moderna na busca por uma “vida decente” (2006) e por um saber sem fronteiras. Edgard Morin (2006) e as “cegueiras do conhecimento”, para mim, foram fundamentais neste processo.

Considereei que estas idéias teriam fluidez para transitar entre diversas áreas do conhecimento. Busquei compreender esse fazer científico que não chega a uma verdade única e final, ou a uma “verdade verdadeira”, como tanto queria Agamenon (LARROSA, 2006). E que vai além, mostrando que aquilo que **não existe** é na verdade uma construção **hegemônica** e arbitrária.

Durante meus estudos foi impossível deixar de pensar em música, em canções. Ao ler sobre a contração do presente de Boaventura de Souza Santos, por exemplo, imediatamente, me veio à mente a letra de Sinal Fechado, de Paulinho da Viola. Ficou cada vez mais difícil pensar em meu trabalho, de maneira linear. Estava se abrindo uma nova possibilidade para mim.

Em função de tudo isso, elaborei minha dissertação em um ambiente virtual. A criação de um espaço como este aproxima-se do conceito de mobilidade que estudei em Bauman (2001). Remete-se ainda à noção de “**rizoma**”, trazida por Deleuze e Guattari. Traz **fluidez** para abordar a composição de identidades, que não podem ser **encapsuladas** e das **diferenças** que não podem ser **descaracterizadas**.

**“Joguei no céu o meu anzol pra pescar o sol, mas tudo que eu pesquei foi um rouxinol”** [O Rouxinol] – Gilberto Gil e Jorge Mautner]

Outro evento marcante foi o surgimento de uma **segunda parceria** musical. Sem deixar de fazer trabalhos anteriores comecei, em 2006, outro projeto. Aos poucos tomou forma e logo estava às voltas com outro grupo de instrumentistas. Novos shows, um repertório desconhecido e um grande desafio vocal: cantar chorinhos.

Em 2007, participei do **curso** “Tempos de incertezas: o sujeito e a construção do conhecimento”. A matéria abriu portas e janelas para meu trabalho. O convite estava feito. Eu poderia transgredir completamente ao fazer ciência. Como trabalho final do curso, apresentei um **protótipo** deste conceito, mas ainda com diversos problemas de “navegação”.

**“Era só jogar a rede e puxar, era só jogar a rede”** [Milagre] - Dorival Caymmi]

A partir de minha experiência no Todos Nós, ficou claro que meu trabalho deveria estar em um ambiente virtual e que este deveria levar em conta questões relativas à acessibilidade.

E esta foi uma tarefa reveladora. Em primeiro lugar, para mim, significou um verdadeiro despertar. Digo isso porque fui sempre uma professora que usou cartolinas e canetas hidrocor, giz de cera, mimeógrafos. Depois, quando aderi ao computador, passei a usar o *Word* e o *Power Point*. Isso era meu máximo. Computador me tirava a paciência. **Ainda tira**. Hoje posso dizer, com certeza, que não sou especialista em linguagens e programas de computação. E não é

esse meu objetivo, quando preciso aprender algo nesta área, sou bem específica, pois não tenho muita afinidade. Entretanto, venho aprendendo várias coisas.

Elaborar este ambiente virtual exigiu toda minha capacidade de “ser leve e líquida” (BAUMAN, 2001) e de pedir ajuda aos amigos. Nos momentos mais angustiantes em que eu lutava com e contra as ferramentas do programa que usei, o **Include-it**, percebi estava construindo algo que possivelmente sairia de meu controle. Em uma de minhas conversas com minha mãe, ao comentar o assunto, ela aventou a hipótese de eu estar criando um tipo de **Golem...** Por mais **fantasmagórica** que possa parecer esta imagem, penso que seja bastante interessante para este **trabalho**. "Algo incompleto, em estado de perpétua gestação e nascimento".

Como metáfora, pode ainda trazer importantes advertências. Uma primeira poderia vir do intento ardiloso de “fazer” uma **criatura** à imagem e semelhança de seu criador. O ser criado reage e se põe a mostrar atitudes e qualidades **imprevisíveis**.

Ao tentar criar um “Golem”, dei vida a um “ser” capaz de provocar significados que não antecipei. Nossa relação - minha e do “Golem-digital” - desde o início tem sido interessante. Vê-lo crescer, tentar procurar seções e não achá-las, acrescentar-lhe elementos e não encontrar o fio da meada. Muitas vezes, no meio de uma conversa, ter uma nova idéia para uma seção. Levantar no meio da noite para anotar um pensamento, ou desfazer tudo. Saber que ele nunca ficará pronto, mas, que deverei soltá-lo **um dia**.

“Meu” Golem é múltiplo. É também presencial e instantâneo. Um trabalho que tem histórias para contar, na forma de uma composição musical. Composição provocativa que se pretende cambiante, feita com minha participação e de outros solistas, que contribuem em variados movimentos musicais. O tema dessa estranha peça envolve identidades, diferenças e inclusão, alguns músicos e pessoas envolvidas de alguma maneira com a Arte.

**“Se oriente, rapaz/Pela constelação do Cruzeiro do Sul/Se oriente, rapaz/Pela constatação de que a aranha vive do que tece”** [**Oriente** – Gilberto Gil]

A maneira como decidi elaborar este trabalho apresenta – em alguns aspectos – aquilo que sou. Ele pulsa também com meu pulso, projeta minhas luzes e sombras. Tudo está misturado às contribuições dos solistas, autores, compositores.

Minha trajetória pessoal continua um tanto **cambiante**. Estou em plena finalização de um antigo sonho, o de enfrentar o curso de Mestrado na Unicamp.

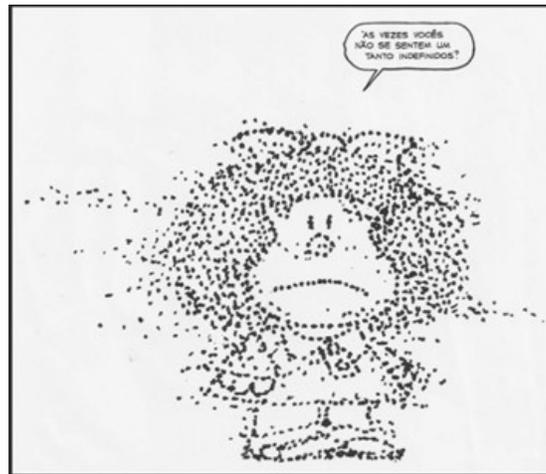
A oportunidade de fazer um trabalho que mescla diversas áreas do conhecimento foi libertadora. Sinto que a partir desta experiência minha visão sobre Educação foi iluminada. Minha convicção na inclusão fortalecida na idéia de que cada ser humano é único, capaz de transformar-se sempre e que suas possibilidades não podem ser pré-definidas.

Desde que **“viver es cambiar”**, sigo cantando na noite e trabalhando com pesquisa em Educação. Talvez não seja uma questão de optar por uma, ou outra atividade profissional. Talvez esta terceira peça do memorial, em janeiro de 2008, deva terminar assim, com a indeterminação.

Uma última informação chegou-me durante a finalização deste texto. Meu projeto, “Choro da voz”, foi contemplado pelo patrocínio do FICC – Fundo de Investimentos Culturais de Campinas, da Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal. Trata-se da pesquisa sobre choro cantado, que realizo em parceria com Almir Côrtes.

Será a primeira oportunidade de registrar minha voz em um CD e divulgar meu trabalho além das fronteiras dos bares.

Maria Isabel S. Dias Baptista  
“MISDB”/“Bel Dias”/“Amanda Beck”



**“Mafalda”** Descrição da imagem

**Joaquim Salvador Lavado (QUINO)**

**“Às vezes vocês não se sentem um tanto indefinidos?”**

### **Boas vindas - MISDB**

Seja bem-vindo o caos  
que desestrutura meus passos,  
inquieta a respiração  
quando mergulho nas tarefas do dia.  
Sejam bem-vindas as des-arrumações,  
as infinitas possibilidades,  
a solidariedade humana  
com suas surpreendentes conexões.  
Seja bem-vinda a vida:  
a ordem, na desordem.

## ABERTURA - SEGUNDO MOVIMENTO “A COMPOSIÇÃO FALA DE SI”

### ♪Primeiro impulso

Mãos verdes através do vidro  
Vozes pelo caminho  
Notas coloridas, o violoncelo  
E este verão invernal.

Por onde começo?

Filtros conduzindo a fala  
Segredos crepitantes  
O grito branco do muro  
A cada hora, um pássaro de metal.

Por onde?

Uma casa distraída  
Uma vida mudando  
Um sentimento esmaecido  
Uma dor trocada de lugar.

Começo?

Novamente tento adentrar  
Resvalo, bato e volto  
Este instante de princípio  
Sempre brota a poesia.

Bel Dias



Desenho de Marcella - 8 anos

♪ “**Quem me vê aqui cantando pensará que eu não trabaio/ Tenho o dedo calejado da viola e do baraio/Ai, ai...**” [“A viola e o baralho” – Raul Torres]

Setembro de 2008. Comecei a revirar o material de minha dissertação, tentando partir de onde havia terminado. Detectei estranhezas. Logo percebi que este desassossego não vinha da temática ou dos conceitos abordados, mas do texto.

Na tentativa de atender a uma solicitação da banca examinadora, comecei a delinear um **mapa do trabalho**: “é que a gente se perde em sua dissertação...”, alguns disseram.

Estou ciente de que utilizar um mapa pode constitui-se, ainda, em recurso de acessibilidade. Entretanto, ao tentar dissecar meu trabalho em linhas gerais, fui constatando grande desagrado. Tal tarefa fez minha produção surgir transfigurada, presa em linearidades deixando escapar sua complexidade, sua alma. A identidade de meu trabalho ficou congelada!

Ainda mais. Senti-me inquieta em mostrá-lo de modo idêntico ao apresentado durante o exame de qualificação, em abril de 2008. Percebi que o texto precisaria refletir novas nuances: descobertas variadas, outros autores, uma nova entrevista, canções, experiências pessoais reveladoras.

Olhei o trabalho por ângulos diferentes e fantasiei transformá-lo em um **holograma**. Auge da aflição para as linearidades, o holograma comportaria as dimensões que eu imaginei mostrar. Talvez num futuro, quem sabe!

Nele seria possível vislumbrar o multidimensional subjacente ao processo de construção do conhecimento. Nada que desconhecamos totalmente, algo como o funcionamento do cérebro e a maneira como pensamos em várias coisas ao mesmo tempo.

Seria como oferecer um estágio diferente para o **Golem**, apresentado à banca meses atrás. Nele, eu poderia fazer pulsar a idéia de que *a composição de cada um* é algo vivo, inclassificável e jamais definitivo.

Lembrei-me de Morin (2006):

“(...) o ser humano é ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e relacional. (...) o conhecimento pertinente deve reconhecer esse caráter multidimensional e nele inserir estes dados: não apenas não se poderia isolar uma parte do todo, mas as partes umas das outras (...)” (2006; p.38).

Mais adiante, o autor me chamava a atenção para o significado da palavra complexo:

“O conhecimento pertinente deve enfrentar a complexidade. *Complexus* significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (...)”. (p.38).

Com satisfação, constatei sua multidimensionalidade desnorteadora; senti seu tecido *complexus* feito das inúmeras contribuições; lembrei os rostos de cada pessoa com quem conversei. Agora reviro-me entre as aflições de defender esta complexidade, em contraposição às exigências acadêmicas.

Embora contenha alguma formalidade, dei-me conta de que o trabalho é assim, inclassificável. Escorre por entre os dedos das mãos. Poético demais para uma dissertação? Sob o risco de ser mal interpretada, ousaria dizer que a vocação primordial desta produção reside pouco na teoria e muito na **experimentação** que pode provocar aos leitores. As tonalidades artísticas, creio, constituem um dos pontos fortes deste texto.

Submeti-o ao programa de mestrado da Faculdade de Educação de **maneira diferente**. Nasceu para **não ser escrito em papel**, veio digital, pleno de interconexões. Nele não é possível encontrar tabelas ou quadros comparativos. Não tenho a intenção de realizar o desvendamento do outro.

Busquei trabalhar com o conceito de “**rizoma**”, trazido por Deleuze e Guattari. Interessou-me esta idéia de multiplicidade e as conexões implícitas à noção rizomática. Considerei igualmente importante a noção de que, no rizoma,

não há relações hierárquicas: tudo é relevante e considerável. Para a questão central do meu estudo torna-se vital pensar nas “**linhas de fuga**” às quais o rizoma está sempre sujeito, ou nas possibilidades de ruptura com as fixações de diferenças e identidades. (GALLO, 2003, p. 92-94).

Defender e enfrentar a complexidade do conhecimento é batalha cotidiana contra a minha formação positivista. Não tenciono, entretanto, passar a idéia de que isto seja fácil; basta virar um botão e mudei de paradigma, estou feliz, certa e segura.

Vivo em uma corda bamba, considerando que este andar é o mais interessante, porém, nem por isso menos angustiante. A sensação é semelhante à experiência que tenho no **palco**. São momentos em que o elemento imprevisível está à espreita. Aliás, no palco, esta corda bamba, mesmo aflitiva, é poderosa aliada, pois aquece a chama criadora. O tempo todo é preciso estar atento aos companheiros de cena, estar com eles, olhar em seus olhos e descobrir o que vai surgir naquele momento. Não havia me dado conta, efetivamente, de que esta imprevisibilidade pudesse ser também fonte criativa para a produção de conhecimento.

Felizmente, não estou só neste “palco” da pesquisa em Educação. Pertencço a um grupo que encara a produção científica desta maneira. Encontrei um espaço que acolheu o lado experimental de minhas produções. Falarei com mais detalhes sobre este grupo em **Andamento**.

**“Va', pensiero, sull'ali dorate/ Va', ti posa sui clivi, sui coll/ ove olezzano tepide e molli / l'aure dolci del suolo natal!”** [**“Va', pensiero”** - Giuseppe Verdi e Temistocle Solera]

A conotação provocativa e a tendência em trazer o encontro com diferentes áreas do conhecimento continuam pulsando fortemente.

Ao afinar meus instrumentos procurarei explicitar porque considero importante falar sobre identidades, como percebo as diferenças e qual a relação

disto tudo com meus entrevistados. Não considereirei meus entrevistados como “representantes da classe dos músicos”, ou “representantes dos artistas”. Procurei trabalhar com a composição humana, aberta e, portanto, “incontível” (GIL, 1982) dentro de perfis, ou categorias.

Abordei o outro. Esse outro em sua estranheza. Outro que existe apesar de minhas idéias, fantasias e medos. Busquei subverter a propaganda de respeito e tolerância tão em voga no discurso da pedagogia moderna. E ainda, questionar a supremacia das identidades autodenominadas legítimas, bem como a desvalorização das diferenças.

Meu trabalho pretendeu apresentar possibilidades. Mostrar que identidade e diferença são banhadas na/pela cultura. São também permeadas por relações de poder e fortemente matizadas por representações simbólicas. Parti da constatação de que a sociedade tece representações fechadas acerca de pessoas como músicos e artistas e procurei mostrar que há possibilidades de rupturas.

Trouxe à tona minhas conversas com estes entrevistados. Os depoimentos seguiram mesclando-se uns aos outros em múltiplos pontos de conexão; algumas vezes a partir da teoria, outras a partir de textos, imagens, canções, poesia...

Recebi da banca examinadora, a instigante tarefa: não finalizar este trabalho. Deixá-lo aberto, “respirando”, procurar manter a expectativa que o próprio texto havia criado. O trabalho deve buscar a sustentação da incompletude que ele mesmo sugere. Assim como as diferenças, constantemente gerando outras diferenças e as identidades, sempre em construção.

**“É eu vou voar/No azul mais lindo/Eu vou morar/Eu quero um lugar/que não tenha dono/qualquer lugar”** [“Na linha do horizonte” – Azymuth]

Os adejos mais raros se escondem nos emaranhos.  
[Manoel de Barros, 1998]

♪ Esta nota musical aparece algumas vezes no corpo da dissertação.

**Recomendo enfaticamente** ao leitor que explore **todas** estas indicações. Este trabalho não foi criado para ser lido de maneira linear. É preciso ir além das palavras aqui escritas e permitir que o ambiente virtual elaborado proporcione diferentes experimentações. Pelas mesmas razões, aconselho ainda a exploração de **todos** os *links* criados.

A partir destas notas musicais é possível acessar arquivos sonoros. Estes foram criados como portais pelos quais o leitor possa trilhar como lhe aprouver. Por limitações referentes ao tamanho dos arquivos e “velocidades digitais”, as canções acessadas não poderão aparecer na íntegra.

Dois são os movimentos que abrem este ambiente virtual. No primeiro está contido o **Memorial** onde me apresento e justifico a iniciativa de fazer um estudo pautado na música. Por sugestão da banca o **Memorial** continua integrando a dissertação, pois constitui parte fundamental para a compreensão do todo.

O segundo, **A composição fala de si**, é o presente texto. Neste, várias modificações foram introduzidas. Este texto representa o momento em que minha composição se apresenta ao leitor.

**Afinando instrumentos** traz os matizes que utilizei para as discussões sobre diferenças e identidades. Aqui brotam contribuições de autores acadêmicos, poetas, compositores, músicos, literatos, artistas. Estas contribuições estão mescladas umas às outras. Outra sugestão feita pela banca examinadora, foi que eu colocasse todos estes autores lado a lado nas referências, uma vez que, em minha concepção, são inseparáveis. Foi o que fiz em **Influências** disponibilizando todas as referências citadas ou consultadas, desde a bibliografia até indicações literárias e musicais. Em **Gravações** incluí os créditos das trilhas que foram produzidas; Em **Sites** indiquei os endereços digitais.

**Andamento** continua marcando pulsações da obra. Aponto como surgiu a idéia de utilizar charges e letras de canções para as entrevistas. Falo da iniciativa de criar identidades fictícias para os solistas e os apresento. Destaco questões de acessibilidade produzidas em consonância com a visão inclusiva; descrevo como se deu a aparição dos desenhos infantis. Justifico, acima de tudo, minha recusa

em fazer o direcionamento deste trabalho exclusivamente para os “músicos da noite”.

Em ***Rupturas e representações*** exponho como as composições se dissolvem ao longo de inúmeras conexões que vão provocando. Exibo o material obtido através das entrevistas. São captações que se percebem momentâneas, como uma fotografia *Polaroid*.

“***Festa acabada, músicos a pé.***”? Trata-se de um conhecido ditado popular, para o qual achei correspondência em **outros idiomas**. Considerarei oportuno transformá-lo em pergunta, como uma provocação, para modular as “notas finais” do trabalho.

Em ***Notas Soltas*** incluí curiosidades. Em ***Complementos de entrevistas***, inseri trechos que considerarei importante destacar. Expus ainda um levantamento sobre ***Filmes*** que abordam temas pertinentes à discussão e uma série de ***Piadas*** que abordam o congelamento de identidades.

### **Semínimas explicações**

***Ad Libitum***. Ofereço neste trabalho, alguns espaços livres. Estes poderão aparecer em qualquer parte do ambiente virtual e trarão contribuições dos mais variados tipos. São pequenos agrados ao longo do caminho.

***Letras de todas as canções*** poderão ser acessadas ao longo de ambiente, no momento em que forem citadas. Basta clicar no *hiperlink* criado a partir do título de cada uma.

# ANDAMENTO

Desenho de Bruno – 8 anos  
descrição da imagem



Que a palavra parede não seja símbolo  
de obstáculos à liberdade  
nem de desejos reprimidos  
nem de proibições na infância etc.

(essas coisas que acham os reveladores de arcanos mentais)

Não.

Parede que me seduz é de tijolo, adobe  
preposto ao abdômen de uma casa.  
Eu tenho um gosto rasteiro de ir por reentrâncias  
baixar em rachaduras de paredes  
por frinchas, por gretas – com lascívia de hera.  
Sobre o tijolo ser um lábio cego.  
Tal um verme que iluminasse.

[Manoel de Barros, 1998]

♪“**Cet asile aimable et tranquille/ par lê bonheur est habité/C’est lê riant séjour de la félicité/ Nul objet ici n’enflamme l’âme**” [Cet asile aimable et tranquille] – C. W. Glück e Pierre-Louis Moline/versão francesa]

Relatei no memorial a transformação ocorrida em minha vida. Eu, uma pedagoga, estava temporariamente fora da sala de aula. Mas, sendo também cantora, passei a conviver mais estreitamente com músicos e pessoas, de alguma maneira, envolvidas com Arte. Novas experiências surgiram indicando-me caminhos inusitados.

Compreendi que, mesmo estando distante da prática pedagógica, encontrava-me em um campo fértil para debater diferenças, identidades, inclusão. Por esta razão, direcionei minha pesquisa a pessoas ligadas ao mundo artístico.

Foram minhas perplexidades que nortearam os traçados iniciais desta investigação. Aturdida, com as recentes vivências, via surgir na mente questões pertinentes ao convívio com meus colegas: emergiam importantes enigmas.

O projeto que submeti ao processo de seleção para o Mestrado, incluía um DVD produzido de maneira caseira, contendo conversas com músicos e outros artistas sobre seus respectivos ofícios. Incluí ainda, a gravação de canções que eu havia interpretado para pontuar temas levantados e duas charges. Meu desejo era trabalhar com diferentes linguagens.

Para as charges, convidei o cartunista Renato Stegun. As situações inseridas nos desenhos surgiram a partir do material colhido nestas primeiras conversas; minhas próprias vivências como cantora, bem como, frases captadas informalmente junto ao público. **“Vocês só tocam ou trabalham também?”**, foi a primeira charge a ser produzida. Em seguida veio: **“Nossa! Vocês tocam tão bem que parece até CD!”**.

Nesta fase inicial, dividi em três categorias meus entrevistados. Minha primeira idéia foi alinhar e nomear. Julgava que tais categorias seriam representativas. Imaginava que elas poderiam certamente fornecer elementos para definir a “composição do **músico brasileiro**.” As categorias se subdividiam

em: Músicos da noite; Alunos da Faculdade de Música do Instituto de Artes/UNICAMP; e Músicos consagrados.

**“Tu pisavas nos astros distraída/sem saber que a ventura desta vida/ é a cabrocha, o luar e o violão”** [Chão de Estrelas - Silvio Caldas/Orestes Barbosa]

Tropecei em enormes contradições. Propunha-me a falar de meus entrevistados de maneira aberta, mas, paradoxalmente, tencionava navegar à busca de “tipos” humanos. Estava tecendo **perfis** fechados, o que destoava das leituras feitas no Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença - Leped.

Em uma de minhas **conversas com a Professora Maria Teresa**, disse-lhe que algo me perturbava; eu não estava caminhando. Entre uma salada e um refrigerante, ela apresentou-me à incoerência da situação: na “modernidade líquida” (BAUMAN, 2001) são múltiplas as possibilidades, os conceitos são abertos. Os movimentos, então, começaram a pulsar. Momentos de consonância e dissonância se intercalaram.

Considero oportuno falar sobre o trabalho que é realizado no Leped, pois assim, podem ficar mais claras as razões que levam minha dissertação a destoar dos padrões convencionais. Trabalhamos na construção de redes complexas de conhecimento em Educação. Encontramo-nos em constantes inquietações em relação aos nossos processos metodológicos.

“A racionalidade, como nos ensinam Morin (2001), Certeau (1999), Sousa Santos (1998) e outros, evolui a partir de uma rede cada vez mais complexa de encontros entre o homem e sua subjetividade com o cotidiano, com o social, o cultural, invadindo as demarcações dos espaços disciplinares, buscando tangenciamentos, relações, conexões, com *táticas, maneiras e artes de inventar o dia-a-dia*, que subvertem o estabelecido: a

fragmentação das disciplinas, a ruptura da compreensão, a cisão entre o saber e o fazer.” (MANTOAN, 2008).

Ao descrever este grupo, no ***Memorial***, mencionei que ele é docemente subversivo: um espaço de amizade, irreverência, compartilhamento e experimentações.

Convidei algumas colegas a exporem seus trabalhos elaborados no laboratório.

### **Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença – Laped**

**“Não/Não sei se é um truque banal/Se um invisível cordão/Sustenta a vida real”** [***O circo místico*** – Edu Lobo e Chico Buarque]

A ***charge da equilibrista*** é uma homenagem que faço ao nosso grupo. Para mim, o movimento da equilibrista assemelha-se ao que fazemos; caminhamos por cima de cordas bambas, tendo uma sombrinha nas mãos.

Para nós, identidades são constantemente construídas no encontro conflituoso com as diferenças. Estas constituem o ponto central quando falamos em inclusão. Longe de rótulos e acirramentos, pensamos na diferença feita e refeita o tempo todo, definida a partir de sua intrínseca multiplicidade, (SILVA, 2000), ou seja: diferença que gera outras diferenças levando à imprevisibilidade. Consideramos que isto é precioso em uma educação que deseja estar aberta a todos. Em meu modo de entender o Laped é um “Grande Circo Místico” (HOLANDA e LOBO, 1982) onde cada um exercita aquilo que tem de melhor.

Meu trabalho se libertou. Mudei tudo. Percebi que estudar “o músico brasileiro” seria equívoco fatal e que meu estudo não poderia ser jamais direcionado a um tipo específico de músico, ou artista. Acima de tudo, desisti de tecer perfis. Se eu tipificasse meus entrevistados, estudaria “sujeitos desencarnados” (NAJMANOVICH, 2001).

**“Luz, quero luz/Sei que além das cortinas/São palcos azuis/E infinitas cortinas/Com palcos atrás”** [“Vida” - Chico Buarque]

Cada vez mais, o problema do meu trabalho tornava-se mais claro. Parecia-me que músicos e artistas de modo geral, projetavam certo tipo de imagem na sociedade e que esta, muitas vezes, os precedia. Ao entrar num ambiente, ou começar o trabalho, já pairava – qual uma sombra à espera do preenchimento de carne - uma “pré-idéia”.

Não construí “quadros comparativos” nem estabeleci “grupos de controle”. Nem, como me foi sugerido, selecionei diferentes categorias de músicos e artistas: periferia, centro, universidade, famoso ou não, erudito, professor etc. Eu não impingi a quem entrevistei uma visão universalista; não coletei “amostras” ou representantes de classe, ou ainda, tentei atingir **todos** os músicos as pessoas ligadas à Arte.

Busquei histórias, experiências individuais com a Música e a Arte e, principalmente, as diferenças, no entendimento de que **a composição de cada um** é sempre única e interminável.

Para o público com o qual tive contato, músicos, artistas não trabalham apenas se divertem. Mesmo se estiverem tocando em um bar durante quatro horas seguidas - como acontece com alguns músicos - ou, como no caso de outros artistas cujo trabalho é feito em **estúdios domiciliares**.

Captei em conversas com pessoas em geral, tendências de congelamentos destas identidades em características depreciativas. Eram falas como: “Artista é distraído mesmo”, ou “Músico não nasceu pra resolver coisas da vida prática”, ou “Artistas são desmiolados” e por aí afora.

Percebi que a tendência da sociedade em tecer representações fechadas acerca destas pessoas, seria o grande problema de meu estudo. Meu mote principal esteve no rompimento destas rotulações.

**“Mais, quero mais/Nem que todos os barcos/Recolham ao cais/E os faróis da costeira/Me lancem sinais”** [“Vida” – Chico Buarque]

Em 2006, entrevistei um músico de Jaguariúna e um produtor musical de São Paulo e seus depoimentos foram registrados apenas em áudio. A partir deste material, complementado com leituras e estudos, concebi mais três charges, que somadas às duas existentes, (já referidas), serviram de base para as entrevistas subseqüentes:

**A lavagem de toalhas do bar**

**Me descobre!**

**Você é artista ou é músico?**

**Charge, cartum, caricatura** (sabe qual é a diferença?)

A utilização das charges foi inusitada. Delas brotaram reações incomuns. Alguns se surpreendiam em encontrar humor em uma pesquisa de Mestrado. As imagens provocavam risos e descontração: agitavam o andamento das entrevistas.

A intenção era introduzir um elemento visual instigante - e bem humorado. Mais do que isso, as charges foram criadas para gerar controvérsias e debates. Desejava que elas possibilitassem a abertura de brechas nas conversas e, a partir destas, ampliar as discussões.

As charges, elementos fundamentais desta pesquisa, fizeram parte tanto da metodologia quanto de minhas hipóteses. Foram parte da metodologia, pois, deliberadamente, eu pretendia utilizar diferentes linguagens no estudo. Ilustram minhas hipóteses, na medida em que revelavam visões estereotipadas sobre músicos, artistas.

As entrevistas transcorreram em clima de bate-papo. Não havia um roteiro de perguntas. Interessava-me entabular uma conversação e estabelecer um

relacionamento pessoal com o entrevistado, sua Música e sua Arte. O resto brotava estimulado pelas charges e as canções. Passei a registrar as entrevistas em vídeo, com a prévia autorização dos envolvidos.

Apesar de terem sido claras para mim as **influências teóricas** que me levaram a criar este Golem, nada havia me preparado para a perturbação metodológica que foi passar por esta experiência. Elaborar este ambiente virtual constituiu um processo que – em verdade - ainda está em construção, mesmo às vésperas da defesa.

**“E pela porta de trás/Da casa vazia/Eu ingressaria/E te veria/Confusa por me ver/Chegando assim/Mil dias antes de te conhecer”** [**Valsa brasileira**] - Edu Lobo e Chico Buarque]

No **Memorial** descrevi que foi impossível deixar de pensar em música enquanto estudava. Lia os textos de Boaventura de Souza Santos e vinha-me à mente, por exemplo, a canção “Sinal Fechado”, de Paulinho da Viola:

“Tanta coisa que eu tinha a dizer/Mas eu sumi na poeira das ruas/Eu também tenho algo a dizer/Mas me foge à lembrança/Por favor, telefone, eu preciso/Beber alguma coisa, rapidamente”.  
(VIOLA, 1969).

Este foi um dos motivos para a introdução, ao longo de todo texto, de trechos de letras de canções. Elas se infiltravam exigindo participação. Muitas vezes, tinham relação com o que eu estava escrevendo. Outras não tinham relação direta com o texto, mas tinham o condão de me tranquilizar durante a tarefa árdua de escrever.

As letras tiveram ainda um papel de destaque na discussão teórica. Aclaravam idéias dos autores que me acompanharam neste estudo, complementavam, divergiam, completavam minhas análises. Aos poucos, percebi outra razão para estas inserções musicais: surgiram, para fazer uma ligação afetiva, estavam ali para estender a emoção que me trouxeram também ao leitor.

Meu estudo não poderia deixar de lado questões voltadas à **acessibilidade**. Neste sentido, são os referenciais da inclusão que me motivaram, bem como, o que venho exercitando no convívio com o **Grupo Todos Nós**. Dentre os mecanismos projetados para este trabalho estão: opções de mudança de contraste de fundo, aumento do tamanho de letras e mecanismo de busca. Todas as imagens que aparecem neste ambiente virtual contam com descrições em textos, para o apoio aos **leitores de tela**.

Dentre meus entrevistados há uma pessoa com deficiência visual, o que me levou a fazer a descrição das charges usadas nas entrevistas e transcrevê-las para o **código Braille**, a fim de torná-las acessíveis. Foram também vertidas para o Braille as letras das canções utilizadas. Para esta atividade, contei com o total apoio do Laboratório de Acessibilidade da Biblioteca Central Cesar Lattes da UNICAMP (LAB/BCCL/UNICAMP), através da bibliotecária Deise Tallarico Pupo e da pedagoga Sílvia Helena Rodrigues Carvalho. A própria entrevistada foi de grande ajuda, pelo fato de eu desconhecer o Braille. Foi ela quem leu os textos para que eu pudesse marcá-los com caneta, diferenciando-os mais tarde. Minha entrevistada dispôs-se também a testar o ambiente virtual deste estudo, entrando em diferentes fases, percorrendo-o com seu leitor de telas para verificar a aplicação dos recursos de acessibilidade.

Ao longo do trabalho é possível acessar diferentes gravações musicais. Durante o exame de qualificação, uma das curiosidades da banca examinadora foi saber como se deu este processo. Algumas gravações são de trechos originais, retirados de discos; outras são registros caseiros feitos por mim e pelo músico Alexandre Cippola, em um estúdio improvisado. Todos os créditos destes registros estão citados em **Influências**.

### **Detalhes do processo de gravações**

**Desenhos infantis** surgem por todo trabalho. A idéia ocorreu-me ao fazer os *links*. Sentia que faltava algo visual. Não sei precisar se isto se deu por minha

nostalgia da sala de aula, ou pela necessidade de acrescentar mais um elemento estimulante.

Os autores destes desenhos cursam o ensino fundamental de uma escola regular em Vinhedo. São alunos do professor e músico **Alexandre Cippola**. Infelizmente não os conheço e, curiosamente, não estava presente durante a elaboração destas produções, o que torna o resultado ainda mais precioso. A única solicitação do professor Alexandre foi a seguinte: “Façam um desenho sobre música: o que vocês quiserem”.

Fiquei maravilhada com o material que ele me trouxe! A riqueza dos diferentes pontos de vista das crianças e, ainda, o fato de cada desenho captar questões abordadas nesta dissertação.

“Tenho um gosto rasteiro de ir por reentrâncias” (BARROS, 1998), procuro rupturas. Grosso modo este foi o centro do interesse metodológico de meu estudo: encontrar brechas, por onde o insuspeito pudesse transpassar e fugir a todo tipo de controle. Caminhos por onde diferenças pudessem manifestar-se em sua imprevisibilidade e identidades pudessem revelar-se soltas de todas as amarras.

**“Ah, como é difícil tornar-se herói/Só quem tentou sabe como dói/Vencer satã só com orações”** [Agnus Dei] – João Bosco e Aldir Blanc]

Durante o exame de qualificação, o modo como fiz a escolha de meus entrevistados (os solistas) chamou a atenção. Segui por caminhos não ortodoxos, não havia critérios pré-estabelecidos; declarei que entrevistara pessoas interessantes encontradas pelo caminho.

De acordo com a banca, havia um critério subjacente a este processo seletivo mesmo que eu não o assumisse, ou seja, algum tipo de recorte havia sido realizado para minhas escolhas. E ainda, segundo a banca, seriam constituintes de minha seleção “os músicos da noite” e isto poderia ter ocorrido dada minha experiência na área. As charges referenciavam vivências específicas deste tipo de músico, não trazendo à tona a realidade do músico erudito, por exemplo. Como

sugestão, foi-me apresentada a proposta de *assumir e definir este recorte*, considerando que ele não seria um critério único e que poderia trazer certa incompletude.

Não me senti à vontade com esta sugestão, pois não considerava meu trabalho direcionado a um determinado tipo de músico. Não é deste ponto de vista que encaro diferenças e identidades neste estudo. Julguei que se eu assumisse ou definisse um recorte, abriria uma concessão que, fatalmente, destruiria o aspecto multifacetado do trabalho. Se eu afirmasse, por exemplo, que estudava somente os músicos da noite, eu perderia o vislumbre de outras possibilidades para pessoas com quem conversei. Esta posição seria insustentável, pois entraria em contradição com tudo que venho defendendo.

Abri este texto lembrando que eu poderia ter voltado minha discussão para a vida de professores, por exemplo. Entretanto, naquele momento, fazia mais sentido falar de minhas vivências musicais, pois estavam mais próximas de meu cotidiano. Apesar desta escolha, o processo ficou absolutamente aberto e isto ficou esclarecido para mim, quando percebi a necessidade de conversar com outras pessoas ligadas à Arte. Considerei a multiplicidade de meus entrevistados mais fértil do que qualquer recorte que eu precisasse fazer.

Retomei o processo de criação das charges e sua aplicação nas entrevistas, a identificação com as situações desenhadas ocorreu com músicos, artistas e pessoas de **diferentes áreas**. Isto mostra que elas não foram criadas para apenas um "tipo de músico". **Rupturas e representações**, por exemplo, não apresenta um bloco separado para cada entrevistado, criei portas de entradas, por onde o leitor pudesse acessar as conexões que os solistas foram compondo. Procurei romper com o sentido único das palavras, porque intuí que estes sentidos escorriam e, freqüentemente, escapavam às minhas tentativas de tecer quaisquer definições.

Talvez Lispector (1991) possa auxiliar-me nesta contra argumentação, diante da sugestão da banca, ou seja, diante da necessidade de fazer este recorte:

“Eu, reduzida a uma palavra? Mas que palavra me representa? De uma coisa sei: eu não sou meu nome. O meu nome pertence aos que me chamam. Mas, meu nome íntimo é zero. É um eterno começo permanentemente interrompido pela minha consciência de começo”. (1991, p. 133).

**“Impuro, imperfeito, impermanente/Incerto, incompleto, inconstante/Instável, variável, defectivo: eis aqui um vivo, eis aqui...”** [“Vivo” - Lenine e Carlos Rennó]

Intuição, experiência na área, curiosidade, indicações dos próprios entrevistados ou outras fontes, e ainda, o **encontro com pessoas interessantes** pelo caminho, continuaram sendo meus motivadores. Fugi das amarras nesta busca.

Criei identidades fictícias para meus entrevistados. Tomei esta liberdade, influenciada por Mia Couto. Em suas palavras, “somos criadores de nossas identidades”. Criei-as com bom humor e muito carinho. Neste sentido, nem minha identidade (enquanto autora do trabalho) é relevante: ora apareço como MISDB, Bel Dias, Maria Isabel, Amanda Beck... Tudo isso pode parecer subversivo, mas, para mim, é bastante atrativo. Minha própria identidade flutuou “vagabunda, errante dentre identidades que são sempre móveis”. (COUTO, 2006).

Assim procedi para convalidar a maneira como concebo as identidades, lindamente expressado na composição “**¡Chau, no va más!**” de Virgílio e Homero Expósito: “vivir es cambiar, **en cualquier foto vieja lo verás**” (EXPÓSITO e EXPÓSITO, 1974).

**“Recomeçando das cinzas/Vou recompondo a paisagem/Lembro um flamboyant vermelho/No desmantelo da tarde”** [“Sete desejos” - Alceu Valença]

A seguir, apresento os solistas (meus entrevistados) que participaram desta composição. Suas identidades, bem como, os respectivos movimentos musicais criados.

1. Rapsódia para piano em Inclusão Maior: **Solista Helena Kordiakov**.
2. Concerto atonal para voz: **Solista Rosa Cravo ou La Cravo**.
3. Maxixe apimentado para bandolim, cavaquinho, violão, guitarra e viola: **Solista Silveira das Cordas ou Silveirinha**.
4. Samba canção em melancolia azul: **Solista Augusto Evans**.
5. Partido alto para contrabaixo em Sol Bemol: **Solista Romeo Tequiero**.
6. Fox-trot em flores se abrindo: **Solista Stelinha Gonzaga**.
7. Milonga para um violão: **Solista Ringo Stone**.
8. Luau para uma cidade: **Solista Cintra Jr**.
9. Tango para bandoneon aquático: **Solista Otto Brito G**.
10. Suíte para bronze incandescente: **Solista Carlota Costa**.
11. Sinfonia no. 3 em lá maior, dita Luminosa (*op.90*): **Solista Izadora Luz**.

## AFINANDO INSTRUMENTOS



Desenho de Milena – 8 anos  
Descrição da imagem

**“Viver é afinar o instrumento/De dentro prá fora/De fora pra dentro/A toda hora, todo momento”** [Serra do luar - Walter Franco]

Retomo minha composição. O tema continua o mesmo, mas os instrumentos musicais que utilizo são outros. Com um diapasão nas mãos regresso ao árduo exercício da afinação. Meus argumentos estão imersos em uma dissertação pouco convencional, pois este trabalho nasceu digital, dada sua concepção entrelaçada. Músicos, pessoas ligadas à Arte, diferenças, identidades, inclusão se encontram amalgamados como personagens deste enredo.

Caminho por uma vereda **bastante habitada e polêmica** - o debate sobre diferenças e identidades – mas não trago tendências definitivas. Trabalho com a idéia de que minha jornada pode ser permeada com muitas incertezas.

Ao considerar a **“fluidez dos conceitos”** (BAUMAN, 2001) e sabendo de antemão que estes tecem artimanhas, permaneço atenta, com a **única** certeza de que ninguém está imune às contaminações. Como pesquisadora, caminho por uma corda bamba procurando o melhor movimento, rumo ao próximo passo e a um novo desequilíbrio.

**Penso em Morin** (2006) e em seu texto sobre os saberes necessários à Educação. Especialmente quando diz “Todo conhecimento comporta o risco do erro e da ilusão” (2006; p. 19). A paradoxal cegueira do conhecimento é um ponto a ser sempre considerado. Em minha opinião, a Arte - em suas múltiplas manifestações - pode constituir-se em veículo capaz de fazer percursos por entre estas “cegueiras”, construindo saberes sem medo de perder a visão ou até mesmo o equilíbrio de quando em vez. As possibilidades abertas pelas Artes criam saberes em planos incontrolláveis e é exatamente o que tento explorar nas manifestações literárias, musicais, pictográficas e sonoras desta dissertação.

Diferenças e identidades são discutidas sob o ponto de vista da inclusão, isto significa que abro meu olhar sobre meus entrevistados, compreendendo que são todos incomparáveis: procuro possibilidades de rupturas com o **statu quo**. **Diferenças** que não considero fechadas em grupos específicos, mas sim, que se originam na **multiplicidade**. Identidades que não enquadro em padronizações, mas que se percebem em transitoriedade.

Não conheço melhor forma de iniciar a discussão do que valer-me das palavras de músicos. Faço presente a composição de Lenine e Ivan Santos, que diz: “ninguém faz idéia de quem vem lá”. Vivemos num tempo em que, cada vez mais, o “incontível” (GIL, 1982) está presente em nosso cotidiano; os outros, apesar de nossas tendências de controle e tradução, trazem imprevisibilidades, fascínios, incômodos.

Em minha opinião, estes compositores apontam também para as crescentes possibilidades de re-invenção do cotidiano, em outras palavras, nem tudo está sob o domínio de forças hegemônicas, há “**táticas**” (Certeau, 1994) que não obedecem a leis de comando: diferenças que não se deixam reduzir, identidades que são próprias do “**incontível**”.

Palco de conflitos acentuados são os **nossos dias**. Aspectos relacionais, institucionais e sociais estão em constantes transformações, é o que podemos perceber a partir de uma rápida leitura pelos jornais: crise econômica e desemprego em proporções mundiais; nações em crescente movimento de

intolerância a estrangeiros; e, em nosso país, uma velada guerra civil, que vitima mais pessoas por ano do que, por exemplo, os conflitos no Oriente Médio.

Em qualquer grupo social há acentuada estranheza, detectável nas relações de convívio e esta é originada no desconhecimento, no fato de não sabermos, com certeza, quem está, ou poderá estar diante de nós e o que poderá trazer consigo.

Há grupos que se auto-celebram possuidores de identidades “naturais” ou “normais” e, por esta razão, sentem-se privilegiados para manter este ***statu*** demarcando, desta maneira, radicalismos. Paradoxalmente o mundo, mergulhado em mudanças aceleradas, passa pela transformação das convenções sociais, colocando **todas** as identidades em xeque. Com isto, configura-se um movimento instável de forças e resistências.

Neste meu estudo aqueles que são considerados como “os outros” são músicos e pessoas envolvidas com Arte. Percebi que as pessoas com quem tive contato, dirigiam-se a eles de maneira fechada e negativa. Detectei representações sobre estas pessoas carregando estereótipos, comportamentos associados e que, ainda, traziam um caráter regulador e legitimador dentro do imaginário social. Ao mesmo tempo, vislumbrei espaços de descontinuidades e resistências. Estes são mostrados nas reações de alguns de meus entrevistados abrindo brechas nestes enquadramentos.

Mais adiante, mostrarei estas representações e rupturas configurando um emaranhado de estranhamentos, lutas e acomodações.

♪ **“Tarde uma nuvem rósea lenta e transparente/Sobre o espaço, sonhadora e bela!/Surge no infinito a lua docemente...”** [**Bachianas Brasileiras n. 5 - Ária (Cantilena)**] - Heitor Villa-Lobos e Ruth Corrêa]

Há inúmeras controvérsias em torno do conceito de identidade. De modo simplificado, vou referir-me às possibilidades de encará-la de maneira aberta ou

fechada. Em seguida, vou explicitar porque considero importante falar sobre identidade e quais significados este conceito traz para meu estudo.

Ver identidade como um conceito fechado implica em defini-la a partir de um padrão, em outras palavras, ela passa a ser vista como um conceito marcado por um modelo dominante. A esta fixação de padrões Silva (2000) chamou de “normalização”. Um “(...) dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença” (2000; p. 83). A “normalização” estabelece marcas a partir das quais outras identidades irão se pautar. Trata-se de escolha arbitrária, permeada por forças de poder que define os incluídos e os excluídos de um determinado grupo social. A conduta mais adequada (ou normal) passa a ser definida, com tamanha frequência que deixa de ser questionada, sendo vista como natural. Transforma-se em fator que hierarquiza as relações, algo como uma regra adotada por todos, sem que ninguém saiba justificar as razões desta escolha.

Quando identidades são assim compreendidas, a tolerância tende a surgir como uma “solução civilizada” de convivência. Uma análise pouco mais atenta permite-nos observar que **tolerar** o outro pode abranger uma situação de desnivelamento. No dicionário o verbete “tolerar” apresenta acepções como: “suportar com indulgência; aceitar”. Quem está acima, tolera quem está abaixo. Aqueles que nos incomodam ou, simplesmente são diferentes de nós, não são considerados em suas peculiaridades. Suportamos essas presenças, desde que não invadam nosso espaço privado. Andamos sem notar as pessoas, damos encontrões, cortamos-lhes a frente. Porém, diante do primeiro sinal de desentendimento, (batida de carro, disputa de lugar na fila, o barulho do vizinho etc) esse “convívio tolerante” transforma-se em agressividade. Pessoas tornam-se incrivelmente visíveis, em todos os seus **desagradáveis detalhes**. Nesta perspectiva fechada o outro será sempre visto em relação a um único ponto de vista, ou seja, o dominante e sua **identidade** será enquadrada em uma categoria qualquer.

Costa (2008) faz uma constatação que, em minha opinião, complementa esta visão fechada que podemos ter sobre os outros. Em suas pesquisas

(mestrado e doutorado), trabalhou semanalmente durante dez anos varrendo as ruas no campus da Universidade de São Paulo, acompanhando o cotidiano de seus “colegas” garis. Com esta experiência, trouxe à discussão a idéia da

“(...) existência da ‘invisibilidade pública’, ou seja, uma percepção humana totalmente prejudicada e condicionada à divisão social do trabalho, onde enxerga-se somente a função e não a pessoa.” (2008; p.12).

Minha intenção **não é** discutir a pesquisa etnográfica, incorrer em análises sobre a questão trabalhista ou abordar a divisão social do trabalho. Meu objetivo **não é** comparar realidades entre a vida de garis e a vida de músicos, artistas. Estes universalismos não me encantam, não é desta maneira que encaro as coisas. Entretanto, este autor menciona questões relevantes no que diz respeito ao fechamento das identidades e é sobre isto que eu gostaria de pontuar.

A partir do cotidiano vivido, o autor descreve momentos em que a sociedade olha para os garis e os congela em uma imagem, quase como se fossem uma paisagem ou um objeto; ocorre uma espécie de “desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens” (2008; p.15). Relata ainda, que seus colegas e professores, ao passarem por ele, não o cumprimentavam, pois não o reconheciam; isto acontecia, pois sequer olhavam em sua direção em função do uniforme que vestia.

Nestes congelamentos as **especificidades** de cada um deixam de fazer sentido e as pessoas são analisadas a partir de uma marca identitária, neste caso, ligada ao trabalho. Aqui há um elemento complicador acrescido, que é a desvalorização do trabalho de varredores de rua. O julgamento sobre as pessoas está diretamente associado a uma marca simbólica, o uniforme que é usado, e conduz à “invisibilidade pública”, que é a “expressão de dois fenômenos psicossociais de caráter crônico nas sociedades capitalistas: humilhação social e reificação” (2008; p.15). Se o pesquisador circulasse pelo campus da USP vestido de médico, por exemplo, creio que as reações das pessoas seriam diferentes. Dentre meus entrevistados, alguns se referiram a estas sensações de **“invisibilidade” e reificação**.

**“Uma lata existe para conter algo/Mas quando o poeta diz: lata/Pode estar querendo dizer o incontível”** [**Metáfora**] - Gilberto Gil]

Bauman (2005) é apenas um dentre os diversos autores que apontam para a **crise** por que passam, por exemplo, as identidades que se pretendem naturais, ou definitivas:

“Em nosso mundo fluido, comprometer-se com uma única identidade para toda a vida, ou até menos do que a vida toda, mas por um longo tempo à frente, é um negócio arriscado.” (2005; p.96).

Viver em um tempo de **mudanças** generalizadas, insistindo na defesa de uma identidade imutável parece ser algo como colocar a cabeça dentro de um buraco à espera do término do iminente perigo.

Não foi desta maneira que trabalhei com identidades. Nesta dissertação, ao apresentar meus entrevistados, criei personalidades fictícias; no **Memorial** apresentei-me com apelido, nome completo, personagem de palco; todas as vezes que meu nome surgiu no trabalho, foi possível acessar fotografias captadas em diferentes épocas de minha vida. Fiz isso para defender que nem minha própria identidade é algo determinado. Várias coisas podem me definir, ou mesmo nenhuma delas! Quando iniciei este Mestrado estava diferente do que estou hoje. Vivi experiências transformadoras. Até o dia da defesa desta dissertação, estarei diferente e, assim por diante, até o último dia de minha vida.

Considero importante explicitar o que compreendo quando digo que identidade se trata de um conceito aberto; por mais que algo sempre permaneça em nós, estamos em constantes **transformações**. Sendo ela própria do “incontível” (GIL, 1982) e estando em constantes reformulações, então, todas as definições que formulamos acerca de uma pessoa serão sempre vencidas.

**Mas como compreender a identidade de maneira aberta, principalmente em seu aspecto relacional, em um mundo tão conflitante?**

O aspecto relacional abrange o outro. Neste ponto, creio, a discussão torna-se mais complexa. Como nos relacionamos com “o outro”, esta **espicaçante pergunta?** Como vemos o outro? É preciso falar mais sobre isso. Não creio que haja um viés teórico que possa ser definitivo nesta discussão. Agrada-me a idéia de buscar trazer diferentes contribuições.

Julgo interessante destacar algumas idéias de Emmanuel Levinás (2004). Questionador da tradição filosófica ocidental, o autor, tem a **alteridade** como central e destaca que a Ética constitui ponto central no pensamento filosófico, “capaz de inspirar e sustentar uma nova ordem humana e institucional” (2004; p. 33).

Lévinas afirma que a relação com o outro “consiste certamente em querer compreendê-lo, mas a relação (da alteridade) excede esta compreensão”. (2004; p. 27). Em outras palavras, “não é primeiramente, objeto de compreensão e, depois, interlocutor”. Ou seja, **há algo no outro que nos escapa**, apesar de nosso desejo de dominá-lo e **negar sua alteridade**.

Ainda segundo o autor, há outra possibilidade relacional, na qual não tentaríamos reduzir o outro à nossa semelhança, a uma norma, ou a um modelo desejado. O que pode reger este tipo de encontro é um **acontecimento ético**”; um conjunto de condutas dirigidas por uma intencionalidade ética que conduz o comportamento. Dito de outra maneira é possível relacionar-se com uma pessoa sem pretender reduzi-la a um padrão; uma relação que possibilita ao outro guardar sua qualidade de enigma ou de mistério.

“(…) Pensar, falar e agir distintamente são direitos inalienáveis e toda vez que o ‘outro’ for descaracterizado para servir a aspectos de nossa própria identidade se fará um estereótipo. A violência desta ação está em roubá-lo de sua alteridade e torná-lo **subordinado**, um apêndice de outra identidade”. (BONDER, 2008; p.183).

Retirei este trecho do livro de Nilton Bonder, “Tirando os sapatos: o caminho de Abraão, um caminho para o outro” no qual ele relata sua experiência numa peregrinação pelo Oriente Médio. Realizada pelo Departamento de Mediação de Conflitos da Universidade de Harvard, o rabino Bonder fez esta viagem revisitando marcos importantes para o Judaísmo, Catolicismo e o

Islamismo. O autor integrou um grupo de representantes de diferentes países e religiões. Ao fazer do caminho uma metáfora de aproximação ao outro, fala sobre as dificuldades que se apresentam quando intentamos este gesto. Para Bonder, o maior problema é reconhecer a diferença quando pensamos em pessoas semelhantes a nós. “Como reconhecer um indivíduo como um igual e, ao mesmo tempo, outorgar-lhe o direito de ser um outro?” (2008; p. 129).

Creio que estas sejam idéias que possam arejar o debate sobre identidades em seu aspecto relacional e ético. Receber o outro, ser um **anfitrião**, pensar em Ética, sugerir o desprendimento de amarras, de instituições como marcas identitárias, dentre estas, a nacionalidade, por exemplo; ou, simplesmente, **deixar de querer ter razão sempre**; são idéias provocativas.

Estar com os outros a partir de uma relação ética não constitui tarefa fácil, mas nem por isso deve ficar de fora de nossos desejos. Como educadora, considero importante investir na possibilidade de estar com o outro, mesmo configurando, muitas vezes, um quadro conflituoso. Conviver com desconhecidos, sem precisar, necessariamente, de definições. Acredito que isto pode ter salvaguarda numa relação inclusiva, por exemplo, porque é a partir de diferenças e identidades abertas que a inclusão atua, compreendendo que ambas são inclassificáveis.

Em minhas conversas com músicos e pessoas envolvidas com Arte entrei em contato com **embates** enfrentados por alguns deles. O “caminho para o outro” (BONDER, 2008), nestes casos, vem truncado sob o signo da **desvalorização**, enquadrada desde o início no fechamento destas identidades em estereótipos. Ao marcar, repetidas vezes, estas pessoas em características homogêneas, obscurece-se o ponto de vista das demais pessoas que passam a vê-los de **maneira imutável**. Desta forma: “músicos, artistas são todos iguais: vagabundos, desmiolados, irresponsáveis, românticos etc”. Percebi que estes olhares fixadores provocam efeitos em alguns músicos e artistas, o que torna difícil o **desligamento do olhar do outro**, provocando um **efeito congelante**.

A meu ver, Guareschi (2000) complementa esta discussão apresentando a necessidade de termos uma visão crítica em relação à **Ética**. Na opinião deste

autor, este não é um conceito definitivo e deve ser revisto sempre, pois permeia nossas ações, forma de pensar e de estabelecer relacionamentos:

"(...) de que ajuda aos grupos humanos dizer, simplesmente, que 'as coisas são assim', sem que se apresentem elementos de transformação e superação de tais situações? Mas o mais importante, contudo, é o fato de que uma postura teórica que simplesmente toma a ciência como uma prática que diz 'como as coisas são' esconde por detrás dela, uma postura conservadora. E tanto uma como a outra possuem dimensões éticas, pois ser conservador (isto é, permitir que as coisas sejam assim ou impedir que elas mudem) é uma ação tão ética como lutar pela mudança (lutar para que a situação se transforme)". (2000; p.17).

Guareschi aponta para a dimensão crítica da Ética, ou seja, ela não pode ser considerada como algo "pronto e acabado" (2000; p.18), está sempre por se fazer. Na medida em que está presente nas relações humanas, sofre também suas contradições, por isso deve ser sempre questionada. Destaca ainda, a dimensão propositiva, em outras palavras, sugere que a Ética deva ser vista como um impulso permanente em busca de crescimento e transformação.

**“Os clandestinos, os ilegais/Os gays, o chefe da nação/Ninguém faz idéia de quem vem lá”** ["Ninguém faz idéia" - Lenine e Ivan Santos]

Meu estudo revela um caso de amor declarado com a diferença, apesar dos riscos que isto possa acarretar. Pimenta ardida que pode dar gosto ao molho ou acabar com o prato, a diferença arrasta consigo apetrechos bastante inquietantes. Atrativa, pois escapa a todo tipo de controle, é através dela que podemos construir sociedades mais democráticas, escolas inclusivas. Porém, é também através da diferença que podemos criar guetos, grupos separatistas, por exemplo.

Sem maquiagens ou releituras, dispensou convites e está sentada à nossa mesa. É nossa cunhada, primo, uma tia ou aquele incômodo vizinho. Nós também,

certamente, somos diferentes para outras pessoas. De certa maneira, ser diferente é ser também intraduzível aos outros e aqui mora um problema. Em geral, gostamos de explicações e soluções. Incógnitas, dúvidas, impossibilidades são angustiantes.

É preciso, entretanto, estar sempre atento aos aspectos mais obscuros quando estudamos a diferença. Pierucci (1999), em meu entender, faz um pontado crítico destacando os perigos de viver a obsessão e os enganos desta relação ambígua que podemos estabelecer com este conceito. Verdadeira embaçadela resultante de posições desavisadas,

“(…) não se enfoca a diferença impunemente. Usada como arma ideológica ou como divisa, é feito feitiço que pode virar contra o feiticeiro. Quando menos se espera, a diferença afirmada joga do outro lado. Faz gol contra.” (1999; p. 41).

Esta é uma questão que tenciono destacar. Colocar no centro do palco somente a diferença, **levando-a ao extremo**, configura uma exacerbação que pode resultar em acirramentos como o racismo, por exemplo.

“(…) O racista vê o mundo dos humanos sob a ótica privilegiada da diferença, melhor dizendo, pondo em foco a diferença. A démarche racista começa por aí, pela focalização da diferença. O racismo não é primeira rejeição da diferença, mas obsessão com a diferença, seja ela constatável, ou apenas suposta, imaginada, atribuída (…).” (1999; p.26).

Considero que identidade e diferença sejam conceitos inter-relacionados e que esta relação esteja envolta em jogos de forças de ação e reação. Em meu entender, Silva (2000) apresenta um importante refinamento sobre esta relação. Este autor fala da diversidade, um conceito bastante celebrado na área da Educação, mas que não alcança o questionamento sobre os mecanismos de fixação, tanto da identidade quanto da diferença. Isto acontece porque a diversidade tem relação com tudo que é finito, ou seja, contabilizável, ela “limita-se ao existente” (2000; p. 35).

A meu ver, esta limitação da diversidade fica mais evidente, quando me recordo dos bonequinhos da **Playmobil**, com os quais brincava quando era

criança. Esta associação me parece pertinente. Criados por Hans Beck em 1974, os bonecos com 7,5 centímetros de altura, têm aparência absolutamente impessoal e regular, porém, é possível comprá-los paramentados de diferentes modos (todos estereotipados). Desta forma é possível ter príncipes, bombeiros, piratas, legionários, veterinários, índios, cidadãos modernos, egípcios, domadores de cavalos, romanos, policiais, crianças, adultos, homens, mulheres e outros tipos em sua coleção. Sem as vestes e os apetrechos, entretanto, os bonecos são indistinguíveis. Há uma diversidade de variações que se pode fazer com suas roupas e complementos, porém estas combinações são sempre limitadas, finitas.

Diversidade é uma idéia que se mostra enganadora, pois arrasta consigo identidade e diferença para a marca do que é finito e idêntico. Nela as diferenças são reduzidas a uma identidade. Creio que a canção “**Ãh!**”, de **Gabriel o Pensador** e Itaal Shur (2001) pode ajudar a compreender esse modo da diversidade. Destaco apenas um trecho da letra:

Tava tudo indo muito bem, porque eu só falava “ah”, escutava “ah” e pensava “ãh”  
Tudo como manda o figurino, as meninas e os meninos, todo mundo repetindo “ãh”  
Parecia muita hipocrisia, porque todo mundo repetia e nem sabia o que era “ãh”  
Tão fazendo a gente de robô, só não sei quem programou  
Quando eu percebi eu disse: “ô-ôu!”  
Foi aí que todo mundo olhou pra mim, só pra ver o quê que eu ia dizer  
Foi aquele olhar assim bem “ãh”, de quem quer ouvir um “ãh”, só que aí em vez de “ãh”  
eu disse “bê”!  
Depois dessa resposta muita gente deu as costas, e até quem me adorava  
hoje fala que não gosta  
Eu até tentei compreender o “ãh”  
Mas quando eu falei do “bê” ninguém tentou me entender  
É porque pra eles é o “ãh”, tem que ser o “ãh”, pelo jeito vai ser “ãh” a vida toda  
Se você quiser saber, depois do B já vem o C, e tem o D e tem o E e com o F eu digo foi

Por isso eu digo “ãh!”  
Everybody say “ãh!”  
Se todo mundo fala “ãh!”, eu também quero falar... “ãh”...

Por isso eu digo "ãh!"

Vem dizer comigo: "ãh!"

Se todo mundo fala "ãh", então eu digo "ãh"... ah, sei lá!

A diversidade tem esse "olhar bem assim "ãh"". É este o seu modo:

"Parecia muita hipocrisia, porque todo mundo repetia e nem sabia o que era "ãh"/"Tão fazendo a gente de robô, só não sei quem programou". (2001)

Na base da letra desta canção, "se todo mundo fala "ãh!", eu também quero falar...ãh..." encontram-se **identidades congeladas**. Elas sustentam esse "ãh" que se repete em dominante uníssono. A diversidade nunca poderá abarcar o "incontível" de que Gilberto Gil nos fala em sua canção "Metáfora".

**"E o esquecer/Era tão normal, que o tempo parava/E a meninada respirava o vento/Até vir a noite e os velhos falavam, coisas dessa vida/Eu era criança, hoje é você, e no amanhã, nós"**  
[**"Fazenda"** – Nelson Angelo]

**Ad libitum**

## **UMA PERGUNTA**

"E quando o outro é muito mais do que um?"

Quando o outro for *muito mais do que um* abrem-se possibilidades para que conflitos comecem a brotar. Em minha opinião, neste momento, pode ocorrer (mesmo no conflito) um grande salto: a constatação de que aquele ser humano que está diante de nós não pode ser domado, capturado. Compreendo que falar em diferenças requer o constante enfrentamento de confrontos diante da alteridade do outro; o exercício de negociações e acordos.

Contudo, nossa tendência não é olhar para as diferenças, mas sim, agrupá-las num determinado conjunto que pode ser nomeado como “o conjunto x” ou o conjunto dos músicos eruditos, por exemplo. Quando isto acontece, alguns apagamentos ocorrem. A homogeneização presente neste ato generalizador de **agrupar diferenças** anula todas as peculiaridades que possam estar subjacentes a qualquer grupo; a idéia de que são todos iguais, nos remete a um universalismo o que nos leva à descaracterização das pessoas envolvidas.

Não é o que procuro defender neste trabalho. Não busco agrupar “os músicos eruditos”, “músicos da noite”, “artistas”, para depois falar de suas diferenças. Quero falar de suas singularidades e, ao fazer isso, abordo suas identidades cambiantes, abertas. Não somos definidos por nossa profissão, gênero, religião, nacionalidade, etnia, posicionamento político etc. Somos compostos por múltiplas instâncias.

Ao discutir sobre diferenças Silva (2000) colabora bastante para ampliar minha visão sobre este tema, dizendo que a diferença vem da **multiplicidade**. Ao citar Pardo (1996), destaca o conceito de **“outridade”**. Segundo o autor, neste caso, “as diferenças não são diferenças entre identidades, mas sim, diferenças das identidades.” (Pardo, 1996, p. 154. Citado por Silva, 2000). Dito de outra maneira, os outros não são iguais a mim. Eles não se constituem a partir do que eu sou. Os outros são espicaçantes perguntas. Suas características individuais não podem ser resumidas, ou traduzidas para que fiquem mais simplificadas. Eles existem, apesar de minhas idéias, fantasias, suspeitas, e, **principalmente**, apesar de meus medos.

Voltando à letra da canção de Gabriel o Pensador e Itaal Shur:

“Só que aí em vez de “ãh” eu disse “bê!”/Se você quiser saber, depois do “b” já vem o “c”, e tem o “d” e tem o “e”/E com o “f” eu digo foi”. (2001).

A diferença - vista a partir da multiplicidade - pode abrir caminhos à **imprevisibilidade**. O que Silva traz em seu trabalho, no meu entender, modifica o panorama “(...) a diferença vem do múltiplo e não do diverso”. Para uma pessoa que não esteja estudando este tema, a afirmação pode parecer estranhamente redundante, entretanto, a diferença – que vem do múltiplo – **“segue diferindo”**.

(2000; p.100). Vejo-a como uma idéia que não se fecha. Isto pode até ser perturbador, porém, não é possível dizer até onde ela deva chegar.

Compreendo que não poderia olhar para as pessoas com quem conversei, com o objetivo de enquadrá-los em categorias, ou perfis pré-estabelecidos. **Categorias e perfis** não dizem o que eles são. Com isto não quero afirmar que trato de pessoas etéreas ou inatingíveis. Não! São pessoas bastante concretas, “sujeitos bem encarnados” (Najmanovich, 2001). Apenas pontuo que este trabalho se preocupa em apresentar pessoas e não em defini-las. Tentando aclarar pouco mais este ponto, lanço mão das palavras de Mia Couto:

“Acontece que o mundo é sempre grávido de imenso. E os homens, moradores de infinitos, não têm olhos a medir. Seus sonhos vão à frente de seus passos. Os homens nasceram para desobedecer aos mapas e desinventar bússolas. Sua vocação é a de desordenar paisagens.” (1991; p. 167).

*Ser grávido de imenso, morador de infinitos e não ter olhos a medir*, parece-me que são imagens oportunas para ilustrar a diferença quando é pensada a partir do múltiplo e a identidade quando é vista de maneira aberta. E é desta maneira que eu procuro trabalhar.

**“Em meio a tantos gases lacrimogêneos/Ficam calmos, calmos, calmos...”** [Clube da esquina no. 2] - Milton Nascimento/Lô Borges/Márcio Borges]

Tudo pode parecer tranqüilo até aqui. Identidades são abertas e diferenças são intraduzíveis. Contudo é sempre recomendável não iludir-se. Diferenças constituem um encanto para mim, mas, podem, facilmente, soar como sereias no mar destruindo os navios que se aproximam da costa.

A diferença é fundamental para nossa condição humana e a riqueza de nosso cotidiano. Porém, se a considerarmos fechada em si, como um alvo único, cairemos em um sistema que levará à exclusão. Seria algo como criar um bairro onde somente músicos e artistas pudessem morar. Nas palavras de Silva (2002):

“A diferença não tem nada a ver com o diferente. A redução da diferença ao diferente equivale a uma redução da diferença à identidade”. (p.65)

E a discussão segue ainda mais artilosa, com os apontamentos de Pierucci (1999) ao dizer que à diferença atrela-se sempre um juízo de valor:

“Ao se pôr a diferença, no ato mesmo de notá-la ou reconhecê-la, ei-la desde logo valorizada ou desvalorizada, apreciada ou depreciada, prezada ou desprezada. Porquanto não há diferença, nos quadros culturais de qualquer sociedade, que não esteja sendo operada pelo *valor*, como *diferença de valor*. (Dumont, 1979; 1983; cf. Heilborn 1993; Duarte, 1986). A diferença socialmente partilhada recebe sempre-já um sinal positivo (a nossa diferença, viva a diferença!) ou negativo (a diferença dos outros, do Outro).” (p.105).

De qualquer maneira, trabalhar com diferenças é perigoso; seja para mostrá-las ou escondê-las, conforme o “dilema da diferença” (1999, p. 106) destacado por Pierucci.

Em sua análise, este autor prossegue apontando também aos enganos de associar-se a diferença em oposição direta à igualdade, pois esta pode redundar no nivelamento de todos, levando à extinção das singularidades de cada um. Retornaremos, neste caso, aos estudos sobre o **“homem universal”** (Pierucci, 1999) ou sobre “sujeitos desencarnados” (Najmanovich, 2001), tendências de um olhar que agrupa, padroniza e essencializa as características humanas. Um tipo de olhar à procura de semelhanças, como se estas fossem garantias de uma igualdade. O grande perigo, inerente a tais tendências, está na completa descaracterização daquilo que é peculiar de cada um. Porém um perigo ainda maior subjaz a esta tendência aglutinante: acreditar que ao juntar pessoas em grupos de iguais estaremos garantindo a igualdade entre elas.

Volta-me à mente a **imagem da equilibrista** caminhando em cima da corda bamba. Parece-me que seu movimento é mesmo ideal diante do trabalho com estas idéias. Constatado como é desequilibrante escrever sobre diferenças e **pensar**

**em igualdade!** Lembro-me da máxima de Santos (1999). Sinto que ela deixa o tema mais próximo para mim:

“Temos o direito a ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza”. (1999, p. 44).

Todos têm os mesmos direitos diante da lei, por exemplo. Porém, isso **não estabelece** que seja possível “tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais” conforme estabelecia o conceito de **igualdade de Aristóteles**, habilmente contestado por Santos (1999) em sua máxima.

Quando evoco neste trabalho uma palavra carregada historicamente de sentidos como a igualdade, preciso explicar-me, sob o risco de incorrer em engodos. Se, por um lado, igualdade é fundamental, por outro encerra um viés conflituoso. Tratando a todos de maneira igual podemos chegar a um essencialismo deste conceito, paradoxalmente, isto gera desigualdade. Algo como dizer que: “O músico é irresponsável”. Como saber se todos são irresponsáveis? Esta é uma regra geral para todos? Irresponsabilidade em quê? Haverá músicos que não são irresponsáveis? Afinal, quem é “esse músico”?

É preciso viver a igualdade **até** o ponto em que ela não descarte a **diferença** e nem a inferiorize. Igualdade não pode ser fruto de uma fixação de padrões, nem hierarquizações. O mesmo ocorre com a diferença, que ainda não pode ter suas características anuladas.

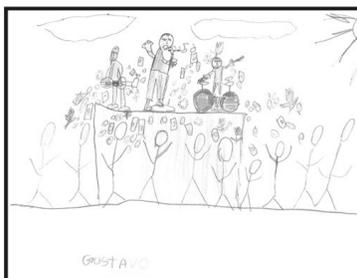
Centro-me naquilo que é errante, na criação de identidades abertas e na proliferação de diferenças. Aproveito a oportunidade para aceitar o convite que o escritor Mia Couto faz de reinventar-se, de sermos autores

“(…) de certa ficção para nós próprios, somos instigados a produzir uma identidade. De não ter medo de não ter uma identidade, mas sim, ter uma identidade que pode ser flutuante, vagabunda, **errante** entre identidades que são sempre móveis.” (2006; TV Cultura).

Aos que não se reinventam, creio, resta ainda a “máxima” de Abelardo Barbosa (O Chacrinha), grande comunicador da televisão brasileira: “Nada se cria, tudo se copia”...

# **RUPTURAS E REPRESENTAÇÕES**

*OU* como as composições se dissolvem



Desenho de Gustavo - 8 anos  
Descrição da imagem

**Maxixe apimentado**  
Solista: Silveira das Cordas

**Tango para bandoneon aquático**  
Solista: Otto Brito G.

**Concerto atonal para voz**  
Solista: Rosa Cravo

**Milonga para violão**  
Solista: Ringo Stone

**Rapsódia para piano em inclusão Maior**  
Solista: Helena Kordiakov

**Samba canção em melancolia azul**  
Solista: Augusto Evans

**Suíte para bronze incandescente**  
Solista: Carlota Costa

**Sinfonia no. 3 em lá maior, dita Luminosa (op.90)**  
Solista: Izadora Luz

**Partido alto para contrabaixo em Sol Bemol**  
Solista: Romeo Tequiero

**Luau para uma cidade**  
Solista: Cintra Jr.

**Fox-trot em flores se abrindo**  
Solista: Stelinha Gonzaga

### **Observação:**

**Foi impossível organizar e tentar imprimir todos os links criados para esta seção. Fiz apenas uma seleção simplificada para que o leitor tenha uma idéia do que foi realizado. Sugiro a consulta ao CD em anexo a este trabalho.**

Você está na seção: Rupturas e representações - Maxixe apimentado

**“A gente quer ter voz ativa/No nosso destino mandar/ Mas eis que chega a roda viva/E carrega o destino prá lá”** [Roda Viva] - Chico Buarque]

### **"Isso é muito complicado"**

**Silveirinha:** (...) A indústria, essa grande indústria comercial que a gente tava falando, confunde não só na música, mas de uma maneira geral, as pessoas ligadas ao entretenimento com artistas. Então, deste ponto de vista, uma modelo é uma artista, sei lá...

**Bel:** uma apresentadora de TV...

**Silveirinha:** Exatamente, vira artista. Então são pessoas ligadas ao entretenimento que estão lá fazendo outro tipo de coisa. E o pessoal da música, que está neste filão entra neste esquema aí. Então todos são artistas, para o grande público e para a grande mídia todos são vendidos como artistas. E aí fica difícil você falar: “O trabalho dele é comercial”. “Mas você também não vende seu disco?” “O Seu é comercial também.” Aí você vai dizer: “mas o meu tem uma proposta”... E fica complicado você falar essas coisas, é difícil de você delimitar.

**Bel:** Por que é difícil para os músicos serem vistos como profissionais distintos neste bolo? Na sua opinião, por que os músicos escutam tanto esta frase aqui: **“Você só toca, ou trabalha também?”**

**Silveirinha:** Acho que... Bom, tinha que fazer um estudo histórico aí pra ver isso **[risos]**. Acho que o músico tem culpa e a sociedade também. Acho que é a forma como as coisas foram acontecendo, o músico sempre foi bem marginalizado, né. A gente ouve os relatos do início do século XX, os músicos que trabalhavam com

o samba que começava a surgir, eles eram bem marginalizados. Quem era pego com um violão era preso porque era igual a encontrar com um...

**Bel:** Um fora da lei?

**Silveirinha:** É um marginal! E isso vai indo, né. A coisa do músico às vezes não... Não fazer exigências mesmo, o cara vai lá e o que pagam pra ele, ele aceita porque se ele não for tem dez que vão e ficam com aquela grana. Às vezes ele é humilhado e não se dá conta disso, ou até se dá conta, mas deixa passar porque não tem jeito mesmo. Sei lá é complicado isso...

Você está na seção: Rupturas e representações - Tango para bandoneon aquático

**“Vivo à margem da vida/Sem amparo ou guarida/Oh, Deus!/Como eu sou infeliz!”** [Folha morta] - Ary Barroso]

**Bel** – Há quanto tempo você está na gravura? Fale um pouco de seu trabalho.

**Otto Brito** – Há sessenta e tantos anos eu faço essas coisas. Eu faço gravuras, desenhos etc. Já fiz dezenas de exposições. [*risos*] A gravura que é uma técnica de reproduzir uma imagem, não com característica de reprodução, mas como uma imagem que apenas se repete quantitativamente, mas ela não é uma coisa mecânica. Eu imaginava que tudo isso fossem coisas do inconsciente que me influenciavam e na verdade não tem nada disso. Na verdade tem coisas muito do consciente que foram: primeiro uma grande influência das ilustrações de Gustav Doré. Quando me perguntavam qual era a origem dos bichos no meu trabalho eu não me lembrava... Mas aquele espelho que você viu lá na sala tem dois grifos, um de cada lado, aquilo era uma moldura que tinha uma fotografia do meu bisavô, na casa da minha avó. Na própria entrada da casa tinha também dois grifos de ferro batido, daí o imaginário predominou, quer dizer, eu preferi inventar situações com bichos e seres humanos misturados etc. E em tantos anos de trabalho, volta e meia eu escuto: ah! Quando eu era menina, minha mãe tinha uma

gravura sua na parede, que me dava muito medo... Eu passava e não olhava! Eu ficava impressionada. E sabe, isso é muito curioso!

**Bel** – Você fez parte da vida de algumas pessoas.

**Otto Brito** – Sim! Pessoas que conviveram com o fantástico, o monstruoso que os pais gostavam, mas elas tinham uma reação bem diferente.

### **"O artista plástico é uma pessoa que não se apresenta"**

**Otto Brito** - Há quarenta anos atrás ninguém perguntava como era a vida de um artista porque ninguém nem estava preocupado em saber como qualquer ser humano sobreviveria. Principalmente um artista plástico! Porque ele não é uma pessoa que se apresenta, ele é visto através de um trabalho e em geral as pessoas nem conhecem o artista, nunca viram a cara dele, né?

### **Sobre rótulos**

### **"Cada mercado cria seu padrão"**

O marketing & o artista: **"hoje se constrói uma imagem..."**

Você está na seção: Rupturas e representações - Concerto atonal para voz

**"Tudo é uma questão de manter/A mente quieta/A espinha ereta/E o coração tranquilo"** [Serra do luar] - Walter Franco]

**Bel** – Então e essa questão de ser mulher na música. Como é que é isso? É difícil?

**La Cravo** – Não sei... Eu acho que a gente não pode se ater às pequenas coisas.

[risos]

**Bel** - [muitos risos]

**La Cravo** – Desde sempre e para sempre. Você deve estar rodear de pessoas interessantes, sabe. O mundo é muito mais vasto, não é? Não vamos nos ater às pequenas coisas, eu acho. [*destaque meu*] Não dá pra ficar.... É assim:

Eu estou velha [risos] estou num momento da maturidade. Estou madura, com quarenta e tantos anos esse é um outro momento. Então nada disso que já me afetou quando mais jovem me afeta mais. Ai, meu Deus eu estudei pouco! Ai Jesus! Agora já foi! Eu tenho um pouco de calma. É o que é! Eu não sou a melhor cantora do mundo, nem a pior e tá tudo certo. É um desenvolvimento, mais do que tudo, meu, da minha vida! Então o que eu sei: ótimo! O que eu não sei, pior pra mim! Mais do que pra qualquer um, é a minha trajetória no mundo. Sou eu cá comigo, o meu desenvolvimento, minha capacidade, ao final das contas a música chega para todos. Mas ao final das contas é uma coisa do teu crescimento individual, enfim! O que você aprendeu o que o mundo te deu, o que você conseguiu desenvolver.

### **Comentários de Bel sobre este trecho da entrevista:**

Pensei que levantava uma questão relevante: "O papel da mulher na música". Na resposta de Rosa Cravo, me dei conta da contradição inerente à minha pergunta.

Eu caíra em um universalismo, pretendendo saber sobre "a mulher na música". Fiz o congelamento das identidades de mulheres, como se todas fossem iguais e pudessem ter uma voz apenas que as representasse, neste caso, Rosa Cravo. Fui parar também na famosa "cilada da diferença" (Pierucci, 1999).

Buscava uma "resposta engajada" de Rosa e ela, com tranqüilidade, mostrou-me que identidades trazem **algo bem mais amplo** do que uma questão de gênero. "Rodear-se de pessoas interessantes" e "procurar o desenvolvimento pessoal". *La Cravo* falou de uma postura de vida, transformadora. Uma grande sacada. Ela foi muito mais do que minha vã filosofia!

Genial resposta a uma limitada pergunta!

**Lembrei de Morin** (2006) e dos movimentos de equilíbrio e desequilíbrio na construção do conhecimento.

Você está na seção: Rupturas e representações - Milonga para violão

**“Day after day alone on the hill/ The man with the foolish grin is keeping perfectly still/ But nobody wants to know him/ They can see that he's just a fool”** [“The fool on the hill” - Lennon & McCartney]

**Ringo Stone:** E tocar nos bares é a mesma coisa: eu tenho muito problema, eu toco em bar que às vezes paga uma mixaria, como é o caso de Campinas, num bar que eu toco lá, que eu tentei brigar pelo cachê melhor e não consegui e acabei tocando por aquela miséria que o cara me paga.

**Bel:** Por quê?

**Ringo Stone:** Porque eu não sei brigar por essas coisas, entende? Às vezes eu prefiro não ir tocar do que brigar, então acho que por isso eu nunca tive muito problema na noite, essa briga às vezes com dono de bar, prefiro não discutir e aceito às vezes. E aí, a partir do momento em que eu falei “bom eu aceitei” então eu tenho que ir lá e tocar, **“eu aceitei”, fazer o quê?** Como foi o caso daquele bar em Mogi Mirim, eu fui cobrir uma data sem combinar cachê, e eu fui com a cabeça assim: “bom se eu pegar uns 150 tá bom”, o cara chegou no final e meu deu 260!

**Bel:** Mas esse é um caso complicado desse bar, né porque eu já toquei lá e o cachê dá muito mais que o dobro disso e fica tudo pra casa...

**Ringo Stone:** É mais eu fiquei até com vontade de falar com o cara: “puxa quer que eu limpe a mesa pra você?” Eu sou muito desse tipo; eu sou muito frágil, eu não gosto de chatear as pessoas, eu sou um bundão, vamos falar a verdade! [risos] “Você tá entendendo?” Então com a dona aqui no bar eu tenho um cuidado, assim com o horário... Tipo assim: me dá bronca, mas eu não gosto de dar bronca nos outros;. me cobra, mas eu não vou te cobrar, mas me cobra! Acho que isso eu sou muito o meu pai minha mãe sempre brigou com ele, ele é muito bom, faz as coisas pros outros de graça, as pessoas se aproveitam dele, cê ta entendendo? Se a dona falar pra mim assim: “vamos esticar até as duas”, eu vou e nem vou falar: “ó toquei duas horinhas a mais aí, como fica a grana?” Então, mas por quê?

Porque eu gosto de fazer isso então entra naquele lado, eu vou sem pensar nisso.

## **"blackbird..."**

Você está na seção: Rupturas e representações - Rapsódia em inclusão maior

**“Sé que ustedes pensarán/Qué pretenciosa es la Juana/Cuando tiene techo y pan/También quiere la ventana”** [**“La Juana”** – Maria Elena Walsh]

**Helena Kordiakov** – Eu fui percebendo que minha inclinação foi mais para a música erudita. E aí eu fui estudando peças eruditas. E depois que estudei com ela **até por volta de 12 ou 13** anos eu fui concluir o curso em um conservatório porque ela tinha uma escola particular. Fiz o teste no Conservatório Carlos Gomes, mas aí eu fiz um teste e não precisei entrar no começo, já entrei no final do curso básico pra entrar no curso técnico. Então daí eu fiz mais três anos de conservatório até concluir o curso técnico. E aí definiu mais essa minha formação dentro da música erudita.

**Bel** - E como foi sua experiência com a questão educacional lá no conservatório?

**Helena Kordiacov** – Acho que aí tem algumas questões bem interessantes. Primeira questão eu acho que é sempre fundamental, pra mim, em todos os aspectos, inclusive também em relação à música, (o que eu acredito e defendo em minha pesquisa) é que uma pessoa com deficiência não precisa procurar um projeto que ensine música para pessoas com deficiência. **Então é muito comum uma pessoa chegar pra mim e diz assim: “Ah, você estuda música? Que legal, mas que escola é essa que dá aula de música pra cegos?”** Eu digo **“Não! Não tem escola nenhuma que dá aulas de música pra cegos.”** Eu fui **procurar uma escola de música! Não é assim?!** Então é uma coisa que eu acredito e defendo até hoje. Se a pessoa tem uma deficiência e quer estudar música, tem que procurar uma *escola de música*. Não tem que procurar um projeto específico que dê aulas de músicas pra pessoas com deficiência. Então essa foi a idéia. E também assim, não tem nada que a pessoa ir na escola de música ou mandar uma carta e dizer que ela é uma pessoa com deficiência e perguntar se a escola aceita, ou não... [*destaque meu*]

**Bel** – Bom, mas aí você estava lá no conservatório, entrou sem perguntar nada a ninguém, não pediu licença e entrou em meio a toda aquela confusão que deve ter sido, exercendo seu direito de estudar, e eu imagino que você foi abrindo um monte de portas, não? Você deve ter sido a primeira em um monte de coisas, não?

**Helena Kordiacov** – **É. Porque assim, os professores foram tomando consciência de que, enfim, eu era uma aluna. A minha deficiência visual era uma entre várias características minhas. Não era uma coisa que predominava tanto. Então criou esta consciência de que a deficiência visual é só uma característica entre muitas outras e que o aluno com deficiência não tem nenhum diferencial por causa disso. O diferencial dele é ser um aluno diferente de todos os outros alunos. Pela forma como cada pessoa é.**  
*[destaque meu]*

#### **Comentários de MISDB:**

“O homem universal é o resultado histórico de um desnudamento: ele surge historicamente quando despojado do valor de suas diferenças culturais. Quando desvalorizado em sua diferença”. (Pierucci, 1999)

Helena é o revés "do homem universal". Presença única, ela mostra que a deficiência *não a define* sendo uma de suas características, dentre outras.

O convívio com colegas e professores, bem como sua postura pessoal, resultou na remoção do estigma que lhe era inicialmente atribuído. Helena consegue mostrar às pessoas com quem convive que sua identidade não está congelada na deficiência visual.

Não envia cartas pedindo licença para conseguir sua participação em escolas. Não procura programas especiais para deficientes. Helena destoa! E

assim, segue "**desrespeitosamente, diferindo**". E, ao diferir desta maneira, não se exclui de participar de qualquer coisa que queira.

**Você está na seção: Rupturas e representações - Samba canção em melancolia**

♪ "**Esses moços, pobres moços/Ah! Se soubessem o que eu sei**"  
["Esses moços" – Lupicínio Rodrigues]

**Bel** – Uma das coisas que venho pensando muito e que levanto até como uma hipótese coincidiu com os estudos que fiz em uma matéria no Instituto de Artes. É possível pensarmos em uma "herança de desvalorização"? Estes compositores populares que foram tão criminalizados, perseguidos... Será que a gente não herda hoje uma visão romântica de uma boemia que já não existe mais?

**Augusto Evans** – Será que ela existiu alguma vez?

**Bel** – Pois é a gente está falando de um outro tempo e é preciso ter cuidado com isso, mas me parece, às vezes, que os músicos jovens de hoje insistem num estereótipo que muitas vezes os prejudicam.

**Augusto Evans** – Que estereótipo?

**Bel** – Sinto que há uma degradação desses profissionais na sociedade e que eles muitas vezes vestem uma carapuça... Não sei se podemos associar isso a esta herança.

**Augusto Evans** – Olha... Em parte existe... Agora esta é uma herança que não só um caso brasileiro. Tem nos Estados Unidos, que eu conheço bem, por exemplo. Agora eu penso que isso, embora essa herança exista, mas ela não existe na medida em que muitas vezes se coloca. E quando isso acontece é porque a própria sociedade não musicista reage e continua desvalorizando o músico. Eu vejo que até hoje jovens me procuram e falam: "Pô professor! Arranjei uma namorada e quando falei pro pai da moça que eu era músico ele perguntou o que eu fazia sério, porque eu não trabalhava". Portanto, não mudou nada! Então se não mudou o comportamento da sociedade **porque o músico iria mudar?**

**A base é uma só!**

*Augusto Evans* – De forma que eu não vejo isso como uma herança! O músico não tem culpa não! O músico reage contra isso! Uns reagem enfrentando, enfrentando assim: “Tá falando isso por quê?” outros reagem bebendo muito, mas acontece que os clientes de bar também bebem e ninguém fala nada! Essa é a diferença. Se um músico bebe é marginal, se o granfino bebe é porque ele tá se distraíndo. Então eles se julgam no direito de fazer o que querem. E o músico, alguns reagem... Eu reagia quando jovem, reagia muito violentamente a isso. Depois eu passei a reagir no deboche. Vinha o cara e se queixava e não sei quem eu dizia: “Você reparou numa coisa, meu querido? A minha música te incomodou! Eu nem vi que você tava aí. Você viu, que coisa engraçada? Eu sou mais importante que você! A minha música te incomodou! Gostaria que não fosse isso, lamento, mas eu nem vi que você estava aí!”. Então isso acontece até hoje! Até hoje! **O aluno me procura com dramas assim: “tô namorando uma moça, gosto dela e o pai dela não quer deixar porque eu sou músico!” Diminuiu um pouco? Diminuiu. Mas não mudou muito não. [destaque meu]**

### **Comentários de MISDB:**

Neste trecho da conversa, Evans traz possibilidades de rupturas com os estereótipos impostos aos músicos; apresenta reações violentas, ou de deboche frente ao público.

### **"Eu sou tão cliente quanto você"**

Você está na seção: Rupturas e representações - Suíte para bronze incandescente

**"Minha bonequinha de cristal/Moras dentro do meu coração/Como uma lembrança oriental/Guardada numa caixa de charão"** [Linda Mimi] - Braguinha]

**Carlota** – Estávamos discutindo sobre a validade ou não de você ter coisas na parede. De você pendurar coisas na parede. O Britto acha que com o tempo, tudo

vira paisagem e você não vê mais nada. E eu acho que não. E gosto de conviver com as minhas coisas na parede. Então o que as pessoas colocam nas paredes tem muito a ver com a vida delas.

Carlota – Há grandes nomes da Gravura que as pessoas falam “quem é?”

Bel - Por que isso?

**Carlota** – Porque a pessoa não saiu da área acadêmica. Um dos poucos que eu conheço que fez isso, que quebrou esta barreira foi o Britto. Tem um amigo da gente que ele é pintor e tudo mais. E as pessoas perguntam assim: “mas, você não dá aula?” **Eles até aceitam que ele seja um pintor, mas ele precisa ser pintor e fazer alguma coisa, tem que ter um serviço!!!** [risos]. [destaque meu]

**Bel** – Como é o mercado da Gravura?

**Carlota** – O mercado de pintura sempre tem um circuito em que a coisa funciona. A gravura tem um mercado mais restrito. O que o papel tem é, de geração a geração, o papel tem uma legião de devotos... Isso tem se repetido, mas em menor escala do que, por exemplo, nos anos 70 que foi a época de ouro da Gravura no Brasil. Somos uma família pequena, dentro de uma família pequena que é a dos artistas plásticos. Hoje você tem no máximo quatro galerias que mexem com papel exclusivamente. A gente está em extinção de certa forma...

**Bel** – Você acha isso mesmo?

**Carlota** – Eu acho, eu acho! Eu só não sei se a gente está sendo substituído por algo que faça sentido.

### Sobreviver de arte?

Você está na seção: Rupturas e representações - Sinfonia n. 3 em lá maior, dita Luminosa (op.90)

**“You know the day destroys the night/ Night divides the day/Tried to run/ Tried to hide/ Break on through to the other side”** [Break on through (to the other side)] - Jim Morrison]

**Izadora Luz** - [risos] É... É duro escutar isso.

**Bel** – É comum você ouvir isso?

**Izadora Luz** - Não exatamente com estas palavras, mas vem assim: “mas é isso que você faz!? Você fez faculdade disso?” E aí, isso sempre vem atrelado a uma pergunta assim: “E depois? O que você vai fazer?”

**Bel** – Como assim? Explica melhor.

**Izadora Luz** - As pessoas querem saber se depois da faculdade se vai dar dinheiro. “**Faz música? Ai, coitada!** [risos]” **Alguns acham lindo e falam: “Você faz música? Ai que delícia!” Mas logo depois vem assim: “mas você vai trabalhar com isso!?” Quer dizer, é uma pergunta que sempre te joga um pouco na parede! E por outro lado também constrange é como se você não fosse reconhecido na sua profissão.** [destaque meu]

**Bel** – Como você reage nestas situações?

**Izadora Luz** - **Depende da situação, né!** [risos] às vezes eu concordo com a pessoa pra não ter que explicar muita coisa, ou às vezes eu digo: “olha, não é bem assim...” Quem me conhece um pouco às vezes se surpreende: “puxa você já ganhou prêmios?” “Ah... E isso significa o quê?” Mas quem não me conhece, geralmente, eu fico na minha e deixo pra lá [risos]. **Porque tem coisas que não adianta explicar, né? O imaginário das pessoas já tá com esse preconceito de dizer que música é um hobby e não uma profissão. Infelizmente!** [destaque meu]

**Bel** – Olha, já me foi dito que estas charges trazem situações típicas “do músico da noite”. Não sei se você vai se identificar com esta aqui.

**Izadora Luz** – Olha... Isso depende muito! [risos] Você sabe que tem concertos que a gente faz por amor à Arte! [risos] Mas aí já é uma coisa combinada. Agora, tem concertos que você faz e não sabe quando vai receber, nem quanto! E tem um detalhe: não dá pra você recusar nada, porque assim você tá contribuindo pra que as pessoas te conheçam. De repente, tem alguém lá na platéia que te vê e, quem sabe, ele te paga melhor e você acaba fazendo o seu “cartão de visitas”. Mas esta é uma situação complicada sim! E às vezes eu confesso que fico constrangida de perguntar, quando me convidam pra fazer um concerto, sobre estas questões: quanto, quando, como? Porque é uma coisa assim tão informal às vezes, que a

gente não sabe como agir! É claro que isso eu estou falando de concerto semi-profissional. Agora se você vai fazer parte de um corpo musical, estadual, municipal aí você tem um salário fixo e tudo bem. **Mas a vida do músico, se ele não faz parte destes corpos musicais, é essa! Ele nunca sabe quanto ele vai ganhar, é tudo muito desigual e não há referências, ou um padrão.** [*destaque meu*]

**Bel** – Isso também me foi relatado por uma de minhas entrevistadas que é pianista. Ela disse que se o músico não estiver em uma orquestra, a vida será muito incerta.

**Izadora Luz** – Pois é... Até mesmo os músicos profissionais, que realmente trabalhem nestas orquestras, cantam em Municipal etc, eles vivem de temporada! Você pode estar numa época de vacas gordas, ou magras! [*risos*]. **Por isso, muitos optam por participar de coros fixos. E aí vem aquela coisa, “puxa, mas eu não sou feliz se eu não fizer carreira solo”. Mas, se você fizer isso, você ficará nesta instabilidade. É muito complicado...** Ainda assim, eu acredito que se você for um bom músico, dedicado em todos os sentidos, nunca vai lhe faltar serviço. Claro, que tem que ir atrás. Mas essa sensação e a realidade da instabilidade, você vai ter sempre, sempre! Por isso também eu não largo a regência, porque ela é minha segurança também. O meu coro estou sempre lá regendo, por exemplo. [*destaque meu*]

**Bel** – É mais ou menos como viver numa corda bamba?

**Izadora Luz** – É assim! [*risos*] A gente já tem se acostumado com este tipo de coisa. Tem que aceitar de tudo, **fazer de tudo**. Dar as caras. É assim! A gente já tem se acostumado com este tipo de coisa, se o músico não der as caras enquanto ele está cru... Ele precisa tocar, fazer recital, fazer festival. No caso do canto lírico a gente tem que se mostrar: “olha, eu existo, minha voz existe [*risos*] e tal...”.

#### COMENTÁRIOS DE MISDB:

Neste trecho final lembrei-me da idéia de "**táticas**" trazida por Certeau, ou seja, nada permanece totalmente sobre controle, há saídas, há possibilidades de rupturas. Mesmo diante de uma realidade complicada como no caso das condições de trabalho de músicos e artistas.

### **SOBRE AS CHARGES:**

A entrevista com Izadora apresentou semelhanças em relação à conversa com Helena Kordiakov no que diz respeito às charges. Izadora, assim como Helena, identificou-se com todas as imagens. Isto corroborou o que eu suspeitava sobre estes instrumentos metodológicos: eles não são direcionados a um tipo de músico, não falam da realidade e dos problemas "do músico da noite", por exemplo.

**Você está na seção: Rupturas e representações - Partido alto para contrabaixo em Sol Bemol**

**"No sertão da minha terra, fazenda é o camarada que ao chão se deu/Fez a obrigação com força, parece até que tudo aquilo ali é seu"** ["Morro Velho" Milton Nascimento]

**Romeo:** Quando nós mudamos para Taquarituba meu pai tinha me dado um outro violão, pra substituir o outro que quebrou na mudança. Depois tive uma experiência muito desagradável de tentar aprender a tocar órgão, aquele de dois teclados, não deu certo. Mas aí, todo final de semana em Taquarituba, como meu pai mexia com gado, tinha sempre uma festa na casa de um dos boiadeiros. Tinha um rapaz que formava uma dupla com um outro que acompanhava com viola. E eu ficava na festa, tentando tocar alguma coisa. Foi aí que ele me deu o outro violão. Mas eu não conseguia aprender sozinho.

**Bel:** Nessa época qual era a sua idade?

**Romeo:** Eu tinha 13 ou 14 anos. Eu trabalhava no sítio com meu pai, tirava leite, então a minha mão era uma pedra e não tinha condição de pegar um violão. Eu não tinha um mínimo de habilidade. Aí, nós nos mudamos pra Catanduva e

eu querendo aprender a tocar violão mais nada acontecia. Certo dia, saindo de casa, vejo passar uma moça com um ruski siberiano, eu andei um pouco mais, olhei pra trás e vi que ela parou para conversar com minha mãe. Eu pensei: "Eu tenho que ter esquecido alguma coisa em casa pra poder voltar né?" [risos] Aí, inventei uma história que... (eu nunca usei lenço na minha vida)... esqueci um lenço! Voltei e acabei batendo papo com ela, conversando com ela, que era o propósito. Ela tocava violão num grupo de jovens da igreja, se ofereceu pra me ensinar e eu mais que depressa aceitei o convite [risos]. No fim nós nos tornamos grandes amigos e nunca aconteceu nada, mas eu comecei a aprender a tocar violão com ela.

**Bel:** E depois?

**Romeo:** Depois chegou num ponto em que ela me encaminhou para a casa de cultura de Catanduva. No ano seguinte fiz aula com um professor muito famoso na região, o Rubinho, e comecei a estudar com ele. No ano seguinte comecei a participar com ele fazendo iluminação nos shows de numa banda. E aí nos finais de noite ele me chamava porque ele tomava todas e chapava e lá pelas cinco ou seis músicas finais ele me chamava colocava a guitarra no meu pescoço e sumia do palco! [risos] E dizia "se vira aí" Eu ficava lá tentando fazer alguma coisa!

**Bel:** Quantos anos você tinha?

**Romeo:** 16 anos. Depois disso eu fui morar em Cosmópolis, mas já tinha começado a tocar, estudando mesmo, o Rubinho me colocava pra dar aula para os iniciantes, depois montei uma banda com uns amigos... E é até engraçado porque até hoje as pessoas comentam sobre essa nossa banda. Chamava-se banda "Evidências" só que o grande problema é que todos tocavam violão, ou guitarra, sobrou o baixo na minha mão. E eu fui fazendo baixo provisoriamente, até aparecer um baixista. **Esse provisoriamente** durou o resto da minha vida! Nunca mais parei com o baixo. Naquela região a gente tocava muito. Era a música da época, a gente fazia barzinho, show de praça, tudo! Depois isso acabou se desmanchando. Eu tinha 18 pra 19 anos. E decidi estudar em Tatuí. Fui me preparar estudei violão clássico em Cosmópolis e descobri o projeto da Unibanda na Unicamp, fui estudar saxofone. Fui me preparar. Depois prestei violão em Tatuí

e passei e comecei a tocar na banda Frenesi de Taquaritinga. O guitarrista dessa banda era o Rubinho que tinha sido meu professor lá trás. Um dia ele disse pra mim: Romeo, você precisa estudar baixo porque você é baixista! Sempre toquei baixo, mas sem estudo. No ano seguinte eu prestei baixo em Tatuí e passei e fui fazendo, mas depois eu larguei o curso de violão porque não dava pra fazer os dois ao mesmo tempo.

**Você está na seção: Rupturas e representações - Luau para uma cidade**

**"Slow down, you move too fast/you've got to make the morning last/Just kickin' down the cobble-stones/lookin' for fun and feelin' groovy"** ["Feelin Groovy" - Simon e Garfunkel]

**Bel** – Como você vê a situação hoje, para aqueles que estão começando na música?

**Cintra Jr.** – A maioria das pessoas já tem consciência da dificuldade disso tudo e isso já é um caminho, felizmente. Eu digo sempre, olha o que você está fazendo é o que você tem que fazer, ou seja, você tem que batalhar. Realmente, tem que cantar a noite, tem que abrir show não “sei de quem”, pintou a oportunidade de você ter uma participação especial no show de “não sei quem”, vá fazer, mostra a tua cara, conheça as pessoas, como você está fazendo agora, está vindo aqui, me ligou, me procurou, é isso mesmo. E à medida que as coisas vão acontecendo você próprio vai encontrando um caminho, no meio de toda esta loucura. Quer dizer, é muito triste por um lado, você ter que admitir isso, mas é o caminho. Então um, vai conseguindo através de um segmento, de uma bifurcação ali que ele consegue um aliado, através desse aliado ele conseguiu pelo menos fazer um trabalhozinho, que ele já garante dois meses de aluguel. E assim vai levando e durante estes meses teve uma “puta” inspiração e fez uma música incrível e três meses depois ele conheceu um cantor, que se encantou pela música e de repente prometeu gravar a música dele no próximo disco e com isso ele já se projeta um pouco mais e vai levando. E aí, dependendo do talento de cada um, tem artistas que começam a criar também debaixo desse sistema todo aí, **projetos alternativos**, num primeiro momento.

Você está na seção: Rupturas e representações - Fox-trot em flores se abrindo

**"Anda, Luzia/Pega um pandeiro e vem pro carnaval/Anda, Luzia/Que essa tristeza lhe faz muito mal"** [Anda Luzia] - Braguinha]

**Stelinha** – Deixa ver. Ah... Sim, já ouvi muito isso! **“Vocês só tocam ou trabalham também?”** Essa é uma profissão complicada se você não está na grande mídia, não é? Aí você não trabalha! Até eu tive inclusive problemas... Problemas não, mas tive esse tipo de insinuação na própria família. Mas acho completamente compreensível essa preocupação de pai, de mãe... Você não vai ter uma aposentadoria? Como você vai fazer? Você não tem férias. Você não tem décimo terceiro. Você não tem um salário!!! [risos] Porque nós não temos um salário, a gente tem cachê, né! Então as pessoas falam, “ah você canta hum... e você trabalha com quê?” [risos] “Não... é meu trabalho...” Não sei se isso muda tão cedo, não. A sociedade não vai mudar isso tão cedo. É muito difícil. A própria legislação, a própria política, a própria cultura, não propicia isso. Não é uma profissão que você tem um respaldo. Eu acho muito difícil.

**Bel** – Sabe, isso me intriga. Muitos entrevistados estão me dizendo que isso não vai mudar. Outros disseram que têm que ocorrer também uma mudança no papel do próprio músico/artista na sociedade.

**Stelinha** – O que acontece é que há músicos muito profissionais. E como isso não acontece em outras profissões... Por exemplo, ninguém vai brincar de médico, ninguém vai brincar com dinheiro dos outros, ninguém vai brincar de pedreiro, ninguém quer dar uma canja na enxada, né? [risos]. Ninguém vai dar uma canja num bisturi... Não pode! Tem que saber. A música também tem que saber, mas as pessoas não percebem isso! Tem um certo público que tanto faz! Um músico formado e... ou um músico de qualidade, ou um de péssima qualidade. **Não sei o que acontece! Isso não acontece em outras profissões! [destaque meu]** Não sei se é o público... Mas acontece com a música e não com a arte, mas com a música. Também ninguém vai pintar um quadro... **Não sei é confuso isso...**

**Stelinha** – “Vocês tocaram a noite e foi muito legal. Do couvert, separei essa parte para vocês e o restante será usado para a **lavagem das toalhas do bar**”. Nossa! É eu já ouvi essa história aqui... Couvert artístico... **Eu já... Eu já acho questionável essa coisa do couvert...** *[destaque meu]* Mas tudo bem, já é uma forma de um dono de um estabelecimento poder colocar uma música ao vivo. Se bem que eu acho que o ideal mesmo seria ele pagar com o lucro... Mas tudo bem, eu acho que é uma alternativa...

**Bel** – Na sua opinião qual seria a melhor alternativa?

**Stelinha** – Na verdade, veja, é um serviço. Você vai num local e o local te oferece algumas coisas. Eu não acho que o músico seja igual à comida que você vai consumir, porque quando você vai num lugar que tem música eletrônica, você não paga para o bar, porque ele tem que pagar ECAD essas coisas da música eletrônica que ele toca. Se estiverem trabalhando corretamente... Mas ninguém vai cobrar isso do dono da casa e se cobra embute no preço das coisas e ninguém sabe que pagou aquilo. Por que com o músico é assim? Mas eu nunca fui dona de bar, então eu até prefiro ficar nesse questionamento e não julgar porque deve ser difícil mesmo, né. **Ele quer oferecer uma música ao vivo, que vai valorizar a casa dele? Tudo bem. Mas enfim, já que ele está cobrando um couvert para a música, o mínimo é pagar o couvert integral! Ele tá vendendo a comida dele, a bebida, ele está cobrando o serviço dele. Por que ganhar em cima do trabalho de outra pessoa? Eu sou completamente contra descontar couvert. Couvert é pro músico. [destaque meu].**

**Bel** – Pois é, o que impressiona é que não tem um órgão ao qual recorrer nestes casos, não é?

**Stelinha** – Não tem! A ordem dos músicos exige que você esteja em dia, às vezes até o próprio estabelecimento exige que você esteja em dia com a ordem, mas você não tem um piso... Teoricamente até tem!

**Bel** – Você fala da famosa **tabela** da ordem do músicos do Brasil?

**Stelinha** – Se você for consultar, eles têm uma tabela, mas isso não funciona em lugar algum! E você não pode nem correr atrás disso. Ninguém faz nada! Eu não sei como solucionar isso! **Eu não entendo de política, né a gente entende da**

**profissão...** *[destaque meu]*. E quando o movimento é muito grande eles tratam logo de colocar uma porcentagem em cima do couvert. Se movimento é pouco eles dizem, olha não deu movimento só deu isso... Ou seja, não se estabelece um patamar mínimo, não é? E isso é complicado. Fora que você tem o seu investimento, equipamento de som, isso ninguém conta! Se quebrar, queimar alguma coisa é você quem vai... Transporte... Tudo!

## “FESTA ACABADA, MÚSICOS A PÉ”.?



Desenho de Bárbara - 6 anos  
Descrição da imagem

Seu França não presta pra nada - Só pra tocar violão.  
De beber água no chapéu as formigas já sabem quem ele é.

Não presta pra nada. Mesmo que dizer:

- Povo que gosta de resto de sopa é mosca.

Disse que precisa de não ser ninguém toda vida.

De ser o nada desenvolvido.

E disse que o artista tem origem nesse ato suicida.

(O Guardador de Águas - Manoel de Barros)

**“Non! Rien de rien/Non! Je ne regrette rien/Ni le bien, qu'on m'a fair/Ni le mal, tout ça m'est bien égal!”** [Je ne regrette rien] - Charles Dumont e Michel Vaucaire]

Fiz uma pergunta e respondi outra. **A composição de cada um** começou afirmativa, procurando pelo “músico da noite”, “o aluno do Instituto de Artes” e “o músico consagrado”. Cessou aberta, interrogativa: é possível chegar a tecer a composição de alguém? Falou de alguns músicos e algumas pessoas envolvidas com a Arte trouxe histórias, rostos, presenças únicas.

Este é um estudo sobre diferenças e identidades. Ao elaborá-lo em redes, mostrei meu entendimento do tema; identidades são abertas e diferenças inclassificáveis.

Metodologicamente criei perturbações. Um trabalho pode escorrer? Ser incontrolável? Penso que estas sejam algumas das provocações que posso trazer à Academia. A necessidade de ter o olhar aberto sobre o outro e elaborar um trabalho que segue assim como a composição de alguém: inclassificável.

Paradoxalmente, ao pausar o trabalho, pensar em novas etapas, detectei o imperativo de fixá-lo: será necessário fazer sua impressão em papel.

Creio que, assim como eu, ele pulsou – desde o início – entre movimentos feitos de claros e escuros.

**“Astronauta libertado/Minha vida me ultrapassa/Em qualquer rota que eu faça/Dei um grito no escuro/Sou parceiro do futuro/Na reluzente galáxia”** [Dois mil e um] - Rita Lee e Tom Zé]

A tônica de meu trabalho é mostrar que há possibilidades de estereotipar identidades e diferenças de pessoas. Contudo, há também possibilidades de criar rupturas com estes estereótipos. Identidade é “água guardada na peneira”, diferença é “gostar de despropósitos”. (BARROS, 1999).

Se tomarmos pessoas como representantes de um grupo, uma categoria, se lançarmos sobre elas um olhar universalista, configuraremos retratos sem vida. Seguiremos em atitude semelhante a de **Procrusto**, caçando gente que caiba em **moldes** ♪.

Meu estudo procurou abrir brechas, ocupou-se de diferenças e suas rupturas. Desenhou tênues linhas traçadas na multiplicidade. Algumas vezes surgiram rostos compreensíveis, outras não. Umhas vezes revolucionários; outras nem tanto. Muitas vezes, inconformados e fugidios. Rostos, poderosas presenças:

“O rosto significa outramente. Nele a infinita resistência do ente ao nosso poder se afirma precisamente contra a vontade assassina que ela desafia, porque totalmente nua – e a nudez do rosto não é uma figura de estilo ela significa por si mesma.” (Lévinas, 2004; pg. 32);

### **Pausa**

**“Tinha eu 14 anos de idade/Quando meu pai me chamou/Perguntou se eu não queria/Estudar filosofia/Medicina ou engenharia/Tinha eu que ser doutor”** [**Quatorze anos**” - Paulinho da Viola]

Sinto que, por ora, chega o momento de fazer uma pausa. Percebo que há milhares de links a fazer e **sempre haverá**.

Isto não significa fixar meu trabalho neste momento, mas uma abertura para próximos links. Estas foram as considerações que fiz sobre meu tema, até aqui.

# INFLUÊNCIAS



Desenho de Mônica - 8 anos  
Descrição da imagem

O problema não é inventar.  
É ser inventado  
hora após hora  
e nunca ficar pronta  
nossa edição convincente.

(O corpo, Carlos Drummond de Andrade)

1. ALBIN, R. C. criação e supervisão geral. **Dicionário Houaiss ilustrado (de) música popular brasileira**. Instituto Antônio Houaiss & Instituto Cultural Cravo Albin. Rio de Janeiro: Paracatu, 2006.
2. ALCOBA, S. de A. C. **Estranhos no ninho**: a inclusão de alunos com deficiência na Unicamp. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.
3. ALMEIDA, N. M. de. **Dicionário de Questões Vernáculas**. 3ª edição ampliada. São Paulo: Editora Ática, 1996.
4. ANDRADE, C. D. de. "O enterrado vivo". In: **Poesia Completa e Prosa (Volume único)**. 3ª edição (revista e modificada). Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1973.
5. \_\_\_\_\_. **Corpo**. (poemas). 2ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1984.
6. \_\_\_\_\_. Verbo ser. In: \_\_\_\_\_. **Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.
7. ANJOS, A. dos. Vandalismo. In: **Eu e outras poesias**. 19ª edição. Rio de Janeiro: Bedeschi (s/ indicação do ano de publicação da obra).
8. ARLEN, H. e HARBURG, E. "**Over the rainbow**" (canção, 1938).
9. AZEVEDO, F. F. dos S. **Dicionário Analógico da Língua Portuguesa: Idéias afins**. 1ª edição. Brasília: Coordenada/Thesaurus, 1983.
10. BAPTISTA, M. I. S. D. "**Boas vindas**", 2007; "**Nada Mirabolante**", 2007; "**Lamiré**", 2008; "**Identireança**", 2008; "**Descartes nosso de cada dia**", 2007; "**Primeiro impulso**", 2009; "**Os Dias**", 2009; (Poemas criados para este trabalho; não publicados).
11. BARRETO, L. M. S. **Diálogos no cotidiano: o atendimento educacional especializado e sua ação no processo de inclusão de pessoas surdas**. 2008. Projeto de Pesquisa (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
12. BARROS, M. de. **O Guardador de Águas**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1998.

13. \_\_\_\_\_; bordados de Antônia Zulma Diniz, Ângela, Marilu, Martha e Sávila Dumont sobre desenhos de Demóstenes Vargas. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.
14. BARROSO, A. **“Folha Morta”** (canção, 1955).
15. BASTOS, L. R.; PAIXÃO, L.; FERNANDES, L. M.; DELUIZ, N. **Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses, dissertações e monografias**. 6ª edição. Ver. Rio de Janeiro: LTC, 2003.
16. BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
17. \_\_\_\_\_. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
18. BELCHIOR. **“Como os nossos pais”** (canção, 1975).
19. BENNET, R. **Forma e estrutura na música**. Tradução Luiz Carlos Cseko; 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
20. BERNSTEIN, L. e SONDHEIM, S. **“America”** (canção, 1961).
21. BONDER, N. **Tirando os sapatos: o caminho de Abraão, um caminho para o outro**; com trechos de entrevista realizada por Tânia Menai. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
22. BORGES, J. L. O idioma analítico de John Wilkins. In: **Obras Completas de Jorge Luis Borges**. Volume II “Outras inquisições”. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Editora Globo, 1999. (p. 92).
23. BORGES, L. e BASTOS, R. **“O trem azul”** (canção, 1971).
24. BOSCO, J. e BLANC, A. **“Agnus Sei”** (canção, 1972); **“O bêbado e a equilibrista”** (canção, 1979); **“O ronco da cuíca”** (canção, 1976).
25. BRAGUINHA, (João de Barro). **“Linda Mimi”** (canção, 1935); **“Anda Luzia”** (marcha, 1947).
26. BRANDÃO, J. de S. **Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
27. BRASIL. Ministério Público Federal. Fundação Procurador Pedro Jorge de Melo e Silva (orgs). **O Acesso de Alunos com Deficiência às Escolas e**

- Classes Comuns da Rede Regular.** 2ª edição rev. Brasília: Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, 2004.
28. CALASANS, V. e Gerônimo. **“É D’Oxum”** (canção, 1985).
29. CALDAS, S. e BARBOSA, O. **“Chão de Estrelas”** (canção, 1937).
30. CARRICO, J. S. A. **Tapete vermelho para elefante branco.** Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008. [Tese defendida e aprovada em 11 de dezembro de 2008, a ser homologada para posterior publicação].
31. CARONE, Iray. Igualdade versus diferença: um tema do século. In AQUINO, Júlio Groppa (coord.). **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas.** 1ª ed. São Paulo: Summus, 1998 (p.128-145).
32. CAYMMI, D. **“Milagre”** (canção, 1980).
33. CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: Vol. 1 Artes de fazer.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 7ª edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.
34. CHAO, M. **“Mentira”**; **“Clandestino”**; **“El viento”** (canções, 2000).
35. CHAPLIN, C.; TURNER, J. e PARSONS, G. **“Smile”** (canção de 1936, letra de 1954).
36. CONTIER, A. D. Modernismos e brasilidade: musica utopia e tradição. In: NOVAES, A. (org). **Tempo e história.** São Paulo: Companhia das letras, 1992. (p.259-287).
37. COSTA, F. B. da. **Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garis. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas.** Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2008.
38. COSTA, M. V. (org.). **Caminhos investigativos II: Outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
39. COUTO, M. **Cronicando – crônicas.** 4ª edição. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.
40. \_\_\_\_\_. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra.** Romance. 3ª edição. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

- 41.\_\_\_\_\_. **Cada homem é uma raça.** Estórias. 5ª edição. Lisboa: Editorial Caminho, 1990.
- 42.\_\_\_\_\_. Entrevista ao programa - Vídeo Entrelinhas. Site TV Cultura. Disponível em: TV Cultura. <<http://www.tvcultura.com.br/entrelinhas/videos.asp?videodata=21/6/2006>> acesso em: 25 de jun. 2006.
43. CRUZ, M. (comp.) **Tiempo de subjetividad.** 1ª edicto. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1996.
44. DONNE, J. **The complete Poetry & Selected Prose of John Donne.** New York: The Modern Library, 1994.
45. DUBY, G. **Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos.** Tradução de Eugênio Michel da Silva e Maria Regina Lucena Borges-Osório. 1ª edição. São Paulo: Editora da UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1998.
46. EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: Revista quadrimestral de Ciência da Educação / Centro de Estudos Educação & Sociedade (Cedes) **Dossiê Diferenças.** No. 79, Ano XXIII; Campinas: Cedes; Agosto, 2002.
47. DUMONT, C. e VAUCAIRE, M. “**Je ne regrette rien**” (canção, 1956).
48. EXPÓSITO, V. e EXPÓSITO, H. “**¡Chau, no va más!**” (tango, 1974).
49. FERNANDES, F. **Dicionário de Sinônimos e Antônimos da Língua Portuguesa.** 3ª edição revisada e ampliada por Celso Pedro Luft. Porto Alegre: Editora Globo, 1980.
50. FERNANDES, M. **Indefinível incerto inexato vago emaranhado.** Crônica publicada na Revista Veja, 18 de abril de 2007.
51. FRANCO, W. Serra do Luar (canção, 1982).
52. GALLO, S. Sob o signo da diferença: em torno de uma educação para a singularidade. In: SILVEIRA, R. M. H. **Cultura, poder e educação: um debate sobre estudos culturais em educação.** (org.) Canoas: ULBRA, 2005.
- 53.\_\_\_\_\_. **Deleuze & a Educação.** (Coleção Pensadores & Educação) Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

54. GIL, G. **“Metáfora”** (canção, 1982); **“Oriente”** (canção, 1971); **“Realce”** (canção, 1979).
55. \_\_\_\_\_. e MAUTNER, J. **“O Rouxinol”** (canção, 1974).
56. GLÜCK, C. W. e MOLINE, P.L. **“Cet asile aimable et tranquille”** (Ária, Orphée ed Eurydice, 1774/versão francesa).
57. GONZAGA, L. e TEIXEIRA, H. **“Asa Branca”** (canção, 1947).
58. GONZAGUINHA. (Luiz Gonzaga Jr.) **“Redescobrir”** (canção, 1980).
59. GUARESCHI, P. A. **Ética, Justiça e Direitos Humanos**. In: COIMBRA, C. M. B. (coord). Psicologia, ética e direitos humanos. 2º edição. Brasília: Conselho Federal de Psicologia. Casa do Psicólogo: São Paulo, 2000.
60. GUINGA e BLANC, A. **“Chá de panela”** (canção, 1999).
61. HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7ª edição. DP&A Editora: Rio de Janeiro, 2003.
62. HAREWOOD, Conde. (Editor) **KOBBE: O livro completo da Ópera**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
63. HOLANDA, C. B de. **“Roda Viva”** (canção, 1967); **“Partido alto”** (canção, 1972); **“O que será (à flor da pele)”** (canção, 1976); **“Vida”** (1980); **“As vitrines”** (canção, 1981); **“Cantando no toró”** (canção, 1987); **“Paratodos”** (canção, 1993).
64. \_\_\_\_\_. LOBO, E. **“Sobre todas as coisas”** (canção, 1982); **“O circo místico”** (canção, 1982); **“Na carreira”** (canção, 1982); **“Valsa Brasileira”** (canção, 1988).
65. \_\_\_\_\_. ENRIQUEZ, L. e BARDOTTI, S. **“Minha canção”** (canção, 1977).
66. HORTA, T. **“Beijo Partido”** (canção, 1989).
67. HOUAISS A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Editora Objetiva Ltda. Em CD ROOM, [versão 1.0 de 10/03/2006].
68. ISAACS, A. & MARTIN, E. (organizadores). **Dicionário de música Zahar**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1985.
69. JOÃO, M. e LAGINHA, M. **“Forró da Rosinha”** (canção, 2000).

70. JOBIM, T. “**Luiza**” (canção, 1981); “**Samba de uma nota só**” (canção, 1959);
71. \_\_\_\_\_; MORAES, V. “**Se todos fossem iguais a você**” (canção, 1956).
72. LACERDA, R. C. de. **Dicionário de Provérbios: francês, português, inglês**. 2ª edição revisada e ampliada; São Paulo: Editora UNESP, 2004.
73. LARROSA, J. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 4ª edição. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.
74. \_\_\_\_\_ e SKLIAR, C. **Habitantes de Babel – políticas e poéticas da diferença**. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. 1ª edição. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001.
75. LAVADO, J. S. (QUINO) “**Mafalda**”. Charge reproduzida do livro-coletânea de Quino. 1ª edição, São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1991.
76. LENINE e RENNÓ, C. “**Vivo**” (canção, 2004).
77. \_\_\_\_\_ e SANTOS, I. “**Ninguém faz idéia**” (canção, 2004).
78. LENNON, J. e MCCARTNEY, P. “**Blackbird**” (rock, 1968); “**The fool on the hill**” (rock, 1967).
79. LÉVINAS, E. **Entre Nós: ensaios sobre a alteridade**. (3ª edição). Trad. Pergentino Stefano Pivatto (coord.). Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
80. LISPECTOR, C. **Minhas queridas (cartas)**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
81. \_\_\_\_\_. **Um Sopro de Vida**. 9ª edição. São Paulo: Francisco Alves, 1991.
82. MANTOAN, M. T. E. **Pensando e Fazendo educação de qualidade**. São Paulo: Editora Moderna, 2001.
83. \_\_\_\_\_ e PRIETO, R. G. Valéria Amorim Arantes (org.). **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus Editorial, 2006.
84. \_\_\_\_\_. **A inclusão escolar “pegou a escola de calças curtas”**. (Artigo). Informativo da Associação Baiana de Síndrome de Down - Ser Down Salvador. Boletim: ano II, 2001.
85. \_\_\_\_\_. Produção de conhecimentos para abertura das escolas às diferenças: a contribuição do LEPED/Unicamp. In: GAIO, R. (Org.)

- Metodologia de pesquisa e produção de conhecimento.** Rio de Janeiro: Vozes, 2008. (p. 88-104).
86. MARCONDES, M. A. (editor). **Enciclopédia da Música Brasileira: erudita, folclórica e popular.** São Paulo: Art. Editora LTDA, 1977.
87. MARTÍN-BARBERO, J. Os processos: dos nacionalismos às transnacionais. In: MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. Cap. 1, p. 213-257.
88. MEYRINK, G. **O Golem.** Tradução de Agatha M. Auerperg; São Paulo: Hemus Livraria Editora Ltda, 1973.
89. MILLER, S. **“A estrada e o violeiro”** (canção, 1967).
90. MORIN, E. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
91. \_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 11ª edição. São Paulo: Cortez editora, 2006.
92. MORISON, J. **“Break on through (to the other side)”** (rock, 1967).
93. NAJMANOVICH, D. **O sujeito encarnado - questões para pesquisa no/do cotidiano.** (Coleção Metodologia e pesquisa do cotidiano). Trad. e org. de Maria Teresa Esteban, Nilda Alves e Paulo Sgarbi. 1ª edição, Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
94. NASCIMENTO, M.; BORGES, L. e BORGES, M. **“Clube da esquina no. 2”** (canção, 1978).
95. \_\_\_\_\_. **“Morro Velho”** (canção, 1967).
96. NUMHAUSER, J. **“Todo Cambia”** (canção, 1983).
97. OLIVEIRA, A. de. **“Tristezas do Jeca”** (canção, 1918).
98. OLIVEIRA, I. B. de. **Boaventura & a educação.** (Coleção Pensadores & Educação). 1ª edição. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.
99. PARANHOS, A. Intermezzo: Ensaio de orquestra. In: **O roubo da fala: origens da ideologia do trabalhismo no Brasil.** Cap. II, p. 81-108. São Paulo: Boitempo, 1999.

100. PENSADOR, G. e SHUR, I. “**Ah!**” (canção, 2001).
101. PESSOA, F. Poema em linha reta. In: **Fernando Pessoa Obra Poética (Volume único)**. 10ª reimpressão da 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1986.
102. PIERUCCI, A. F. **Ciladas da Diferença**. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 1999.
103. \_\_\_\_\_. **Ciladas da diferença**. (Artigo) Tempo Social; Rev. Social. USP, S. Paulo, VOLUME 1. 2002.
104. PONTI, C. “**Aluno de castigo**” Charge reproduzida de antiga edição da Revista *Paris Match* (sem informação sobre o ano da publicação).
105. PUCCINI, G.; GIACOSA, G.; ILLICA, L. “**E lucevan le stelle**” (Ária, Tosca, 1900).
106. PUPO, D. T.; MELO, A. M.; PÉREZ F., S. (Orgs.) **Acessibilidade: discurso e prática no cotidiano das bibliotecas**. Campinas, SP: Unicamp/Biblioteca Central César Lattes, 2008.
107. RODRIGUES, L. “**Esses moços**” (canção, 1948).
108. RÓNAI, P. **Dicionário Universal Nova Fronteira de citações**. Paulo Rónai. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (1985).
109. ROSA, J. G. **Grande Sertão: veredas**. 19ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
110. ROSA, N. e VADICO. “**Feitio de Oração**” (canção, 1932).
111. SACKS, O. **Alucinações musicais - relatos sobre a música e o cérebro**. Trad. Laura Teixeira Motta. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
112. SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências**. 4ª edição. São Paulo: Cortez editora, 2006.
113. \_\_\_\_\_. (org.) **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. 2ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

114. \_\_\_\_\_. O fim das descobertas imperiais. In: OLIVEIRA, I. B. de e SGARB, P. (orgs.). **Redes Culturais: diversidade e educação**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002. (p.19 a 36).
115. \_\_\_\_\_. **As nossas caricaturas**. (Artigo). Publicado na "Visão", 2006.
116. \_\_\_\_\_. **A construção multicultural da igualdade e da diferença**. (Apostila). (Centro de Estudos Sociais) Oficina do CES nº 135. Universidade de Coimbra/Portugal, 1999.
117. SANTOS, L. e MOTA, E. "**Como uma onda – zen-surfismo**" (canção, 1983).
118. SANTOS, M. T. C. T. **O regular da escola regular – desafios na construção de uma escola para todos**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.
119. SEIXAS, R. "**Mosca na sopa**" (canção, 1973); "**Todo mundo explica**" (canção, 1979).
120. SILVA, T. T. da. (org); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.
121. \_\_\_\_\_. **Identidade e diferença: impertinências**. Revista Educação e Sociedade; ago. 2002, vol.23, n.79, p.65-66.
122. SCHOENBERG, A. **Fundamentos da Composição Musical**. Tradução de Eduardo Seincman. (coleção Ponta; v. 3). 3ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
123. SHELLEY, M.; STOKER, B. e STEVENSON, R. L. **Frankenstein, Drácula e O médico e o Monstro**. Tradução de Adriana Lisboa. 1ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
124. SIMON, P. e GARFUNKEL, A. "**The 59th street bridge song (feelin' groovy)**"(rock, 1966).

125. STEGUN, R. **“Tocam tão bem que parece CD”**. Charge criada especialmente para o projeto de pesquisa, “A composição de cada um?” submetido ao programa de mestrado da faculdade de educação, 2006.
126. \_\_\_\_\_. **“Vocês só tocam ou trabalham?”**. Charge criada especialmente para o projeto de pesquisa, “A composição de cada um?” submetido ao programa de mestrado, 2006.
127. \_\_\_\_\_. **“Músicos conversam com o dono do bar”** Charge criada especialmente para o projeto “A composição de cada um?”, 2007.
128. \_\_\_\_\_. **“Me descubra!”** Charge criada especialmente para o projeto “A composição de cada um?”, 2007.
129. \_\_\_\_\_. **“Artista, músico?”** Charge criada especialmente para o projeto “A composição de cada um?”, 2007.
130. \_\_\_\_\_. **“A equilibrista”** Charge criada especialmente para o projeto “A composição de cada um?”, 2007.
131. \_\_\_\_\_. **“Entrega do trabalho”** Charge criada especialmente para o projeto “A composição de cada um?”, 2009.
132. TERPINS, T. **“Aeroporto de Congonhas”** Grupo Joelho de Porco (canção, 1978).
133. VALE, J. do e VIEIRA, L. **“Na asa do vento”** (canção, 1956).
134. VALENÇA, A. **“Sete desejos”** (canção, 1991).
135. VALENTE, H. Música Popular Brasileira: da noite-escola à universidade. In: **Adunicamp – Associação dos Docentes da Unicamp**. Edmundo Fernandes Dias (coordenação). Campinas: Publicação Adunicamp. Cap. 4, p. 271, 2007.
136. VASCONCELOS, G. & SUZUKI, M. Jr. A malandragem e a formação da música popular brasileira. In: FAUSTO, B. **História da civilização brasileira (O Brasil Republicano)**. Tomo III, vol. 4. São Paulo: DIFEL/Difusão Editorial S.A., 1984. Cap. XI P. 503 – 520.
137. VELOSO, C. **“Fora da ordem”** (canção, 1991); **“Vaca profana”** (canção, 1986); **“Os mais doces bárbaros”** (canção, 1976).
138. VERDI, G. e SOLERA, T. **“Va' pensiero”** (Ária, Nabucco, 1842).

139. VIOLA, P. da. **“Quatorze anos”** (canção, 1968); **“Sinal Fechado”** (canção, 1969).
140. WANDY. **“Fim de semana”** Grupo Premeditando o breque (canção, 1981).
141. WISNIK, J. M. Getúlio da paixão cearense (Villa Lobos e o Estado Novo). In: SQUEFF, E. & WISNIK, J. M. **Música: o nacional e o popular na cultura brasileira.** (p. 131 – 190) São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
142. ZÉ, T. e MEDEIROS, É. **“Tô”** (canção, 1976).
143. \_\_\_\_\_. E LEE, R. **“Dois mil e um”**. (canção, 1969).
144. ZUSAK, M. **A menina que roubava livros.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.

Ultimamente, tenho pensado em estudar mais sobre redes de conhecimento, redes sociais. Ainda não tenho "influências", além das que já me atingiram. Estou buscando.

### **Gravações que podem ser acessadas neste trabalho**

#### **Trechos de gravações não-profissionais (produzidas para este trabalho):**

1. **“Afinação de instrumentos”** - Gravação durante ensaio da "Orquestra sinfônica municipal de campinas";
2. **“A viola e o baralho”** - Bel Dias (violão e voz);
3. **“Bachianas Brasileiras n. 5”** – Interpretação de Amanda Beck e Marcelo Onofri Trio. Gravação ao vivo do show “Canção Nossa de Cada Dia”. Teatro Carlos Gomes; Campinas. (18/09/2005).
4. **“Beijo partido”** - Bel Dias (violão e voz);
5. **“Blackbird”** - Bel Dias (violão);
6. **“Esses moços”** - Bel Dias (voz) Alexandre Cippola (violão);
7. **“Na asa do vento”** - Bel Dias (violão e voz);

8. **“O enterrado vivo”** /Poema de Carlos Drummond de Andrade - Bel Dias (voz);
9. **“Todo Cambia”** – Bel Dias (voz) Alexandre Cippola (violão);

### **Trechos de gravações originais:**

1. **“Fim de Semana”** (Interpretação: Grupo Premeditando o Breque) CD: “coletânea”.
2. **“Aeroporto de Congonhas”** (Interpretação Grupo: Joelho de Porco); CD: "Joelho de Porco" (masters) Somlivre.
3. **“Cet asile aimable et tranquille”** (Solista Barbara Hendricks & Monteverdi Choir) CD “Orphée & Eurydice” com a Orchestre de L’Opéra de Lyon regida por John Eliot Gardiner.
4. **“Chao no va mas!”** (Voz: Liliana Vitale); CD: "Mujer y Argentina".
5. **“E lucevan le stelle”** (Solista Luciano Pavarotti) CD: "Os Três Tenores In Concert - 1994".
6. **“How can I be sure of you”** (Interpretação Harry Nilsson) CD: “A Goof Year” – soundtrack.
7. **“Over the rainbow”** (Voz: Israel Kamakawiwo'ole); CD: “Israel Kamakawiwo'ole”.
8. **“Se todos fossem iguais a você”** (Interpretação Antonio Carlos Jobim) CD: “Terra Brasilis”.

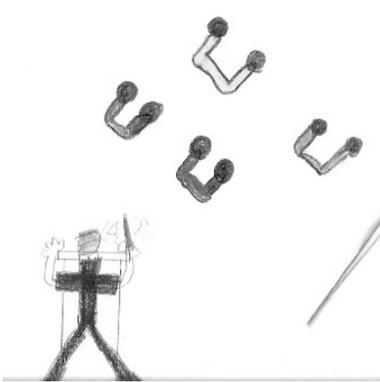
### **SITES**

1. **Alceu Valença:** <http://www2.uol.com.br/alceuvalenca/>
2. **Almir Côrtes:** <http://www.almircortes.mus.br/>
3. **Brasil Cultura:** <http://www.brasilcultura.com.br/>
4. **Chico Buarque:** <http://chicobuarque.uol.com.br/index.html>
5. **Editora Mandruvá:** Artigo *“O princípio da igualdade”* acesso em 5/03/08: <http://www.hottopos.com/index.html>

6. **Edu Lobo:** <http://www.edulobo.com/>
7. **Entrelinhas - TV Cultura - Entrevista com Mia Couto**  
<http://www.tvcultura.com.br/entrelinhas/videos.asp?videodata=21/6/2006>
8. **Fabiana Bonilha:** <http://www.iar.unicamp.br/alunos/braillemusic/index.htm>
9. **Gabriel, o Pensador:** <http://www.gabrielopensador.com.br/>
10. **Gilberto Gil:** <http://www.gilbertogil.com.br/>
11. **Include-it:** <http://www.include-it.com.br/>
12. **Instituto Benjamin Constant -** <http://www.ibr.gov.br/>
13. **João Bosco:** <http://www.joaobosco.com.br/>
14. **Lenine:** <http://www.lenine.com.br/>
15. **Leped:** Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diversidade:  
<http://www.fe.unicamp.br/leped>
16. **Milton Nascimento:** <http://www2.uol.com.br/miltonnascimento>
17. **Mutantes:** <http://www.osmutantes.com.br/>
18. **Normas para Acessibilidade da (ABNT) -**  
[http://www.mj.gov.br/sedh/ct/CORDE/dpdh/corde/normas\\_abnt.asp](http://www.mj.gov.br/sedh/ct/CORDE/dpdh/corde/normas_abnt.asp)
19. **Ordem dos Músicos do Brasil – Conselho regional do Estado de São Paulo:** <http://www.ombsp.com.br/>
20. **Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas:** [www.osmc.com.br](http://www.osmc.com.br)
21. **Paulinho da Viola:** <http://www.paulinhodaviola.com.br/portugues/>
22. **Pensamento político contemporâneo:**  
[http://www.dossie\\_deleuze.blogspot.com.br/index.html](http://www.dossie_deleuze.blogspot.com.br/index.html)
23. **Recomendações para acessibilidade:** The World Wide Web Consortium (W3C) <http://www.w3.org/>
24. **Renato Stegun:** <http://www.stegun.com.br/>
25. **Revista critério:** <http://www.revista.criterio.nom.br/artigodiogo.htm>
26. **Simon & Garfunkel:** <http://www.simonandgarfunkel.com/>
27. **“Simples Assim” Blog de Amanda Meincke Melo -** <http://ammelobr.blogspot.com/>
28. **Sindicato dos Músicos Profissionais no Estado de São Paulo:**  
<http://www.sindmussp.com.br>
29. **Todos Nós:** <http://www.todosnos.unicamp.br:8080/portal>
30. **The World Wide Web Consortium (W3C)** <http://www.w3.org/>

31. **Vinícius de Moraes:** <http://www.viniciusdemoraes.com.br/>
32. **Wikipédia a enciclopédia livre:** <http://pt.wikipedia.org/wiki>
33. **You Tube:** <http://br.youtube.com/>

## NOTAS SOLTAS



Detalhe do desenho de Gabriel - 7 anos  
Descrição da imagem

## Mapa

## Filmes

## Complementos das entrevistas

## Charges criadas para este trabalho

# MAPA

Os adejos mais raros se escondem nos emaranhos.  
[Manoel de Barros, 1998]

**Atendendo a uma solicitação da Banca examinadora, apresento um mapa de meu ambiente virtual.**

## I. Abertura

### 1.1. Memorial

1.1.1. Primeira Peça: CIRANDA PARA CORAL INFANTIL

1.1.2. Segunda Peça: TOADA PARA VIOLÃO

1.1.3. Terceira Peça: TANGO PÓS-MODERNO CAMBIANTE

### 1.2. A composição fala de si

## II. Andamento

## III. Afinando instrumentos

## IV. Rupturas e representações (ou como as composições se dissolvem)

4.1. Maxixe apimentado - Solista: Silveira das Cordas

4.2. Tango para bandoneon aquático - Solista: Otto Brito

4.3. Concerto atonal para voz - Solista: Rosa Cravo

4.4. Milonga para violão - Solista: Ringo Stone

4.5. Rapsódia para piano em Inclusão Maior - Solista: Helena Kordiakov

4.6. Samba canção em melancolia azul - Solista: Augusto Evans

4.7. Suíte para bronze incandescente - Solista: Carlota Costa

4.8. Sinfonia no. 3 em lá maior, dita Luminosa (op.90) - Solista: Izadora Luz

4.9. Partido alto para contrabaixo em Sol Bemol - Solista: Romeo Tequiero

4.10. Luau para uma cidade - Solista: Cintra Jr.

4.11. Fox-trot em flores se abrindo - Solista: Stelinha Gonzaga

## V. “Festa acabada, músicos a pé”.?

## VI. Influências

6.1. Sites

6.2. Gravações

6.3. Influências

## VII. Notas soltas

7.1. Filmes

7.2. Piadas

7.3. Complementos das entrevistas

## VIII. Recados

**Observação:** os links foram removidos desta versão em papel. No ambiente virtual é possível acessar cada endereço a partir destes títulos.

## FILMES

Destaquei nesta seção filmes que, de alguma maneira, trouxeram-me questões levantadas neste estudo:

diferenças, identidades, inclusão etc.

Outros filmes estão aqui indicados simplesmente por serem maravilhosos.

### **REI DE COPAS (THE KING OF HEARTS).**

Com Alan Bates, Adolfo Celi, Michel Serrault, Pierre Brasseur, Jean-Claude Brialy, e Geneviève Bujold;

**Direção:** Philippe de Broca.

**Produção:** Franco-italiana.

**Argumento:** A primeira Guerra Mundial chega ao fim. Os alemães recuam e os aliados avançam. Uma pequena cidade da França espera por sua libertação. O soldado Plantique tem a missão de ir à cidade descobrir os planos finais dos alemães. Ao se deparar com habitantes pouco convencionais, descobre que o limiar entre loucura e sanidade realmente não existe. O filme - um clássico de Philippe de Broca, com atuações magistrais do elenco - discute com cenas e imagens memoráveis esse limiar tênue entre loucura e sanidade e mostra as identidades fixadas dentre estes padrões. O lugar do louco, a roupa do louco, o lugar do soldado a farda do soldado, o lugar de quem não é louco...

**Ano de lançamento:** 1966;

### **O ANJO AZUL (DER BLAUE ENGEL).**

Com Emil Jannings, Marlene Dietrich, Kurt Gerron, Rosa Valetti, Hans Albers, Reinhold Bernt, Eduard von Winterstein, Hans Roth, Rolf Müller, Roland Varno.

**Direção:** Josef Von Sternberg

**Produção:** Alemanha.

**Argumento:** Immanuel Rath é um severo, porém respeitado professor. Descobre em sua aula alguns alunos passando cartões postais de uma sensual cantora de cabaré (Lola), que se apresenta no "O Anjo Azul", um clube local. Pensando em pegar alguns dos seus estudantes, Rath vai ao cabaré, mas é envolvido pela selvagem atmosfera quando a sedutora Lola entra em cena, usando meias compridas, cinta liga, salto alto e uma cartola, que cobria parcialmente seus cabelos louros. Rath imediatamente se encanta com ela. Mais tarde ela canta para ele, que bebe champanhe e no dia seguinte acorda embaraçado em sua cama. Sabendo como Rath tinha passado a noite, seus alunos fazem caricaturas obscenas e desenhos maliciosos no quadro-negro da sala de aula. Ela passa a ser motivo de zombaria dos alunos, passa a ser chamado de "Professor Unrat" e perde seu cargo na respeitada escola. Em um gesto solene ele recolhe seus objetos de dentro da carteira de professor e se despede da escola. Rath, então,

segue para o Cabaré e se casa com Lola. Passando a viver com ela e a companhia de teatro em suas turnês.

A partir deste ponto a jornada identitária de Rath se mostra tumultuada. Sem trabalho ele consome todo seu dinheiro até precisar trabalhar em pequenos esquetes no palco. Sua resistência em transformar-se e o saudosismo pela vida anterior vão se transformando em mágoa, raiva e, por fim, loucura. Ao voltar para sua cidade natal, perturba-se com a idéia de ter que se apresentar no palco diante de todos e se descontrola.

O professor sofre o drama de estar atrelado definitivamente a uma identidade e não conseguir modificar-se, não poder deixar para trás coisas de seu passado e viver de maneira diferente.

**Ano de lançamento:** 1930;

### **JANELA DA ALMA. (Documentário)**

**Direção:** João Jardim e Walter Carvalho

**Produção:** Brasileira

**Tempo de Duração:** 73 minutos;

**Argumento:** Dezenove pessoas com diferentes graus de deficiência visual, da miopia discreta à cegueira total, falam como se vêem, como vêem os outros e como percebem o mundo. O escritor e prêmio Nobel José Saramago, o músico Hermeto Paschoal, o cineasta Wim Wenders, o fotógrafo cego franco-esloveno Evgen Bavcar, o neurologista Oliver Sacks, a atriz Marieta Severo, o vereador cego Arnaldo Godoy, entre outros, fazem revelações pessoais e inesperadas sobre vários aspectos relativos à visão: o funcionamento fisiológico do olho, o uso de óculos e suas implicações sobre a personalidade, o significado de ver ou não ver em um mundo saturado de imagens e também a importância das emoções como elemento transformador da realidade se é que ela é a mesma para todos.

**Ano de lançamento (Brasil):** 2002;

### **LUGARES COMUNS (LUGARES COMUNES).**

Com Federico Luppi, Mercedes Sampietro.

**Direção:** Adolfo Aristarain

**Produção:** Argentina e Espanha.

**Argumento:** A vida de um professor universitário muda depois que é obrigado pelo governo a se aposentar. Os temas discutidos no filme trazem como pano de fundo a crise social e política vivida na Argentina. Aborda a autonomia, do pensar, do sentir, da política, do viver.

**Ano de lançamento:** 2002;

### **O CORTE (LE COUPERET).**

Com José Garcia, Karin Viard, Olivier Gourmet.

**Direção:** Costa-Gavras

**Produção:** França/Bélgica/Espanha/França;

**Argumento:** Bruno Davert (José Garcia) é um profissional realizado e pai de família feliz. Até o dia em que (vitimado pela onda de terceirização nas empresas) perde o emprego que tinha há anos numa fábrica de papel. Depois de passar longos meses sem arrumar novo trabalho, ele começa a desenvolver um

comportamento a cada dia mais louco. Investiga quem são seus maiores concorrentes e passa a matar um por um. Com humor negro, situações inusitadas e a atuação genial de José Garcia, o filme discute a crise atual social e econômica na Europa, bem como os efeitos do desemprego nas identidades.

**Ano de lançamento:** 2005;

### **MAR ADENTRO. (MAR ADENTRO).**

Com Javier Bardem e Belén Rueda.

**Direção:** Alejandro Amenábar.

**Produção:** Espanhola

**Argumento:** Ramón Sampiedro é um tetraplégico que luta contra o Estado por anos, em função de sua escolha de morrer com dignidade. O filme fala da viagem interior realizada pela mente, discute a impotência diante da potência que vem das escolhas, a polêmica sobre a eutanásia e sobre a liberdade de escolha.

**Ano de lançamento** (Espanha): 2004

### **A PESSOA É PARA O QUE NASCE. (Documentário)**

**Direção:** Roberto Berliner

**Produção:** Brasileira

**Duração:** 84 minutos;

**Argumento:** “Três irmãs, cegas de nascença e cantoras, encontram o seu estar no mundo na música. Maria, Regina e Conceição são habitantes de Campina Grande, Paraíba, e cantam pelas ruas da cidade a fim de complementar a renda familiar, sustentada pela mísera aposentadoria. É nessa rotina dura e realista das “Ceguinhas de Campina Grande”, como são conhecidas pela cidade, que nos sensibilizamos e tornamos íntimos das três vidas ali contadas com sinceridade e ternura”.

**Ano de lançamento** (Brasil): 2003;

**Site:** <http://www.bornstobebblind.com/>

### **ESTAMIRA (documentário)**

**Direção:** Marcos Prado

**Argumento:** Estamira é uma senhora de mais de 60 anos que apresenta distúrbios mentais, vivia e trabalhava (à época da produção) no aterro sanitário Jardim Gramacho, local que recebe o lixo produzido na cidade do Rio de Janeiro. O documentário aborda a temática da loucura e da sanidade.

**Ano de lançamento:** 2005

**Site:** <http://www.estamira.com.br/>

### **CRASH (CRASH NO LIMITE).**

Com Sandra Bullock, Brendan Frasier, Matt Dillon, Don Cheadle.

**Direção:** Paul Haggis

**Produção:** EUA.

**Argumento:** “Mostra uma visão agressiva e perturbadora das complexidades que envolvem as questões raciais na América contemporânea”. Fala de diferença e identidade e da difícil convivência urbana entre diferentes etnias nos EUA.

**Ano de lançamento:** 2004;

**Site:** <http://www.crashfilm.com/>

### **PEQUENA MISS SUNSHINE (LITTLE MISS SUNSHINE).**

Com Greg Kinnear, Toni Collete, Steve Carell, Alan Arkin, Paul Dano e Abigail Breslin.

**Direção:** Jonathan Dayton e Valerie Faris.

**Produção:** EUA;

**Argumento:** “Nenhuma família é verdadeiramente normal, mas a família Hoover extrapola. O pai desenvolveu um método de auto-ajuda que é um fracasso, o filho mais velho fez voto de silêncio, o cunhado é um professor suicida e o avô foi expulso de uma casa de repouso por usar heroína. Nada funciona para o clã, até que a filha caçula, a desajeitada Olive é convidada para participar de um concurso de beleza para meninas pré-adolescentes. Durante três dias eles deixam todas as suas diferenças de lado e se unem para atravessar o país numa kombi amarela enferrujada”. O filme aborda a resistência diante dos padrões de normalidade, conduta e beleza.

**Ano de lançamento:** 2006;

### **FILADÉLFIA (PHILADELPHIA)**

Com Tom Hanks, Denzel Washington, Antonio Bandeiras e Joanne Woodward.

**Direção** – Jonathan Demme

**Produção:** EUA;

**Argumento:** Um advogado (Andrew) é recém-contratado por uma grande firma de advocacia da Filadélfia. Quando adoece e começa a apresentar os primeiros sintomas da Aids, confirma-se que ele é portador do vírus do HIV. Após a notícia se espalhar na empresa, Andrew é sabotado e imediatamente despedido da firma por seus chefes. Andrew tenta contratar um advogado para que possa acionar a justiça e processar a firma, mas ninguém quer assumir seu caso. Numa última esperança, ele vai até Joe Miller, um advogado de pequenas causas que se revela ser secretamente homofóbico. No entanto, depois de passarem várias horas juntos, Joe percebe que Andrew é uma pessoa normal como ele, e passam a se respeitar e confiar um no outro.

**Ano de lançamento:** 1993;

### **SHINE (BRILHANTE)**

Com Geoffrey Rush e Armin Mueller-Stahl no elenco.

**Direção:** Scott Hicks

**Produção:** Austrália

**Argumento:** Um jovem talentoso na música precisa enfrentar o pai dominador e seus próprios problemas psicológicos em busca da perfeição. A história foi baseada na vida do pianista David Helfgott (Australiano) que sofre de um tipo de esquizofrenia. Filme interessante para discutir a temática da normalidade.

**Ano de lançamento:** 1996;

### **WARAI NO DAIGAKU (ESCOLA DO RISO)**

Com Kôji Yakusho (Mutsuo Sakisaka); Goto Inagaki (Hajime Tsubaki); Tae Kimura; Masao Komatsu e Masaya Takahashi.

**Produção:** Japão

**Direção:** Mamoru Hosi

**Argumento:** Japão, 1940. Mutsuo Sakisaka (Kôji Yakusho) é um censor do governo cuja missão é assegurar o teor patriótico das peças de teatro apresentadas na cidade. Hajime Tsubaki (Goto Inagaki) é um escritor de peças, comediante, que deseja aprovação para encenar uma peça baseada em "Romeu e Julieta" de Shakespeare. Sakisaka insiste em modificar o teor da peça, inicialmente por motivações políticas e posteriormente por discordar de sua estética. Ambos passam a reescrever o texto, o que faz com que se empolguem com o material em desenvolvimento. A relação entre os dois se transforma ao longo do filme em uma magnífica alternância e mistura de papeis. Um filme comovente!

**Ano de Lançamento:** 2004

### **HAROLD AND MAUDE (ENSINA-ME A VIVER)**

Com Ruth Gordon; Bud Cort; Vivian Pickles; Cyril Cusack; Charles Tyner; Ellen Geer.

**Direção:** Hal Ashby

**Produção:** EUA

**Argumento:** O relacionamento entre um rapaz de 20 anos com obsessão pela morte, que passa seu tempo indo a funerais ou simulando suicídios, e uma senhora de 79 anos encantada com a vida. Eles passam muito tempo juntos e, durante esta convivência, ela expõe a beleza da vida. Ele decide se casar com ela, mas, no entanto uma surpresa o aguarda que mudará sua vida para sempre.

**Música:** Cat Stevens

**Ano de Lançamento:** 1972

### **AMARCORD (AMARCORD)**

Com Pupella Maggio; Armando Brancia; Magali Noël; Ciccio Ingrassia; Nando Orfei; Luigi Rossi; Bruno Zanin; Gianfilippo Carcano; Josiane Tanzilli.

**Direção:** Federico Fellini

**Produção:** Itália / França

**Argumento:** Através dos olhos de Titta, um garoto impressionável, o diretor dá uma olhada na vida familiar, religião, educação e política dos anos 30, quando o fascismo era a ordem dominante. Entre os personagens estão o pai e a mãe de Titta, que estão constantemente batalhando para viver, além de um padre que escuta confissões só para dar asas à sua imaginação.

A genialidade de Fellini ao retratar estes "tipos humanos" é deliciosamente divertida.

**Ano de Lançamento:** 1973

### **A DAY WITHOUT A MEXICAN (UM DIA SEM MEXICANOS)**

Com Caroline Aaron; Melinda Allen; Yareli Arizmendi; Todd Babcock; Maria Beck; Yeniffer Behrens; Arell Blanton;

**Direção:** Sergio Arau

**Produção:** *EUA /Espanha*

**Argumento:** Da noite para o dia, um terço da população da Califórnia simplesmente desaparece. Os 14 milhões de desaparecidos têm em comum as raízes hispânicas: são policiais, médicos, operários e babás que garantiam o bem-estar da população branca. Enquanto autoridades procuram explicações para o caso - abdução alienígena, terrorismo biológico, causas sobrenaturais - os californianos começam a perceber a importância dos antes desvalorizados chicanos.

Apesar de a cena final comprometer a história – a meu ver – o filme levanta a questão do racismo contra os hispânicos nos EUA e mostra situações bem interessantes. Talvez seja um tanto profético em tempos de crise mundial: quem sabe não valerá mais a pena voltar pra casa do que “sofrer em dólar”?

**Ano de Lançamento:** 2004

### **FREEDOM WRITERS (ESCRITORES DA LIBERDADE)**

Com Hilary Swank; Patrick Dempsey; Scott Glenn e Imelda Staunton;

**Direção:** Richard LaGravenese

**Produção:** Alemanha/EUA

**Argumento:** O filme é baseado no livro "The Freedom Writer's Diaries: How a Teacher and 150 Teens Used Writing to Change Themselves and the World Around Them" (algo como "O Diário dos Escritores da Liberdade: Como uma Professora e 150 Adolescentes Usaram a Escrita para Mudá-los e o Mundo ao seu Redor") escrito pela professora do ensino médio Erin Gruwell e seus alunos. No livro, Gruwell e seus alunos que eram considerados impossíveis de aprender algo, saem numa odisséia que mudará suas vidas, abrirá seus olhos para o mundo e os fará crescer, contra a ignorância, a incompreensão, e as forças negativas em suas vidas. O filme se passa em um período em que estourava nas ruas a guerra inter-racial americana. Para os jovens da classe de Gruwell, conseguir sobreviver o dia a dia da guerra entre as raças no meio da rua, já era um feito muito grande. E é a partir do respeito e a forma de tratar os alunos como nenhum outro professor havia tratado, ou seja, escutando-os como adultos que estavam se formando, que ela conquista um a um.

**Ano de lançamento:** 2007;

### **THE ADVENTURES OF PRISCILLA, QUEEN OF THE DESERT (PRISCILLA A RAINHA DO DESERTO)**

Com Terence Stamp, Hugo Weaving e Guy Pearce.

**Direção:** Stephan Elliott

**Produção:** Austrália

**Argumento:** Dois travestis, Anthony/Mitzi e Adam/Felicia, e uma transsexual, Bernadette/Ralph, são contratados para fazer um show em um *resort* em Alice Springs, uma cidade turística no remoto deserto australiano. Eles viajam a bordo de seu ônibus, Priscilla. No caminho, descobrem que a mulher que os contratou é a esposa de Anthony. O ônibus quebra, e é consertado por Bob, que passa a viajar com eles. O filme aborda a questão das identidades como uma construção constante, marginal, em uma sociedade em transição e na qual a estrutura familiar

também

muda;

**Ano de lançamento:** 1994

### **"PROVA D'ORCHESTRA" (ENSAIO DE ORQUESTRA)**

Com Balduin Baas; Clara Colosimo; Elizabeth Labi; Ronaldo Bonacchi; Ferdinando Villella;

**Direção:** Federico Fellini

**Produção:** Itália

**Argumento:** O filme inicia com a demonstração exaltada dos egos dos instrumentos musicais incorporados aos personagens. Encontramos todos os "tipos" que habitam as organizações contemporâneas com as máscaras e alegorias musicais. O louco, a fútil, o autoritário, o saudosista... Cada músico fala do seu instrumento e da sua experiência e enfatiza a importância de sua participação na realização do concerto. Todos são protagonistas.

Novamente Fellini, com sua maestria, consegue trazer imagens para usar uma orquestra sinfônica como metáfora da humanidade explorando alegrias, tristezas, ressentimentos, frustrações e conquistas através dos músicos.

**Ano de lançamento:** 1978

### **TEMPO DE DESPERTAR (AWAKENINGS).**

Com Robin Williams, Robert De Niro, Julie Kavner e Penelope Ann Miller.

**Direção:** Penny Marshall.

**Produção:** EUA

**Argumento:** Bronx, 1969. Malcolm Sayer é um neurologista que conseguiu emprego em um hospital psiquiátrico. Lá ele encontra vários pacientes que aparentemente estão catatônicos, mas Sayer sente que eles estão só "adormecidos" e que se forem medicados da maneira certa poderão ser despertados. Assim pesquisa o assunto e chega à conclusão de que a L-DOPA, uma nova droga que já estava sendo usada para pacientes com o Mal de Parkinson, deve ser o medicamento ideal para estes casos. No entanto, ao levar o assunto para o diretor, ele autoriza que apenas um paciente seja submetido ao tratamento. Imediatamente Sayer escolhe Leonard Lowe, que há décadas estava "adormecido". Gradualmente Lowe se recupera e isto encoraja Sayer em administrar L-DOPA em outros pacientes, sob sua supervisão. Logo os pacientes mostram sinais de melhora e também mostram-se ansiosos em recuperar o tempo perdido. Mas, infelizmente, Lowe começa a apresentar estranhos e perigosos efeitos colaterais.

A história é baseada na experiência relatada no livro do neurologista Oliver Sacks e mostra-nos que a mente humana é imprevisível.

**Ano de lançamento:** 1990;

### **KINSEY (KINSEY - VAMOS FALAR DE SEXO).**

Com Liam Neeson e Laura Linney.

**Direção:** Bill Condon.

**Produção:** Norte Americana.

**Argumento:** Filme acompanha a trajetória pessoal e profissional de Alfred Kinsey, um professor de biologia que causou escândalo na mídia ao pesquisar e publicar

livros sobre o comportamento sexual das pessoas nos EUA nos anos 40. Em uma sociedade conservadora, preconceituosa e para qual o sexo era um enorme tabu, Kinsey e sua equipe vão descobrindo percebendo, que a falta de informação e a busca pela normalidade são padrões constantes na sociedade;

**Ano de lançamento:** 2004

### **E LA NAVE VA (E LA NAVE VA)**

Com Freddie Jones; Barbara Jefford; Victor Poletti; Peter Cellier; Elisa Mainardi; Norma West; Paolo Paoloni; Sarah-Jane Varley; Pina Bausch;

**Direção:** Federico Fellini

**Produção:** Itália/França

**Argumento:** Junho de 1914. O navio Gloria N. deixa Nápoles levando as cinzas da cantora lírica grega Edmea Tutea, que serão jogadas no mar da Grécia. Entre os passageiros estão diversos artistas e nobres, de vários países. Durante a viagem o navio acolhe refugiados sérvios, o que traz problemas quando ele é abordado por uma embarcação do Império Austro-Húngaro, que tinha declarado guerra à Sérvia recentemente.

Neste filme Fellini retrata com maestria "tipos humanos" incríveis e expõe algumas vaidades do mundo da ópera.

**Ano de Lançamento:** 1983

### **ROSSO COME IL CIELO (VERMELHO COMO O CÉU)**

Com Francesco Campobasso; Luca Capriotti; Simone Colombari; Marco Cocci; Andrea Gussoni; Patrizia La Fonte; Paolo Sassanelli

**Direção:** Cristiano Bortone

**Produção:** Itália

**Argumento:** A história se passa nos anos 70. Mirco é um garoto toscano de 10 anos que é apaixonado por cinema. Entretanto, após um acidente, ele perde a visão. Rejeitado pela escola pública, que não o considera uma criança normal, ele é enviado a um instituto de deficientes visuais em Gênova. Lá descobre um velho gravador, com o qual passa a criar histórias sonoras.

Mirco subverte a estrutura do instituto provocando uma verdadeira reviravolta em sua história.

**Ano de Lançamento:** 2006

### **NOISE (PASSANDO DOS LIMITES)**

Com Tim Robbins, Bridget Moynahan, William Hurt, Margarita Levieva.

**Direção:** Henry Bean

**Argumento:** Apesar de o roteiro ser um tanto inconsistente a questão levantada pelo filme é bastante relevante. Trata-se do convívio com os outros: qual é o limite do que pode ser considerado incômodo? Você pode fechar sua janela para não ouvir os barulhos de sua cidade, de seu vizinho, mas e se quiser deixá-la aberta?

David Owen muda-se para Nova York e se apaixona pela cidade, mas vive um problema: o barulho da metrópole. Alarmes de carros, sirenes, sinalizadores de ré, barulho de caminhões de lixo etc. Todos estes ruídos começam a deixá-lo à beira de um surto. Quando chega ao seu limite, passa a depredar carros e é preso. Ao perceber o desprezo das autoridades e o descaso das outras pessoas, diante de

seu problema, ele resolve tomar uma atitude mais drástica, transformando-se no Retificador: uma figura que passa a sistematicamente depredar carros, prédios etc, deixando um adesivo de advertência no local. A história leva o personagem à luta por uma lei municipal contra o uso de alarmes em carros na cidade.

**Produção:** EUA

**Ano de lançamento:** 2007

### **THE SCARLET LETTER (A LETRA ESCARLATE)**

Com Demi Moore, Gary Oldman e Robert Duvall.

**Direção:** Roland Joffé

**Produção:** EUA

**Argumento:** Em 1666 em *Massachussetts*, Bay Colony, uma bela mulher casada com um médico chega em uma localidade na frente do marido, com a incumbência de providenciar um lar para o casal. Mas ela apaixonada-se por um reverendo, que tem por ela os mesmos sentimentos. No entanto, eles reprimem tais emoções pelo fato dela ser casada, mas quando ela supõe que seu marido foi morto pelos índios ela se sente livre e acaba ficando grávida do reverendo. Mas, como apesar de ficar presa e socialmente marginalizada ela se recusa a dizer o nome do pai da criança, passa então a portar um "A" de adúltera bordado em cores vermelhas em suas roupas, como símbolo de sua vergonha perante a sociedade local.

**Ano de Lançamento:** 1995

### **LÍNGUA - VIDAS EM PORTUGUÊS (LÍNGUA - VIDAS EM PORTUGUÊS)**

Com participações de Mia Couto; José Saramago; Martinho da Vila; João Ubaldo Ribeiro; Teresa Salgueiro; Edinho.

**Direção:** Victor Lopes

**Produção:** *Brasil / Portugal*

**Argumento:** Documentário. Todo dia duzentos milhões de pessoas levam suas vidas em português. Fazem negócios e escrevem poemas. Brigam no trânsito, contam piadas e declaram amor. Todo dia a língua portuguesa renasce em bocas brasileiras, moçambicanas, goesas, angolanas, japonesas, cabo-verdianas, portuguesas, guineenses. Novas línguas mestiças, temperadas por melodias de todos os continentes, habitadas por deuses muito mais antigos e que ela acolhe como filhos. Língua da qual povos colonizados se apropriaram e que devolvem agora, reinventada. Língua que novos e velhos imigrantes levam consigo para dizer certas coisas que nas outras não cabe.

**Ano de Lançamento:** 2004

### **PRO DIA NASCER FELIZ (PRO DIA NASCER FELIZ)**

**Direção:** João Jardim

**Produção:** Brasil

**Argumento:** Documentário mostra situações que adolescentes brasileiros enfrentam na escola e na vida, envolvendo preconceito, precariedade, violência e esperança. Adolescentes de 3 estados, de classes sociais distintas, falam de suas vidas na escola, seus projetos e inquietações.

**Ano de Lançamento:** 2006

Site: <http://www.copacabanafilmes.com.br/prodianascerefeliz/>

### **MADADAYO. (MADADAYO).**

Com Tatsuo Matsumura, Kyoko Kagawa, Hisashi Igawa.

**Direção:** Akira Kurosawa.

**Produção:** Japonesa.

**Argumento:** O filme mostra as duas últimas décadas da vida de Hyakken Uchida, um escritor e professor que se aposenta durante os anos da segunda guerra mundial (anos 40). Seus alunos com saudades e reconhecendo o talento do professor, seus antigos alunos fazem constantes reuniões para matar as saudades do professor, em um ritual que o prepara para a morte, que pode estar mais perto a cada ano. Enquanto isso, a vida continua.

O filme fala sobre a comovente relação entre os alunos e o professor e as mudanças que o país vai sofrendo durante a guerra.

**Ano de lançamento:** 1993

### **I'M NOT THERE (NÃO ESTOU LÁ)**

Com Cate Blanchett, Ben Whishaw, Christian Bale, Richard Gere, Heath Ledger

**Direção:** Todd Haynes

**Argumento:** Este filme faz uma jornada nada convencional dentro da vida de Bob Dylan, valendo-se de várias fases da vida do compositor. Seis atores diferentes retratam o artista em uma série de personalidades que oscilam, indo desde um Dylan público ao privado e ao fantasioso - é um rico e colorido retrato desse sempre alusivo ícone americano. Poeta, profeta, um marginal, fora-da-lei, um dissimulado, um astro, mártir do rock & roll e um cristão renascido - sete identidades trançadas juntas. Sete órgãos vibrando e explodindo na história de uma única vida.

O grande interesse do filme, para mim, não é a questão biográfica do cantor, mas sim, poder assistir sua identidade fragmentada e mostrada por seis atores **completamente** diferentes. A atriz (Cate Blanchett) que representou uma das identidades ganhou prêmios por sua atuação.

**Produção:** EUA

**Ano de lançamento:** 2007

**Site Oficial:** <http://www.imnotthere-movie.com>

### **THE TERMINAL (O TERMINAL)**

Com Tom Hanks, Catherine Zeta-Jones e Stanley Tucci.

**Direção:** Steven Spielberg

**Produção:** EUA

**Argumento:** Enquanto Viktor viaja de avião para a cidade de Nova Iorque, o governo de seu país sofre um golpe e seu passaporte perde a validade, deixando-o preso no Aeroporto Internacional John F. Kennedy. Nos nove meses seguintes, Viktor é obrigado a viver num terminal em construção. Ele acaba fazendo amizade com os funcionários do terminal, incluído a comissária de bordo Amelia Warren, ao mesmo tempo que é vigiado pelo oficial da Imigração Frank Dixon, o qual deseja que o "problema Navorski" seja removido do aeroporto. O filme aborda o papel do

estrangeiro, uma presença indesejável na antiga terra da Liberdade, os Estados Unidos da América. Discute as relações de poder entre identidades;

**Ano de lançamento:** 2004;

### **PLEASANTVILLE (A VIDA EM PRETO E BRANCO)**

Com Tobey Maguire, Reese Whitterspoon, Jeff Daniels, William H. Macy e Joan Allen.

**Direção:** Gary Ross

**Produção:** EUA

**Argumento:** Dois irmãos brigam e acabam "entrando" no mundo bucólico de um seriado americano dos anos 50, onde passam a viver diferentes experiências. Filme aborda com delizadeza o que acontece com as pessoas que mudam, quando quebram seus paradigmas;

**Ano de lançamento:** 1998;

### **YI GE DOU BU NENG SHAO (NENHUM A MENOS)**

Com Wei Minzhi, Zhang Huike, Tian Zhenda, Gao Enman, Sun Zhimei.

**Direção:** Zhang Yimou

**Produção:** Chinesa.

**Argumento:** Em uma escola rural na China, uma menina, transformada em professora, fica com a incumbência de cuidar dos alunos, na ausência o professor titular. Um de seus alunos deixa a escola para ir trabalhar na cidade. Determinada a trazê-lo de volta, a professora parte em sua busca, empreendendo uma jornada que envolve a ela, os outros alunos e membros da comunidade;

## **PIADAS ENVOLVENDO O CONGELAMENTO DE IDENTIDADES**

### **“Filhos Italianos X Filhos Americanos”**

Filhos americanos: Saem de casa aos 18 anos com total apoio dos pais.

Filhos italianos: Saem de casa aos 28 anos tendo poupado dinheiro suficiente para comprar uma casa e pagar duas semanas de lua de mel quando casarem... Mesmo assim, eles mantém um quarto na casa dos pais para os fins-de-semana.

Filhos americanos: Quando a mãe os visita leva um bolo, os filhos servem café e eles conversam.

Filhos italianos: Quando a mamma os visita, ela leva comida para três dias e começa a lavar e passar roupa, limpar e arrumar a casa.

Filhos americanos: Seus pais sempre avisam quando vão visitá-los e, geralmente, isto acontece só em ocasiões especiais.

Filhos italianos: Eles nunca sabem quando os pais vão aparecer logo às oito da manhã de sábado e começar a podar as suas árvores frutíferas. E, se não houverem árvores frutíferas eles plantam.

Filhos americanos: Sempre pagam aluguel e procuram nas páginas amarelas quando precisam de algum serviço.

Filhos italianos: Ligam para os pais e tios e pedem o telefone de outros pais e tios que possam ter o número de telefone do serviço que eles precisam.

Filhos americanos: Visitam os pais para comer um bolo com café e fazem só isso, mais nada.

Filhos italianos: Visitam os pais para tomar um café, comer bolo, antepasto, vinho, um bom prato de massa, carne, salada, pão, sobremesa, frutas, expresso e uns drinks após o jantar.

Filhos americanos: Cumprimentam os pais com "Oi" e "Olá".

Filhos italianos: Cumprimentam os pais com um grande abraço, beijos e tapinhas nas costas.

Filhos americanos: Tratam os pais por sr. e sr<sup>a</sup>.

Filhos italianos: Tratam os pais por mamma e babbo.

Filhos americanos: Nunca viram os pais chorar.

Filhos italianos: Choram junto com os pais.

Filhos americanos: Devolvem o que pedem emprestado aos pais em poucos dias.

Filhos italianos: Ficam com as coisas que pedem emprestado aos pais por tanto tempo que os pais esquecem que são deles.

Filhos americanos: Quando o jantar acaba vão para casa.

Filhos italianos: Quando o jantar acaba ficam horas conversando, rindo ou simplesmente confraternizando.

Filhos americanos: Sabem pouco sobre os pais.

Filhos italianos: Podem escrever um livro sobre os pais.

Filhos americanos: Comem sanduíches de manteiga de amendoim, geléia e pão de forma branco.

Filhos italianos: Comem sanduíche de salame, queijo colonial, pão caseiro, grostoli, conservas...

Filhos americanos: Deixam você para trás se é isto que a maioria está fazendo.

Filhos italianos: Não lhe abandonam mesmo que a grande maioria ache normal abandonar.

Filhos americanos: São amigos do momento.

Filhos italianos : São amigos por toda vida.

Filhos americanos: Gostam de Rod Stewart e Steve Tyrell.  
Filhos italianos: Gostam de Laura Pausini e Andrea Bocelli

Filhos americanos: Vão ignorar esta mensagem.  
Filhos italianos: Vão repassar esta mensagem.

### **“Carta de uma mãe portuguesa”**

Lisboa - Portugal

Querido filho Manoel Joaquim,

Escrevo-te esta linha para que saibas que a mãe está viva. Vou escrever bem devagar,

pois sei que não consegues ler depressa.

Caso estejas sem tempo de escrever à mãe, manda uma carta dizendo que quando

estiveres mais tranqüilo vais mandar notícias.

Se tu viesses hoje aqui em casa não irias reconhecer mais nada, porque mudamos.

Temos agora uma máquina de lavar roupa. Mas não trabalha muito bem. Na semana passada

pus lá 14 camisas, apertei o botão e nunca mais as vi. Vai ver que esta marca Hydra não é das melhores.

Tua irmã Maria está grávida. Mas ainda não sabemos se vai ser menino ou menina. Portanto, não podemos te dizer se vais ser tio ou tia.

Teu pai arranjou um bom emprego. Tem 2300 homens abaixo dele. É o responsável pelo corte da grama do cemitério.

Quem anda sumido é teu tio Venâncio, que morreu no ano passado.

Lembra-te do teu tio Joaquim? Então... Afogou-se no mês passado num depósito de vinho. Oito compadres dele tentaram salvá-lo, mas o tio lutou bravamente contra eles. O corpo foi cremado há duas semanas. Levaram oito dias para apagar o incêndio.

Os engarrafadores de refrigerante aqui finalmente tiveram a grande idéia de colocar uma indicação na tampinha, dizendo "abra por aqui". Facilitou-nos muito a vida. Espero que os daí façam a mesma coisa.

Caso esteja difícil para ti, a mãe te manda algumas garrafas. Teu irmão, João Manuel, continua

o mesmo de sempre. Semana passada fechou o carro com as chaves dentro. Perdeu um tempão indo até a casa pegar a cópia da chave, para poder tirar-nos todos de dentro do automóvel. Estava um calor de rachar.

Por falar em calor, o tempo aqui está muito estranho. Esta semana só choveu duas vezes. Na primeira vez choveu durante 3 dias e na segunda vez choveu durante 4 dias.

Esta carta te mando através do Gabriel, que vai amanhã para aí.  
A propósito, será que podes pegá-lo no aeroporto?  
Lembrei de uma coisa importante. Terás um problema para falar com a mãe, caso decidas escrever-me. Não sei o endereço desta casa nova.  
A última família que morou aqui, antes de nós, também era portuguesa, levou a placa da rua e o número da casa para não precisar mudar de endereço.  
Se encontrases Teresa, dê-lhe um alô da minha parte. Caso não a encontres, não precisas dizer nada.

Adeus.  
Tua mãe que te ama.  
Fátima Manoela da Alcova

P.S. Ia mandar-te 2000 Euros, mas fica para outra vez. Já fechei o envelope.

### **“Engenheiro no inferno”**

O engenheiro desceu aos portões do inferno e foi admitido. Mal havia chegado, já estava insatisfeito com o baixo nível de conforto do inferno.

Logo começou a fazer projetos e várias obras de benfeitorias tomaram início. Verificou que o grande calor gerado com o fogo do inferno poderia converter em energia.

Verificou também que os precipícios que lá existiam poderiam proporcionar vistas panorâmicas.

Pouco tempo depois já havia no inferno setores climatizados com ar condicionado, escadas rolantes, elevadores panorâmicos, piscinas com água aquecida...

Com a climatização foi possível criar vários paisagismos diferenciados. O engenheiro era um cara muito popular por lá.

Um dia, Deus chamou o diabo ao telefone e perguntou, ironicamente:

- E então, como estão as coisas aí embaixo?

E o diabo respondeu:

- Uma maravilha! Agora temos ar condicionado, banheiros reformados, escadas rolantes, elevador panorâmico, isso sem falar no que o nosso engenheiro está planejando para breve!

Do outro lado da linha, surpreso, Deus exclamou:

- O quê!?! Vocês têm um engenheiro aí? Isso foi um engano!

Engenheiros nunca vão para o inferno. Mande-o subir aqui, imediatamente!

O diabo respondeu:

- Sem possibilidade! Eu gostei de ter um engenheiro e continuarei mantendo-o aqui.

Deus, já mais irritado, fala em tom de ameaça:

- Mande-o para cá, agora, ou tomarei as medidas legais necessárias.

Eis que o diabo soltou uma gargalhada:

- Hahahaha! Onde você vai arrumar um advogado?

### “Orgulho de ser mineiro...”

Durante escavações nos EUA, arqueólogos descobriram, a 100 m de profundidade, vestígios de fios de cobre que datavam do ano 1000. Os americanos concluíram que seus antepassados já dispunham de uma rede telefônica naquela época.

Os argentinos, para não ficarem para trás, escavaram também seu subsolo, encontrando restos de fibras ópticas a 200m de profundidade. Após minuciosas análises, concluíram que elas tinham 2000 anos de idade.

Os argentinos concluíram, triunfantes, que seus antepassados já dispunham de uma rede digital a base de fibra óptica quando Jesus Nasceu!

Uma semana depois, em Belo Horizonte, foi publicado o seguinte anúncio:

Após escavações arqueológicas no subsolo de Contagem, Betim, Barbacena, Formiga, Juiz de Fora, Varginha, Poços de Caldas, Itajubá, Ouro Fino, Lagoa Dourada E SÃO JOÃO DEL REI, e diversas outras cidades mineiras, até uma profundidade de 500 metros, os cientistas Mineiros não encontraram absolutamente nada.

Assim se conclui que os antigos Mineiros já dispunham há 5000 anos de uma rede de comunicações sem-fio: wireless (por isso se pronuncia "uai" reless).

## COMPLEMENTOS DAS ENTREVISTAS

### Ouvido absoluto

Helena Kordiakov

**Bel** – O que a música despertava pra você na época?

**Helena** – A leitura trazia o fascínio de poder transformar aquilo que eu lia em som. Eu descobri no final, por exemplo, como representava os acordes em Braille, como representava o sustenido e o bemol e eu queria concretizar isso sob a forma de som. Paralelamente eu também trabalhava muito com o referencial auditivo, assim, tirar as músicas de ouvido.

**Bel** – Pois é, eu já ouvi você tocando e a coisa de tocar de ouvido é bem forte, não?

**Helena** – Sim. Porque depois que eu conheci as notas eu comecei a ter a habilidade de reconhecer, de ouvir uma música e automaticamente ouvir com o nome das notas.

**Bel** - É o ouvido absoluto?

**Helena** – Isso, um pouco o que caracteriza o ouvido absoluto. Então isso me ajudou bastante. Aí eu conseguia ouvir uma melodia e reconhecer sem precisar ir ao piano e consultar que nota é. Ainda consigo. [risos] Então isso me ajudou a me apropriar mais da coisa.

### **Sustentar a casa e a música**

Romeo Tequiero

**Bel:** Como você lida com o dia-a-dia na música e a vida familiar?

**Romeo:** Olha, a rigidez da minha criação em casa, me trouxe a noção de valores e certas responsabilidades que não podem ser descumpridas. Quando eu morava sozinho em Catanduva tinha dias que faltava comida. Mas quando me casei, pra que isso não acontecesse, fiz muita loucura. Nós tivemos filho muito cedo. Então eu morava em Cosmópolis e ia pra Taquaritinga, dava uns 220 km. Eu saía de casa numa quinta feira ia até o portal de entrada da cidade, com o baixo nas costas. Pegava carona até a Anhangüera de lá pegava carona até um posto próximo a Washington Luís em Limeira, e pegava carona até Taquaritinga. E nunca atrasei em nenhum ensaio! Cheguei em todos os ensaios no horário! Era 13:30 eu saía de casa 06:00. Teve uma época que eu ia para Tatuí nas quartas e pegava carona também. Porque eu fazia isso? Eles me davam ajuda pra condução ida e volta, mas eu usava só na volta, pois era mais difícil de pegar carona à noite. Eu precisava do dinheiro e guardava o dinheiro da ida. Em dois anos que trabalhei com a banda ficamos parados só dois finais de semana. Depois montei uma escola de música em casa e saía atrás de aluno na cidade. Mas isso era muito difícil, pois esse número de aluno não era fixo, alguns precisavam parar, enfim, até isso era irregular. Mas fui fazendo outras coisas, bicos de todo tipo! Depois comecei a tocar com um amigo aqui de Campinas que fazia bares e disse do meu interesse em tocar em bares com cantor. Foi que ele me apresentou a você. E começamos nosso trabalho. Depois foi você quem me disse que eu poderia dar aulas de música em escolas, pois eu desconhecia esse universo. Aí ingressei em algumas escolas e hoje parei com as aulas particulares.

## **Ninguém vê**

Ringo Stone

Recebi este texto de Ringo Stone, um dos solistas desta composição.  
Não se trata de um complemento de sua entrevista, mas considerei uma  
contribuição interessante a ser acrescentada ao trabalho.

Este texto é de Luiz Fernando Veríssimo.

### **E tudo mudou...**

O rouge virou blush,  
O pó-de-arroz virou pó-compacto,  
O brilho virou gloss,  
O rímel virou máscara incolor;

A Lycra virou stretch,  
Anabela virou plataforma;  
O corpete virou porta-seios...  
Que virou sutiã...  
Que virou lib...  
Que virou silicone!

A peruca virou aplique... Interlace... Megahair... Alongamento!  
A escova virou chapinha,  
'Problemas de moça' viraram TPM;

Confete virou MM  
A crise de nervos virou estresse,  
A chita virou viscosa,  
A purpurina virou gliter,  
A brilhantina virou mousse...

Os halteres viraram bomba,  
A ergométrica virou spinning,  
A tanga virou fio dental...

. . . E o fio dental virou anti-séptico bucal

Ninguém mais vê:  
Ping-Pong porque virou Bubaloo,  
O à-la-carte porque virou self-service,

A tristeza porque agora é depressão,  
O espaguete porque virou Miojo pronto,  
A paquera porque virou pegação,  
A gafeira porque virou dança de salão,

O que era praça virou shopping,  
A areia virou ringue,  
A caneta virou teclado,  
O LP virou CD,

A fita de vídeo é DVD,  
O CD já é MP3,  
É um filho onde eram seis,  
O álbum de fotos agora é mostrado por e-mail,

O namoro agora é virtual,  
A cantada virou torpedo,  
E do 'não' não se tem medo,  
O break virou street,

O samba, pagode  
O carnaval de rua virou Sapucaí,  
O folclore brasileiro, halloween  
O piano agora é teclado, também...  
O forró de sanfona ficou eletrônico,  
Fortificante não é mais Biotônico,  
Polícia e ladrão virou counter strike,

Folhetins são novelas de TV,  
Fauna e flora a desaparecer,  
Lobato virou Paulo Coelho,  
Caetano virou um pentelho,

Baby se converteu,  
RPM desapareceu,  
Elis ressuscitou em Maria Rita?  
Gal virou fênix,  
Raul e Renato,  
Cássia e Cazuza,  
Lennon e Elvis,

Todos os anjos  
Agora só tocam lira...  
A AIDS virou gripe,  
A bala antes encontrada agora é perdida,  
A violência está coisa maldita!  
A maconha é calmante,

O professor é agora o facilitador,  
As lições já não importam mais,  
A guerra superou a paz,  
E a sociedade ficou incapaz...  
... De tudo.  
... Inclusive de notar essas diferenças.

### **Pianista erudito**

Helena Kordiakov

**Helena** – É... Vida estável tem o músico de orquestra, ainda por cima o que está empregado, porque o pianista, por exemplo, o concertista já não tem isso. Ele não se enquadra muito em lugar nenhum porque ele teria que ter um lugar pra fazer turnê solo e os espaços na verdade, não existem. Os músicos que tem agenda, salário fixo, são os músicos de orquestra. O pianista erudito já vive uma condição bem diferente... A instabilidade é maior e a restrição do campo de trabalho também.

### **Habeas Pinho**

Romeo Tequiero

Recebi este de Romeo Tequiero, um dos solistas desta composição.  
Não se trata de um complemento de sua entrevista, mas considere uma contribuição interessante a ser acrescentada ao trabalho.

#### **HABEAS PINHO - UMA POESIA E SUA HISTÓRIA**

Em Campina Grande, na Paraíba, em 1955, um grupo de boêmios fazia serenata numa madrugada do mês de junho, quando chegou a polícia e apreendeu o violão. Decepcionado, o grupo recorreu aos serviços do advogado Ronaldo Cunha Lima, então recentemente saído da faculdade e que também apreciava uma boa seresta. Ele peticionou em Juízo, para que fosse liberado o violão. Esse petítório ficou conhecido como "Habeas Pinho" e enfeitou as paredes de escritórios de muitos advogados e bares em praias do Nordeste. Mais tarde, Ronaldo Cunha Lima foi eleito deputado estadual, prefeito de Campina Grande (cassado pelo Golpe Militar de 1964), senador da República, governador do Estado e deputado federal.

Vejamos a famosa petição:

## HABEAS PINHO

Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito da 2ª Vara desta Comarca

O instrumento do crime que se arrola  
neste processo de contravenção  
não é faca, revólver nem pistola,  
é simplesmente, doutor, um violão.

Um violão, doutor, que na verdade  
Não matou nem feriu um cidadão.  
Feriu, sim, a sensibilidade  
de quem o ouviu vibrar na solidão.

O violão é sempre uma ternura,  
instrumento de amor e de saudade.  
O crime a ele nunca se mistura.  
Inexiste entre eles afinidade.

O violão é próprio dos cantores,  
dos menestréis de alma enternecida  
que cantam as mágoas que povoam a vida  
e sufocam suas próprias dores.

O violão é música e é canção,  
é sentimento vida e alegria,  
é pureza é néctar que extasia,  
é adorno espiritual do coração.

Seu viver como o nosso é transitório,  
mas seu destino, não, se perpetua.  
Ele nasceu para cantar na rua  
e não para ser arquivo de cartório.

Mande soltá-lo pelo amor da noite  
que se sente vazia em suas horas,  
p'ra que volte a sentir o terno açoite  
de suas cordas leves e sonoras.

Libere o violão, Dr. Juiz,  
Em nome da Justiça e do Direito.  
É crime, porventura, o infeliz,  
cantar as mágoas que lhe encham o peito?

Será crime, e afinal, será pecado,  
será delito de tão vis horrores,

perambular na rua um desgraçado  
derramando na rua as suas dores?

É o apelo que aqui lhe dirigimos,  
na certeza do seu acolhimento.  
Juntada desta aos autos nós pedimos  
e pedimos também DEFERIMENTO.

Ronaldo Cunha Lima, advogado.

O juiz Roberto Pessoa de Sousa, por sua vez, despachou utilizando a mesma linguagem do poeta Ronaldo Cunha Lima: o verso popular.

Recebo a petição escrita em verso  
E, despachando-a sem autuação,  
Verbero o ato vil, rude e perverso,  
Que prende, no Cartório, um violão.

Emudecer a prima e o bordão,  
Nos confins de um arquivo, em sombra imerso,  
É desumana e vil destruição  
De tudo que há de belo no universo.

Que seja Sol, ainda que a desoras,  
E volte á rua, em vida transviada,  
Num esbanjar de lágrimas sonoras.

Se grato for, acaso ao que lhe fiz,  
Noite de luz, plena madrugada,  
Venha tocar á porta do Juiz.

## **Falsa Segurança**

Stelinha Gonzaga

**Stelinha** – Ai que linda! “Às vezes você não se sentem um tanto indefinidos?” Ai e como! [risos]. Se a gente for filosofar um pouco sobre isso a gente tem uma pseudo-definição em outras áreas, né? Tem uma tia minha que eu respeito muito e adoro. Uma vez ela falou pra mim: Stelinha, porque você não presta um concurso público pra você ter uma estabilidade, você continuaria cantando, mas aí você teria um salário, teria um... fundo de garantia...Eu entendo o que ela quis dizer. A preocupação é a mesma que ela tem com os filhos dela. Eu compreendo,

foi assim que foi estabelecido. Porém isso é tão ilusório! Não é? O que é a segurança? O que é essa definição? [aponta para a charge] Isso dá um longo papo... Eu não acho que alguém que tenha uma vida estável, entre aspas, tenha essa definição! Ou que estejam seguros de alguma coisa...

**Bel** – Parece que tudo está mudando, não?

**Stelinha** – Na verdade, quer dizer vou um pouquinho mais a fundo e dar minha visão bem pessoal. Na verdade tudo está piorando para o homem, o ser humano buscar o que realmente é importante. Eu acho que estão se desestabilizando todas as falsas seguranças: emprego, casamento, veja a família! Tudo, tudo está mudando. Tudo se desestruturando, mas isso é natural porque tudo isso é falso. Porque a verdadeira segurança é interna, é a ligação do homem com a natureza, com aquilo que cria. O homem perdeu completamente o contato com o superior, com o divino, perdeu! E é claro que tudo vai se desestruturar! Então acho que é por este motivo que esta desestruturando. Para o homem poder voltar a procurar o eu superior, que alguns chamam de Deus, ou seja, aquela coisa divina. Perdeu-se o contato com o outro ser humano, já deteriorou esta relação. Então acho que todo mundo deve se sentir indefinido mesmo estando numa profissão que é considerada segura, estável. As pessoas vão ter que acordar pra isso um dia, né?

**Bel** – Ou conviver com essa indefinição talvez. Olha só a letra dessa música...

**Stelinha** – Ah! Eu amo essa música do Lenine! Isso é o que somos! É o que somos como casca... Precário, provisório perecível...

**Bel** – Mas talvez se estivermos em equilíbrio com tudo a gente morre, não?

**Stelinha** - Sim, claro! Mas acho que essa busca, que é o que faz a gente estar aqui, ela tem que se direcionar pra um lugar mais correto. Parece que somos cabra-cegas, gira-gira e vai pra qualquer lado e não precisa ser assim! Acho muito legal isso que impulsiona a vida, essa insegurança, essa indefinição. Isso faz com que a gente evolua. Mas, puxa, vamos direcionar pra um lado de luz! Só isso que eu penso!

## **Meus filhos não estudam música**

Augusto Evans

**Evans** – Pois é. E nós não conseguimos fazer isso. Essa é a minha posição, bastante pessimista, eu reconheço, mas pelo que os alunos me trazem, pelos problemas que eles me trazem, me contam. E pela minha posição hoje desse lado do piano... Eu também me flagro às vezes as pessoas tão tocando e eu estou falando. Eu preciso me policiar... Então eu vejo como é que as pessoas se comportam... Você deve saber disso! Eu não sei se isso vem de encontro e bate de frente com sua afirmação inicial, mas eu não vejo muita mudança até agora. Eu sou até muito pessimista, tanto é que eu não estimei os meus filhos a serem músicos. Não pudei, mas não estimei e nenhum deles toca. Só meu filho mais velho toca um pouquinho.

**Bel** – Estão todos em outras áreas?

**Evans** – Ele é professor de história, a outra filha é jornalista e a outra é professora de hidroginástica e nutricionista. Todos gostam de música, vão assistir a shows, uma delas é fã incondicional do Djavan, meu filho é metaleiro, gosta de jazz também, mas agora é techno, sabe tudo de techno. A outra também, mas o negócio dela é texto, é jornalista. Minhas filhas são gêmeas, portanto elas têm um gosto assim muito parecido. Uma mora em São Paulo outra em Curitiba. Mas eu não estimei. Meu filho entendeu, as meninas parece que se ressentiram um pouco. Mas meu filho entendeu: “ele quis poupar a gente dos sofrimentos pelos quais ele passou.” É mais eles vão passar por outros sofrimentos então foi uma superproteção perfeitamente dispensável. E aqui você encontra casos de família. Aqui na UNICAMP já tem uma segunda geração estudando aqui. O pai se formou aqui e o filho está se formando agora...

## **Esses Moços - Lupicínio Rodrigues**

Esses moços  
Pobres moços  
Ah! Se soubessem o que eu sei  
Não amavam, não passavam  
Por tudo que eu já passei  
Por meus olhos, por meus sonhos

Por meu sangue, tudo enfim  
É que eu peço  
A esses moços  
Que acreditem em mim

Se eles julgam que há um lindo futuro  
Só o amor nessa vida conduz  
Saibam que deixam o céu por ser escuro  
E vão ao inferno a procura de luz  
Eu também tive nos meus belos dias  
Essa mania que muito me custou  
E só as marcas que eu trago em meu peito  
São essas rugas que o amor me deixou

### **INPS e tudo mais...**

Ringo Stone

**Bel** - Então, espera um pouco: você tinha outros empregos? Com dezoito anos você tinha uma banda, mas trabalhava em outras coisas?

**Ringo** - Sim. Eu dava aulas de violão para iniciantes, tocava e trabalhava em empresa. Já trabalhei em muitas coisas: fui servente de pedreiro, já tocando e no dia seguinte ia fazer massa, ajudar meus pais, pois na época meu pai era pedreiro. Trabalhei colocando calha nas casas, tive um bar, toquei em 'botecão' e o último emprego foi como motorista de caminhão. Eu dirigia, entregando leite, e tocando já na noite com banda. Já cheguei a fazer carnaval com uma banda muito boa em Pedreira, da Magnus Som, eu tinha conseguido entrar nesta banda na época e fazia os carnavais com eles. Foi aí que eu decidi desistir mesmo do emprego: "nossa isso aqui tá dando certo, eu vou abandonar a empresa e cair de cabeça nisso". Aí voltei com tudo aos estudos. Então com 22 anos eu abandonei essa parte de trabalho registrado e investi na área da música, mas continuei pagando essa parte de INSS para não perder isso, que era a preocupação do meu pai... Ele falava: "olha você tem que ter alguma coisa pra poder aposentar" então foi assim, por ele eu fui atrás disso aí e acho que ele estava certo também.

## **Trabalhar e estudar?**

Silverinha

**Bel:** Você fez contabilidade?

**Silverinha:** [risos] Eu não tinha opção! Ou eu ia fazer magistério que eu não curtia porque tinha que estagiar e eu não estava a fim, ou patologia, que tinha que trabalhar em laboratório e eu também não curtia. O científico talvez fosse uma opção, porque era um curso mais aberto preparatório, quase como um cursinho para o vestibular. Mas eu acabei fazendo contabilidade, pois achei fácil de eliminar logo [risos]. Mas aí eu me lembro que teve um ano que foi bem difícil porque eu tive que fazer um carnaval e fui para o Espírito Santo pra tocar e eu perdi as primeiras semanas de aula e cheguei depois com atestado e a diretora não aceitou. Fui para outra escola, que as aulas tinham começado um pouco mais tarde. Essa escola era bem ruim. Me lembro que no terceiro ano eu pensei em mudar e voltar para a outra escola para terminar o colegial numa escola melhor e me preparar para o vestibular. Quando eu voltei tinha uma diferença de grade escolar. Três disciplinas eu não tinha e no terceiro ano que tive que fazê-las à noite porque de dia eu ensaiava com a banda. Fazia adaptação de terça e quinta durante a manhã. Viajava quase todos os finais de semana para tocar... e tinha que tirar as músicas. Por isso que muito músico não faz isso e não termina o segundo grau! Porque essa coisa de ter que trabalhar é fogo. Mas eu consegui, tinha muita vontade de fazer e queria. Nunca perdi nem um ano, nunca fiquei nem em recuperação. E eu não ia parar pra isso né! E nem sabia ainda se era isso que eu ia fazer, ainda mais se eu ia continuar naquelas bandas lá...

## **Músicas que eu nem ouvi**

Silverinha

**Silverinha:** Então, terminei o mestrado no ano passado [2006]. Já no mestrado, vendo essa coisa dessa questão de improvisar dentro do choro, por exemplo, e vendo a questão da linguagem. O que é característico, o que Jacob do bandolim fazia, o que ele adotava como característica e o que ele não usava, por exemplo, quais são esses elementos. E eu comecei a refletir sobre isso, a questão da linguagem brasileira da improvisação, que é uma coisa que existe que alguns

músicos fazem, mas que ninguém sabe dizer exatamente. É uma coisa ainda muito solta.

**Bel:** Muito pouco estudada, né?

**Silverinha:** É, que eu saiba, não foi estudado isso. Fazendo um paralelo com o jazz norte-americano que já muito material você encontra material para cada estilo específico de improvisação. Tem só pro bip bop, outro só pro cool-jazz. E na música brasileira as coisas muito soltas assim e aí surgiu essa necessidade de fazer essa pesquisa que eu estou começando a desenvolver no doutorado, que é da linguagem brasileira de improvisação fazendo, claro, um recorte. Estou adotando três matrizes para desenvolver isso, que seriam o choro (que eu já venho pesquisando) o frevo e o baião. Elementos musicais desses três gêneros porque senão fica uma coisa muito ampla, né, o Brasil é enorme! Tem gêneros que eu nem... Músicas que eu nem ouvi. Música do Rio Grande do Sul, por exemplo, eu não tenho conhecimento. Música caipira do interior paulista... Então eu fiz um recorte e eu vou pegar as composições brasileiras, tanto as canções quanto peças instrumentais que tem influências destes três gêneros, ver músicos brasileiros que desenvolvem improvisação utilizando essas matrizes e fazer entrevistas com eles. Então acho que o projeto vai tentar mostrar um panorama da improvisação da música brasileira, ver a opinião de músicos que fazem isso, (como eles fazem) e no final tentar fornecer sugestões de como fazer isso, como praticar isso. Eu já pretendo fazer uma análise musical e levantar os elementos que são mais recorrentes, nestes três gêneros. Daí, me apoiando na metodologia do jazz, (e considerando o que é possível, pelas diferenças musicais e culturais), ver o que eu posso aproveitar. Ver o que posso pegar a partir das entrevistas com músicos que fazem isso e professores que adotam esses procedimentos mesmo que de maneira ainda informal. Acho que vou dar um primeiro passo, vou dar um ponta-pé inicial, pois acho que a coisa é muito ampla, tem muito terreno por aí.

### **Ser um instrumento**

Stelinha Gonzaga

**Stelinha** – O que eu mais penso, antes e durante o show é ser um instrumento. Isso é muito claro em mim. Então eu procuro não dar bola pra certas coisas que

vem do meu pensamento próprio tanto de insegurança, com de aí, que maravilha! Eu procuro deixar isso um pouquinho de lado e ser realmente um instrumento. Porque esse trabalho da Serenata eu sinto que ele tem uma missão mesmo, sabe. Missão de levar a alegria, eu sinto isso. Então quando eu vou entrar no palco eu peço: “Deus me faça instrumento desse momento.” A música hoje tá tão deturpada, a música hoje em grande parte é um instrumento do mal. As pessoas não percebem isso porque está ali um culto. Mas ela pode ser também um instrumento do bem, como qualquer arte. Os seres humanos podem ser portadores do bem ou do mal e eu procuro ser o do bem. Então na hora de entrar que eu seja um instrumento da alegria, da emoção, do romantismo, que essas pessoas saiam daqui com mais leveza, com uma boa lembrança, com boas recordações. Eu penso isso. Acho que esta é a imagem, ser um instrumento.

### **Minha relação com a Música**

Helena Kordiakov

**Helena** – Acho que minha relação com ela [música] é uma coisa mais indissociável. É uma coisa que faz parte mesmo da minha própria vida.

**Bel** - O que a música te traz?

**Helena** – Ela acompanha todo o meu cotidiano... É muito curioso porque... é...assim... ah...Por isso que eu queria entender melhor essa relação do significado da música. Acho que você também é interessada nisso porque têm músicas que marcam uma determinada época, determinadas pessoas. Existe um condicionamento muito forte. Se você ouve uma música em determinada época e aí pára de ouvir aquela música e depois de um tempo ouve novamente, na hora ela te remete àquele tempo. Então tem uma força de associação muito poderosa. Então a música faz parte mesmo do nosso cotidiano, tanto como um instrumento de trabalho, como do ponto de vista pessoal, mesmo. A gente acorda e já vai ouvir música. Todos os tempos livres a gente preenche com música. Música me ajuda a trabalhar. Tem gente que acha que atrapalha, se estiver trabalhando e ouvir música ao mesmo tempo. Na minha casa eu gosto de ouvir música enquanto estou trabalhando, estimula meu raciocínio. A música faz alusão a imagens. E também existem alguns termos que se adota em música que são termos visuais.

Então por exemplo, um som mais brilhante, ou um timbre, o som metálico e eu faço um movimento contrário. Quem enxerga usa estas metáforas pra entender o som e eu acabo usando o som pra entender essas coisas. O som acaba sendo uma fonte de referência nesse sentido.

## CHARGES ESPECIALMENTE CRIADAS PARA ESTE TRABALHO

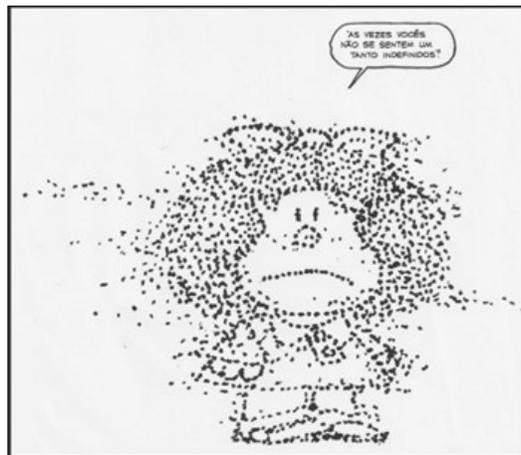
Criadas pelo cartunista Renato Stegun, as charges foram um dos diferenciais em meu trabalho. Já que não foi possível incluir nenhum link nesta “versão” impressa, apresento-as a seguir (em “preto e branco”).

Para melhor apreciação destas imagens, sugiro a consulta ao ambiente virtual ou ao CD em anexo.

<http://golem.2it.com.br/>







O cartum da personagem de quadrinhos “Mafalda”, criação de Quino, também foi utilizada no trabalho.